



NUVENS DE KETCHUP

ANNABEL PITCHER

Autora de Minha irmã mora numa prateleira

ROCCOJHIAN





NUVENS DE KETCHUP

ANNABEL PITCHER

Tradução de
Petê Rissatti

ROCCO 

*_Para o meu marido e melhor amigo, S.P.,
com todo o meu amor e agradecimento sinceros.*



SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Avenida da Ficção, 1 Bath: 1º de agosto

Avenida da Ficção, 1 Bath: 12 de agosto

Avenida da Ficção, 1 Bath: 2 de setembro

Avenida da Ficção, 1 Bath: 17 de setembro

Avenida da Ficção, 1 Bath: 27 de setembro

Avenida da Ficção, 1 Bath: 3 de novembro

Avenida da Ficção, 1 Bath: 14 de novembro

Avenida da Ficção, 1 Bath: 29 de novembro

Avenida da Ficção, 1 Bath: 3 de dezembro

Avenida da Ficção, 1 Bath: 20 de dezembro

Avenida da Ficção, 1 Bath: 25 de dezembro

Avenida da Ficção, 1 Bath: 1º de janeiro

Avenida da Ficção, 1 Bath: 22 de janeiro

Avenida da Ficção, 1 Bath: 22 de janeiro

Avenida da Ficção, 1 Bath: 3 de março

Avenida da Ficção, 1 Bath: 17 de março

Avenida da Ficção, 1 Bath: 1º de abril

Avenida da Ficção, 1 Bath: 12 de abril

Avenida da Ficção, 1 Bath: 6 de maio

Um bar na América do Sul: 11 de fevereiro

Agradecimentos

Créditos

A Autora

*Como era melancólico e mau e maluco...
mas, por outro lado, como era doce!*

Robert Browning, *Confissões*





Avenida da Ficção, 1
Bath

1º de agosto

Prezado sr. S. Harris,

Ignore a mancha vermelha no canto superior esquerdo. É geleia, não é sangue. Mas acho que eu não preciso explicar a diferença para o senhor. Não foi a geleia da sua mulher que a polícia encontrou nos seus sapatos.

A geleia no canto da carta é do meu sanduíche. De framboesa, feita em casa. Vovó quem fez. Ela morreu há sete anos, e aquela geleia foi a última coisa que ela fez. Mais ou menos isso. Se o senhor não contar as semanas que ela passou no hospital ligada a uma daquelas coisas de coração que fazem *bip bip*, se tiver sorte, ou *biuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuip*, se não tiver. Esse era o som que ecoava no hospital sete anos atrás. *Biuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuip*. Minha irmã mais nova nasceu seis meses depois, e o meu pai deu a ela o nome da vovó. Dorothy Constance. Quando papai saiu do luto, decidiu encurtar o nome. Minha irmã é pequena e redonda, então agora a chamamos de Dot.

Minha outra irmã, Soph, tem dez anos. As duas têm cabelos loiros e longos, olhos verdes e narizes pontudos, mas Soph é alta e magra e mais morena, como se a Dot tivesse sido esticada e tostada no forno por uns dez minutos. Eu sou diferente. Cabelo castanho. Olhos castanhos. Altura média. Peso médio. Comum, eu acho. Se olhasse para mim, nunca adivinharia o meu segredo.

Custei a comer o sanduíche até o fim. A geleia não estava vencida ou coisa parecida, porque ela dura anos em potes esterilizados. Ao menos é o que meu pai diz quando a mamãe torce o nariz. O dela é pontudo também.

O cabelo é da mesma cor do das minhas irmãs, mas é mais curto e um pouco ondulado. O meu pai se parece mais comigo, exceto pelos tufo grisalhos sobre as orelhas, e ele tem uma coisa que se chama heterocromia, ou seja, um olho é castanho e o outro é mais claro. Azul se estiver claro lá fora, cinzento se estiver nublado. O céu na bola do olho, eu disse uma vez. E o meu pai ficou com aquelas covinhas bem no meio das bochechas, e eu não sei se alguma dessas coisas realmente importa, mas suponho que seja bom dar ao senhor uma ideia da minha família antes de eu contar a minha história.

Porque eu vou contar mesmo. Não estou sentada neste barracão à toa. Está frio à beça e minha mãe me mataria se soubesse que saí da cama, mas é um bom lugar para escrever esta carta, escondida atrás de algumas árvores. Não me pergunte de que tipo são, mas elas têm folhas grandes que farfalham com a brisa. *Shhhhuishhh*. Na verdade, o barulho não se parece nada com isso.

Tem geleia nos meus dedos, então a caneta está grudenta. Aposto que os bigodes dos gatos também estão. Lloyd e Webber miaram como se não pudessem acreditar na sorte deles por estar chovendo sanduíche quando eu joguei um por cima da cerca. Eu não estava mais com fome. Na verdade, eu nunca estive e, para ser honesta, só fiz esse sanduíche para adiar o começo desta carta. Sem ofensas ou nada disso, sr. Harris. Só que é difícil. E eu estou cansada. Na verdade, não durmo desde 1º de maio.

Não tem perigo de eu cochilar aqui. A caixa de azulejos está apertando minhas coxas, e uma corrente de vento está soprando por uma fenda embaixo da porta do barracão. Preciso me apressar, pois, para meu azar, a bateria da lanterna está ficando fraca. Tentei segurá-la entre os dentes, mas minha mandíbula começou a doer, então agora ela está balançando perto de uma teia de aranha no parapeito da janela. Normalmente eu não fico

sentada aqui no barracão, principalmente às duas da manhã, mas hoje à noite a voz na minha cabeça está mais alta do que nunca. As imagens ficaram mais reais, e meu pulso está disparado, disparado, disparado, e aposto que, se meu coração estivesse ligado a uma daquelas coisas de hospital, toda essa palpitação acelerada a quebraria.

Quando saí da cama, a camiseta do meu pijama estava grudando nas minhas costas e minha boca provavelmente estava mais seca que um deserto. Foi quando coloquei seu nome e endereço no bolso do roupão e saí na ponta dos pés; agora estou aqui, frente a frente com esta página em branco, determinada a contar o meu segredo, mas não tenho certeza de como falar.

Não existe língua presa na escrita, mas, se existisse, tipo se minha mão fosse uma língua grande, imensa, a verdade verdadeira é que ela estaria toda enrolada em um daqueles nós complicados que só os escoteiros sabem fazer. Os escoteiros e também aquele cara da TV, sabe, aquele com cabelo bagunçado que faz programas de sobrevivência e acaba no meio da selva, dormindo em cima de uma árvore e comendo cobras no jantar? Agora que eu me toquei, provavelmente o senhor não tem ideia do que eu estou falando. Tem TV aí no Corredor da Morte? Se tiver, o senhor assiste a programas britânicos ou apenas a americanos?

Acho que essas perguntas não fazem sentido. Mesmo se quisesse escrever de volta, o endereço no início desta carta é falso. Não existe nenhuma Avenida da Ficção na Inglaterra, então, sr. Harris, não pense que poderá fugir da prisão e aparecer do nada na minha porta depois de pegar uma carona do Texas procurando por uma garota chamada... bem, vamos fingir que meu nome é Zoe.

Consegui suas informações de contato em uma página sobre o Corredor da Morte, e descobri o site por causa de uma freira; essa é uma frase que

jamais pensei em escrever, mas por outro lado minha vida não está acontecendo do jeito que imaginei. Havia uma foto sua olhando de forma amistosa para alguém de macacão laranja com a cabeça raspada, óculos grossos e uma cicatriz numa das bochechas. O seu não foi o único perfil no qual cliquei. Há centenas de criminosos que querem se corresponder com pessoas. Centenas. Mas o senhor se destacou. Toda aquela coisa sobre sua família te abandonar, então o senhor não recebeu nenhuma carta por onze anos inteiros. Toda aquela coisa sobre a sua culpa.

Não que eu acredite em Deus, mas fui me confessar para me livrar da minha culpa depois de checar três vezes na Wikipédia que o padre não poderia dizer nada à polícia. Mas quando me sentei no confessional e vi a silhueta do padre pela grade, não consegui falar. Eu estava prestes a confessar para um homem que nunca fez nada de errado na vida, exceto, talvez, ter dado um golinho a mais no vinho da comunhão num dia ruim. A menos que ele seja um daqueles padres que molestam crianças. Nesse caso, ele saberia tudo sobre pecado, mas eu não podia ter certeza, então não arrisquei.

Contar para o senhor é muito mais seguro. E o senhor meio que me faz lembrar o Harry Potter, para ser honesta. Não consigo lembrar quando o primeiro livro saiu, se foi antes ou depois do seu julgamento por assassinato, mas, se o senhor não entendeu, Harry Potter tem uma cicatriz e óculos, e o senhor tem uma cicatriz e óculos, e ele nunca tinha recebido uma carta na vida. Mas, então, de repente, ele recebeu uma carta misteriosa dizendo que ele era um mago, e a vida dele foi transformada milagrosamente.

Agora, provavelmente o senhor está lendo esta carta na sua cela e se perguntando: “*Eu* estou prestes a receber a notícia de que *tenho* poderes mágicos?”, e se o site for mesmo confiável, aposto que se imaginou curando

cada uma das facadas na sua mulher. Bem, desculpe decepcioná-lo e tudo mais, mas sou apenas uma adolescente comum, não sou Diretora da Escola de Magia e Bruxaria. Mas acredite, se essa caneta fosse uma varinha de condão, então eu daria ao senhor uma magia para trazer sua mulher de volta à vida, porque é algo que temos em comum.

Eu sei como é.

Mas não foi uma mulher. Foi um garoto. E eu o matei, três meses atrás, exatamente.

Quer saber o que é pior? Eu escapei impune. Ninguém descobriu que eu sou a responsável. Ninguém tem ideia de que estou andando por aí, numa boa, falando todas as coisas certas e fazendo todas as coisas corretas, mas por dentro eu estou, tipo, gritando. Não arrisquei falar para a minha mãe ou para o meu pai nem para as minhas irmãs, porque não quero ser abandonada e não quero ir para a prisão, mesmo merecendo. Então, veja, sr. Harris, sou menos corajosa que o senhor, por isso não se sinta mal quando for tomar a injeção letal; eu não me preocuparia, porque quando colocaram meu cachorro para dormir, ele pareceu realmente tranquilo. O site diz que o senhor nunca vai se perdoar, mas ao menos agora o senhor sabe que existem pessoas no mundo muito piores que o senhor. O senhor teve coragem de assumir seu erro, e eu sou uma bela de uma covarde, até mesmo para revelar minha identidade numa carta.

Então é isso, pode me chamar de Zoe. E vamos fingir que eu moro a oeste da Inglaterra, não sei, em algum lugar perto de Bath, que é uma cidade antiga com prédios velhos e muitos turistas nos fins de semana tirando fotos da ponte. Tudo mais que eu escrever será verdade.

Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

12 de agosto

Prezado sr. Harris,

Se o senhor abriu esta carta, talvez esteja interessado no que tenho a dizer. É legal, mas não é bem um elogio, porque, vamos ser honestos, o senhor deve estar cansado de ficar na sua cela com nada além dos seus poemas, que, a propósito, são muitos bons, especialmente o soneto sobre injeções letais. Eu os li em seu perfil, e aquele sobre o teatro me deixou bem triste. Aposto que não fazia ideia de que, enquanto a Dorothy seguia pela estrada de tijolos amarelos, em quarenta e oito horas o senhor cometeria um assassinato.

Engraçado que consigo escrever isso quase sem piscar. Seria diferente se eu não tivesse feito o mesmo. Antes, eu não tocaria no senhor nem com uma vara, mas agora estamos no mesmo barco. Exatamente no mesmo barco. O senhor matou alguém que deveria amar, e eu matei alguém que deveria amar, e nós dois entendemos a dor e o medo e a tristeza e a culpa e as centenas de outros sentimentos que não têm nome em nosso idioma.

Todos acham que estou de luto, por isso não me fazem muitas perguntas quando pareço pálida e magra, com olheiras profundas, meus cabelos pendurados em mechas oleosas. Outro dia minha mãe me forçou a cortá-los. No salão, encarei os clientes me perguntando quantos deles tinham segredos, porque a freira disse que ninguém é perfeito e todo mundo tem um lado bom e ruim dentro de si. Todo mundo. Mesmo as pessoas que você não espera terem um lado obscuro, tipo Barack Obama ou os

apresentadores do programa *Blue Peter*. Tento me lembrar disso quando a culpa pesa demais e não me deixa dormir. Não funcionou hoje à noite, por isso estou aqui novamente e nesse frio, mas desta vez eu trouxe o casaco velho do meu pai para tapar a fresta debaixo da porta do barracão.

Não consigo me lembrar do nome da freira, mas tinha uma daquelas caras de uva-passa que ainda faz lembrar a uva, pois em algum lugar embaixo das rugas havia alguma beleza. Ela veio até a minha escola uma semana antes das férias de verão para falar sobre pena capital. Quando ela falava, era com uma voz baixinha e trêmula, mas todos prestaram absoluta atenção. Até mesmo Adam. Normalmente, ele empurra a cadeira para trás e joga tampas de caneta na cabeça das garotas, mas naquele dia pudemos ficar sem capuz, porque ninguém estava fazendo nada de errado, e todos ficaram boquiabertos com aquela senhorinha que falava sobre seu trabalho para abolir a pena de morte.

Ela fez muita coisa. Abaixo-assinados, protestos e artigos em jornais, cartas para criminosos que respondiam e contavam todo tipo de coisa. “Tipo os crimes deles?”, alguém perguntou. A freira fez que sim com a cabeça. “Às vezes. Todo mundo precisa ser ouvido.”

Foi quando tive a ideia, bem ali no meio da aula de religião, enquanto a freira dizia um montão de outras coisas que nem consigo lembrar. Quando cheguei em casa, corri para o escritório no andar de cima sem tirar os sapatos nem me tocar que minha mãe tinha acabado de comprar tapetes bege. Liguei o computador e encontrei o site do Corredor da Morte, cliquei no botão *Sim, sou maior de 18 anos*. Minha mentira não desligou o computador nem ativou um alarme. Ela me levou até o banco de dados dos criminosos que queriam se corresponder, e lá estava o senhor, sr. Harris, o segundo homem da esquerda para a direita na terceira linha da quarta página, como se estivesse esperando para ouvir a minha história.

PARTE UM

Não é um título dos mais originais, mas esta é a vida real; não é ficção, uma espécie de ponto de partida para mim. Normalmente escrevo literatura fantástica e, caso o senhor esteja se perguntando, minha melhor história é *Pelinho, o Peludo*, que descreve uma criatura azul peluda que vive em uma lata de feijões cozidos no fundo do armário da cozinha de uma família. Ele morou lá por anos, mas um dia um garoto chamado Mod (o nome real é Dom, mas ele curte coisas ao contrário) resolve comer feijões com torrada, então ele abre a lata e vira de cabeça para baixo, e Pelinho cai com um *ploft* sobre o prato de micro-ondas.

Agora, sr. Harris, não tenho ideia de há quanto tempo o senhor escreve poemas, mas eu quero ser escritora desde que li *Os cinco*, quando precisei fazer minha primeira avaliação de um livro no ensino fundamental. Dei 4,5 de 5 estrelas, pois a aventura era boa e eles encontraram um tesouro no fim, mas havia uma personagem chamada George, uma menina instável que se vestia como menino e falava o tempo todo com seu cachorro, então descontei meia estrelinha por não ser realista.

Um montão de estrelas brilha pela janela agora, e cada uma delas é redonda e brilhante. Talvez os alienígenas estejam avaliando muito bem a Terra, o que mostra o quanto eles são sabidos. Está tão quieto lá fora, como se o mundo estivesse prendendo a respiração esperando eu começar a história, e provavelmente o senhor também esteja, então aqui vai.

Tudo começou um ano atrás, com um telefonema inesperado. Durante uma semana inteira em agosto, fiquei reunindo coragem para perguntar à minha mãe se eu poderia ir a uma festa no sábado à noite. Essa festa não era apenas uma festa na casa de alguém, mas a festa na casa de Max Morgan, e

todos foram convidados para comemorar o fim do verão, pois voltaríamos para a escola alguns dias depois. Infelizmente, as chances de minha mãe concordar em me deixar ir eram menores do que 1%, pois naquela época ela nunca me deixava fazer nada, nem mesmo fazer compras no centro da cidade com Lauren, porque ficava preocupada com a possibilidade de eu ser sequestrada e também com meus deveres de casa.

Não havia como escapar dela, porque minha mãe largou o trabalho como advogada quando Dot era pequena. Ela era um bebê doentinho, sempre entrando e saindo do hospital, então acho que era um trabalho em tempo integral cuidar dela. Minha mãe estava lá quando eu acordava, perguntando quais aulas eu tinha naquele dia, e estava lá quando eu chegava em casa para supervisionar os deveres que eu teria naquela noite. O resto do tempo ela fazia trabalhos domésticos. Pelo tamanho, era difícil manter a casa um brinco, mas minha mãe conseguia, obedecendo a um cronograma rígido. Enquanto assistia ao noticiário, ela dobrava as roupas limpas e juntava os pares de meias, e quando deveria estar relaxando na banheira, esfregava as torneiras com uma flanela para deixá-las brilhando. Ela também cozinhava muito, sempre com os melhores ingredientes. Os ovos tinham de ser frescos, e os vegetais, orgânicos, e a vaca tinha de ter vivido no Jardim do Éden ou em algum lugar sem poluição nem produtos químicos, para que a carne não estivesse contaminada com qualquer coisa que pudesse nos deixar doentes.

Sr. Harris, espero que não se importe, mas eu pesquisei sobre a sua mãe no Google (sem muito sucesso) para descobrir se ela era rígida, fazendo você se esforçar na escola e ser bem-educado com os mais velhos e não se meter em problemas e comer todos os vegetais. Espero que não. Seria uma pena pensar que o senhor passou seus anos de adolescência ruminando brócolis e, agora, está trancado numa cela sem liberdade para falar sobre

isso. Espero que tenha tido momentos malucos como correr pelado pelo jardim da vizinhança por causa de uma aposta, o que aconteceu na festa de aniversário de catorze anos da Lauren depois de eu ter ido para casa mais cedo. Quando Lauren me contou isso na escola, como de costume, eu fiz uma cara indiferente para mostrar como eu era madura para esse tipo de coisa. Mas, quando meu professor de História pediu que parássemos de cochichar e olhássemos para a lição, eu não enxergava judeus, mas todos aqueles peitos balançando à luz da lua.

Fiquei chateada por ter perdido aquilo. Chateada por ouvir aquelas histórias. E com inveja, com inveja de verdade por não ter algumas histórias próprias. Então, quando fui convidada para a festa do Max, decidi pedir à minha mãe de uma forma que fosse impossível ela recusar.

No sábado de manhã, fiquei deitada na cama tentando imaginar como formular a pergunta antes de sair para meu turno na biblioteca, onde arrumo prateleiras por 3,50 libras a hora. Foi quando o telefone começou a tocar. Pude notar pela voz do meu pai que era coisa séria, então saí da cama e descí as escadas de camisola, a mesma que estou usando agora, que, para sua informação, tem flores vermelhas e pretas e um laço nas mangas. Um segundo depois, papai saltou na BMW sem nem tomar café, e minha mãe foi atrás dele na rua, de avental e luvas amarelas de limpeza.

– Não tem por que correr tanto – disse ela.

Sr. Harris, agora que estamos conversando de verdade, acho que vou descrevê-los bem para que fique mais fácil o senhor ler. Claro, não me lembro de cada palavra que todos disseram, então vou parafrasear um pouco e também pular as coisas chatas, ou seja, tudo que tiver relação com o clima.

– O que está acontecendo? – perguntei, em pé na varanda, provavelmente com preocupação estampada no rosto.

– Coma ao menos uma torrada, Simon.

Meu pai sacudiu a cabeça.

– Temos que ir agora. Não sabemos quanto tempo ele tem.

– Nós? – perguntou minha mãe.

– Você vem, não é?

– Vamos pensar um minuto...

– Talvez ele não tenha um minuto! Precisamos ir.

– Se você acha que precisa ir, não vou impedir, mas vou ficar. Você sabe como eu me sinto...

– O que está acontecendo? – perguntei de novo, mais alto desta vez.

Meu rosto provavelmente mais preocupado. Não que meus pais tenham notado.

Meu pai esfregou as têmporas, os dedos circulando os tufo de cabelo grisalho.

– O que vou dizer para ele depois de todo esse tempo?

Minha mãe fez uma careta.

– Não faço ideia.

– De quem vocês estão falando? – eu quis saber.

– Acha que ele vai me deixar entrar no quarto? – continuou meu pai.

– Pelo jeito, ele não vai estar em condição de saber se você estará lá ou não – respondeu minha mãe.

– Quem? – perguntei, saindo para a rua.

– Chinelos! – minha mãe falou.

Voltei para a varanda e limpei os pés no capacho.

– Alguém vai me dizer o que está acontecendo?

Houve uma pausa. Bem longa.

– É o vovô – disse meu pai.

– Ele teve um derrame – comentou minha mãe.

– Ah – falei.

Não foi a reação mais solidária, mas em minha defesa eu não via o vovô havia anos. Lembro-me de ter inveja da hóstia que o meu pai recebeu durante a comunhão quando a minha mãe nos impediu de ir até o altar na igreja do vovô. E me lembro de ter brincado com o hinário, tentando fechá-lo nos dedos de Soph, sussurrando o tema de *Tubarão* enquanto o vovô franzia a testa. Ele tinha um grande jardim com girassóis imensos, e, uma vez, construí um esconderijo em sua garagem, e ele me deu uma garrafa de limonada para eu servir às bonecas. Mas então, um dia, houve uma briga e nunca mais o visitamos de novo, e não sei muito bem o que aconteceu, mas sei que fomos embora da casa do vovô sem nem ter almoçado. Meu estômago estava roncando, e pela primeira vez pudemos comer no McDonald's, e a minha mãe estava tão distraída que nem me impediu de pedir um Big Mac e batata frita grande.

– Você vai mesmo ficar aqui? – perguntou meu pai.

Minha mãe ajustou as luvas de limpeza nas mãos.

– Quem mais vai ficar com as garotas?

– Eu! – respondi, de repente, porque um plano surgiu na minha cabeça.

– Eu posso cuidar delas.

Minha mãe franziu a testa.

– Não sei.

– Ela já tem idade para isso – meu pai interveio.

– Mas e se algo der errado?

Meu pai levantou o celular.

– Eu tenho isto aqui.

– Não sei... – Minha mãe mordeu a bochecha e me encarou. – E seu turno na biblioteca?

Eu dei de ombros.

– Eu ligo e explico que tivemos uma emergência familiar.

– Viu só? – meu pai falou. – Resolvido.

Um pássaro pousou sobre o capô do carro. Um tordo-músico. Nós o observamos um momento porque ele tinha uma minhoca pendurada no bico, e meu pai olhou para minha mãe, minha mãe olhou para o meu pai, e o pássaro voou para longe enquanto eu cruzava os dedos atrás das costas.

– Olha, eu acho mesmo que é melhor ficar com as meninas – minha mãe murmurou sem muita convicção. – Soph vai praticar as escalas de piano, e eu não me importaria de ajudar Dot com...

– Não as use como desculpa, Jane! – interrompeu meu pai, batendo com o punho fechado na coxa. – É óbvio que você não quer vir. Ao menos tenha coragem de admitir.

– Ótimo! Mas a recíproca é verdadeira, Simon. Nós dois sabemos que seu pai não iria me querer lá.

– Ele não vai estar em condição de saber se você estará lá ou não! – retrucou meu pai, olhando minha mãe direto nos olhos. Era uma tática esperta repetir as palavras dela, e ela sabia disso. Com um suspiro derrotado, ela deu meia-volta em direção a casa, tirando as luvas.

– Você venceu, mas já aviso, não chegarei nem perto do quarto dele – falou ela antes de desaparecer pela porta da frente.

Meu pai cerrou os dentes, olhando para o relógio. Fui até o carro, meus dedos ainda cruzados para trás.

– Então, você acha que vão demorar no hospital?

Meu pai coçou a nuca e suspirou.

– Provavelmente.

Abri meu sorriso mais solícito.

– Olha, não se preocupe com a gente. Vamos ficar bem.

– Obrigado, querida.

– E eu só vou à festa se vocês voltarem a tempo. Não ligo. Digo, Lauren vai ficar decepcionada, mas ela supera – falei assim, tão de improviso, que o meu pai poderia pensar que minha mãe realmente havia deixado. Ele deu um toque na buzina para apressar a minha mãe.

– Que horas começa a festa?

– Às oito – respondi, minha voz um pouco mais alta que o normal.

– Já estaremos de volta até lá... assim espero. Eu te levo, se quiser.

– Maravilha – falei, tentando não parecer muito feliz enquanto corria para dentro de casa.

À tarde, a minha mãe telefonou para dizer que a situação do vovô havia se estabilizado. Numa voz sussurrada de hospital, disse que o meu pai estava bem e pediu que eu tirasse os filés do freezer para o jantar, e eu sorri porque filé simplesmente era meu prato favorito. Tudo estava mais que perfeito, então fiz um suco com laranja e cubos de gelo que tilintavam dentro do copo. Passei o resto do dia no jardim, escrevendo *Pelinho*, o *Peludo* à luz do sol e enchendo o alimentador para pássaro que ficava pendurado num galho de árvore perto da porta dos fundos. Os pássaros voavam em disparada até ele – uma pega que cumprimentei, um tentilhão que aterrissou no chão e uma andorinha que dava voltas sobre o canteiro de flores –, e eu os observei por um tempão, ridiculamente feliz, porque entendo de pássaros e, sem querer parecer convencida, conheço quase todos os tipos da Inglaterra.

No jardim há centenas de dentes-de-leão, e eu fiz um desenho de um deles, caso haja ervas daninhas diferentes ou não exista nenhuma onde o senhor mora. Imagino que o Texas seja seco, talvez até mesmo um deserto com miragens, e aposto que o senhor consegue ver toda aquela areia dourada através da janela e, sr. Harris, isso deve ser uma tortura, a menos que não seja fã de praias.



Pegando um dente-de-leão gordinho, eu o girei entre os dedos deitada na grama com os pés erguidos e apoiados num vaso de planta. O sol estava da cor exata da flor na minha mão, e os dois estavam ligados por um facho quente e amarelo. Uma ligação ardia entre eles, e assim, claro, provavelmente foi o calor que tinha começado a queimar as juntas dos meus dedos, mas por um momento parecia que eu e o universo estávamos conectados em um imenso jogo de ligar pontos. Tudo tinha significado e fazia sentido, como se alguém realmente estivesse desenhando minha vida pontinho por pontinho.

Alguém que não era minha irmã mais nova.

– Você gosta disso?

Dot estava em pé na minha frente com um vestido rosa e um livro de passatempos enfiado embaixo do braço, fazendo sinais porque ela é surda. Eu apertei os olhos para o desenho. Ela ligou os pontos na ordem errada, então a borboleta que devia estar voando no céu parecia prestes a fazer um pouso de emergência na floresta. Encaixei o dente-de-leão atrás da minha orelha.

– Amo.

– Mais do que você ama chocolate?

– Mais – eu sinalizei.

– Mais do que você ama... sorvete?

Eu fingi pensar.

– Bem, depende do sabor – respondi.

Dot se ajoelhou na grama.

– Morango?

– Muito, mas muito mais.

– Banana?

Sacudi a cabeça.

– Não mesmo.

Dot deu uma risadinha e chegou mais perto.

– Mas você gosta mais do que de banana?

Eu a beijei no nariz.

– Mais do que qualquer sabor no mundo inteiro.

Dot jogou o livro de passatempos na grama e se esparramou ao meu lado, seus cabelos longos balançando na brisa.

– Você está com um dente-de-leão atrás da orelha.

– Eu sei.

– Por quê?

– É minha flor favorita – menti.

– Mais do que os narcisos?

– Mais do que qualquer flor no universo inteiro. – Eu fiz os sinais, encurtando as perguntas quando a porta da frente se abriu e passos soaram no corredor. Eu me sentei para ouvir. Dot me olhou, confusa.

– Papai e mamãe – expliquei.

Dot se pôs de pé num pulo, mas algo na voz dos meus pais me fez agarrar a mão dela para impedir que ela corresse até a cozinha. Estavam brigando, o som atravessava a janela aberta. Antes que pudessem perceber que eu estava lá, me escondi atrás de um arbusto e puxei Dot para trás de

mim. Ela ria, pensando que era algum tipo de jogo, enquanto eu espreitava por entre as folhas.

Minha mãe bateu um copo no balcão da cozinha.

– Não acredito que você concordou com isso!

– O que eu podia fazer?

Ela apertou com tudo o interruptor da chaleira elétrica.

– Falar comigo! Discutir!

– Como, se você nem estava no quarto?

– Isso não é desculpa.

– Ele é o avô delas, Jane. Ele tem direito de vê-las.

– Não me venha com essa! Elas não tiveram relação nenhuma com ele por anos.

– Mais um motivo para elas passarem um tempo com ele agora, antes que seja tarde.

Vi minha mãe revirando os olhos enquanto eu tentava segurar Dot, que estava girando e se contorcendo para tentar se soltar. Apertei a mão contra sua boca, fiz uma cara de *shhhh!* com sobrancelhas muito sérias. Na cozinha, minha mãe pegou uma colher de chá da gaveta e fechou-a batendo nela com o quadril.

– Tomamos uma decisão sobre isso anos atrás. Anos. Não vou voltar atrás agora só porque seu pai está um pouco...

– Ele teve um derrame!

Minha mãe enfiou a colher de chá de uma vez na xícara.

– Isso não muda nada! Nadinha! De que lado você está?

– Não quero estar de lado nenhum, Jane. Não mais. Nós somos uma família.

– Tente dizer isso para o seu... – Minha mãe começou a falar, mas naquele momento Dot mordeu meu dedo e se libertou, e não havia

absolutamente nada que eu pudesse fazer. Ela correu o mais rápido que pôde e deu duas estrelas no gramado. O vestido caiu até seus ombros, mostrando a calcinha, e ela terminou com um grande salto na grama. Enquanto minha mãe e meu pai olhavam pela janela, Dot pegou um dente-de-leão. Só que aquele estava branco. Felpudo. Cheio daquelas coisas fininhas que parecem fadas mortas. O sol sumiu por trás de uma nuvem quando Dot soprou com força e o dente-de-leão desapareceu e, sr. Harris, vou parar de escrever agora porque estou cansada e minha perna esquerda está formigando.

Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

2 de setembro

Caro sr. Harris,

A melhor coisa neste barracão é, com certeza, a falta de olhos. Nenhum olho a não ser os oito da aranha, e eles não estão me olhando. A aranha está na teia, no parapeito da janela, olhando através do vidro para a silhueta da árvore e a nuvem e a meia-lua, o prateado refletido nos olhos dela enquanto pensa em moscas ou sei lá no quê.

Será diferente amanhã. Os olhos estarão de volta. Tristes e inquisitivos, alguns que encaram e outros que tentam não olhar mas se mantêm meio de lado enquanto eu entro na escola para começar um novo período. Não haverá lugar para me esconder, nem mesmo nos banheiros, se é nisso que o senhor está pensando, porque no último período algumas garotas esperaram que eu saísse de uma das cabines e me atacaram, querendo saber de tudo – o que e quando e onde e como, mas não quem, porque todas foram ao funeral dele.

Perguntas, perguntas, **perguntas, perguntas** cada vez mais altas, mais altas, desse jeito, e eu não sabia o que dizer. Eu estava começando a parecer suspeita, por isso era fundamental achar as palavras, mas minha garganta estava vazia. Minhas costas começaram a suar, minha coluna ardendo em chamas do meu traseiro até o meu cérebro. Abri a torneira o máximo que pude. A água espirrava sobre minhas mãos, tentando lavar e levar a culpa embora. Comecei a esfregar, cada vez mais forte, enquanto minha respiração ficava cada vez mais rápida, e as garotas

chegavam mais e mais perto, e eu não conseguia aguentar aquilo nem mais um segundo; então saí correndo. Abri a porta com tudo e trombei com minha professora de inglês, que deu uma olhada no meu rosto e me conduziu até o gabinete dela.

Na parede havia uma imagem da Lady Macbeth sobre a citação “Vai-te, mancha maldita” e, sr. Harris, não sei o quanto o senhor conhece de Shakespeare, mas caso esteja se perguntando, Lady MacBeth não estava falando sobre uma espinha no queixo. Olhei para as mãos sanguinolentas de Lady MacBeth enquanto as minhas sacudiam violentamente. A sra. Macklin murmurou, “Aqui, aqui, não precisa se preocupar, não tenha pressa, fique o tempo que precisar”, e eu me perguntei se ela estava mesmo falando sério, se eu poderia ficar sentada ali junto à mesa dela ao lado da pilha de boletins até o fim dos tempos. Não conseguia suportá-la me tratando bem, dando tapinhas no meu braço e me dizendo para respirar, falando que eu estava me saindo muito bem e era tão corajosa e que sentia muito, por todo o mundo, como se fosse culpa dela, e não minha, que o corpo dele estivesse num caixão.

Essa é a parte mais difícil de todas – saber que ele está embaixo da terra. Com os olhos arregalados. Os olhos castanhos que eu conheço tão bem, encarando o mundo que não podem mais alcançar. A boca muito aberta, como se gritasse a verdade, mas ninguém pudesse ouvir. Às vezes, eu até vejo as unhas dele, sangrando e arrancadas, porque ele arranhava na tampa do caixão uma longa explicação do que aconteceu no dia 1º de maio, enterrado sete palmos abaixo da terra, de forma que ninguém jamais lerá.

Mas talvez essas cartas ajudem, sr. Harris. Talvez, quanto mais e mais eu conte a história para o senhor, a história aos poucos desapareça do caixão, até sumir por completo. As unhas dele ficarão curadas, e ele cruzará

as mãos sobre o peito e fechará os olhos para sempre, e então os vermes virão comer sua carne, mas será um alívio, e o esqueleto dele sorrirá.

PARTE DOIS

De qualquer forma, seria melhor eu voltar a contar ao senhor o que aconteceu no ano passado, depois que minha mãe e meu pai tiveram aquela briga sobre o vovô. Estavam tentando agir normalmente depois da discussão, mas havia uma tensão no ar que poderia ser cortada com uma faca, e provavelmente seria mais fácil do que fatiar o bife no meu prato. A minha mãe, em geral, nunca errava a mão na comida, mas tudo estava cozido demais. Espero não soar ingrata. O senhor deve estar enjoado da comida da prisão, que eu imagino ser algum tipo de papa como no musical *Oliver!*. Aposto que os guardas comem pizza bem na frente da sua cela, e o senhor fica tão perto que pode sentir o cheiro, e sua pobre boca enche d'água, e tudo que o senhor não pode fazer é começar a cantar *Food Glorious Food* num sotaque do leste de Londres.

Se servir de consolo, a comida que a minha mãe fez aquela noite não estava nem um pouquinho gloriosa, e desistimos do bife depois de cinco minutos.

– Por que eu não conheci o vovô ainda? – Dot sinalizou de repente.

Meu pai pegou sua taça de vinho, mas não deu nem um golinho.

– Você conheceu, meu amor. – Minha mãe fez os sinais. – Apenas não lembra.

– Eu gostei dele?

– Você... Bem, você era nova demais para ter uma opinião – respondeu minha mãe.

– Ele vai ficar bem?

– É o que esperamos. Mas ele está muito mal.

– Ele vai ficar bem amanhã? Ou depois de amanhã? Ou depois de depois de amanhã?

– Pare de fazer perguntas idiotas – murmurou Soph. Dot encarou-a sem entender, porque tem dificuldade de ler lábios. – Pare de fazer perguntas idiotas – disse Soph novamente, movendo os lábios mais rápido ainda, de propósito.

– *Sophie*... – minha mãe advertiu.

– Papai vai ficar bem, meu amor. – Meu pai gesticulou. As mãos dele eram lentas e desajeitadas. – Ele está no hospital, mas estável.

Minha mãe passou o braço sobre os ombros de Dot e cheirou o topo da cabeça dela.

– Não se preocupe.

– Estou preocupada também – anunciou Soph, de repente. – Tipo, e se ele *morrer* ou algo assim?

Meu pai suspirou.

– Não seja dramática.

Olhei para o relógio-carrilhão. Quarenta e cinco minutos até a festa começar. Comecei a assobiar. Nunca assobio. Minha mãe me olhou cheia de suspeita enquanto eu levava meu prato à pia, meus pés gelados sobre os ladrilhos.

– Aonde você vai? – perguntou ela.

Não ousei olhar para ela.

– Me arrumar.

– Para quê?

Soltei faca e garfo na água e encarei as bolhinhas.

– Para a festa na casa do Max.

– Que festa? – perguntou minha mãe. – Que festa, Zoe?

Eu me virei.

– Papai disse que eu podia ir!

Minha mãe fuzilou meu pai com os olhos enquanto ele mergulhava o dedo no ketchup do prato e lambia.

– Bem, ela se comportou o dia todo.

Era mais do que eu podia esperar. Tive de lutar contra o impulso de correr e beijá-lo.

– Quando você me contaria, Simon?

– Não preciso tomar todas as decisões com seu aval.

– Ah, então é assim que as coisas vão funcionar a partir de agora? – retrucou minha mãe. – Você toma as decisões, decisões ridículas, que afetam a família toda, sem considerar...

As bochechas do meu pai ficaram vermelhas de raiva.

– Não comece de novo, Jane. Não na frente das meninas.

Minha mãe bufou alto, mas deixou o assunto para lá. Fui até a porta da cozinha enquanto Dot pegava um feijão-verde e o jogava de volta no prato como um dardo.

– Ouro nas Olimpíadas! – ela gesticulou. – E ouro no arremesso de peso! – Ela atirou uma cenoura, que bateu no cotovelo de Soph e caiu ao lado do saleiro.

– Mãe, fala para ela parar – Soph resmungou.

– Parem com isso, meninas – meu pai bronqueou.

– Por que você está brigando comigo? – ela explodiu.

– Soph, pare – disse minha mãe.

– Não é justo! – gritou Soph, sacudindo a mão no ar e, por acidente, atingiu um copo, que voou pela mesa e derramou suco de cassis por todo lado. Meu pai praguejou enquanto minha mãe levantava às pressas para pegar um pano de prato.

– Então, posso ir? – perguntei.

– Não! – respondeu minha mãe.

– Claro! – meu pai falou ao mesmo tempo.

Eles se encararam furiosamente enquanto o suco de cassis pingava no chão.

– Ótimo! – retrucou minha mãe. – Mas vou pegar você às onze.

Antes que minha mãe pudesse mudar de ideia, saí às pressas da cozinha e subi as escadas dois degraus por vez, direto para meu quarto. Estava arrumadinho, claro, porque minha mãe me obrigava a deixá-lo daquele jeito, minhas roupas penduradas em ordem no guarda-roupa e o edredom roxo totalmente esticado. Minha luminária também roxa ficava bem no meio do criado-mudo e, na prateleira sobre a cabeceira da cama, meus livros enfileiravam-se de forma que todos os títulos ficassem para o mesmo lado. Apenas minha mesa estava bagunçada, as páginas de *Pelinho*, o *Peludo* espalhada sobre ela, post-its grudados no quadro de avisos com detalhes dos personagens e viradas no enredo escritas a caneta.

Nunca na minha vida me arrumei tão rápido; vesti jeans pretos e uma miniblusa. Eu devia mesmo ter lavado o cabelo, mas não tinha tempo, sr. Harris, então amarrei-o para trás num rabo de cavalo feioso, pus brincos, nada pomposo ou de menininha, apenas argolas prateadas simples. Antes de sair correndo do quarto, me enfiei em um par de sapatos baixos e, então, saltei para o carro do meu pai.

Ouvimos a casa bem antes de vê-la, toda aquela música, batidas pesadas pulsando no ar. Meu pai estacionou perto de uma fileira de casas geminadas. Eram pequenas e simples, do jeito que Dot desenharia uma casa se eu desse um giz de cera e um pedaço de papel para ela. Duas janelas em cima. Duas embaixo. Porta da frente no meio e um jardim longo e estreito com uma árvore, um quintal e um pedacinho de grama.

Balões no formato de garrafas de cerveja dançavam no ar a distância, fitas prateadas presas ao portão da última casa do quarteirão. Desci do carro, meu rosto provavelmente rosado e minha boca seca, porque eu me lembro de lutar para engolir sem ter saliva.

– Comporte-se, hein? – falou meu pai, dando uma olhada nos balões. – Não aguento mais nenhum drama por hoje.

Ele parecia exausto. Eu enfiei a cabeça de volta no vão da porta.

– Você está bem?

Um bocejo. Um vislumbre de obturações.

– Vou ficar bem.

– O vovô vai melhorar, tá? – falei meio superficial, mas queria ir logo para a festa. Meu pai olhou pela janela sem ver o grupo de garotas que passou tropeçando de vestido e salto alto. Deviam ser saltos dez, e de repente me perguntei se eu não estava ridícula de sapato baixo e jeans.

– Ele parecia tão... Ah, sei lá. Velho, eu acho – disse meu pai.

Baixei os olhos para os pés, tentando imaginá-los da perspectiva de outra pessoa.

– Ele é velho, pai.

– Ele costumava correr maratonas.

Ergui os olhos, surpresa.

– Sêrio?

– Sim. Estava em forma. Ele correu uma em pouco mais de três horas uma vez.

– Isso é bom?

Meu pai sorriu, mas de forma triste.

– Mais que bom, querida. E ele dançava. Vovó também. Eram especiais.

A música na casa ficou mais alta. Pessoas se amontoavam na frente dela – um casal de mãos dadas, dois garotos de camisa xadrez e uma garota um

ano mais velha num vestido de bolinha. Minhas pernas formigavam. Meu pai estava distraído em seus pensamentos, e a festa estava bem ali na minha frente, e eu não queria ser grosseira, mas o tempo estava passando, passando, passando. Depois de alguns segundos, eu me inclinei dentro do carro e dei uma beliscadinha na bochecha dele antes de me afastar, pensando nas músicas que o vovô gostava e em como ele devia ter sido, dançando com um corpo tão jovem quanto o meu.

Só porque eu podia, por não estar entravada ou frágil ou presa no hospital após um derrame, acelerei o passo, feliz por meus membros sadios e por poder mover minhas juntas e pelo fato de não ser velha. Quando cheguei à última casa, minha pulsação estava acelerada. A porta da frente estava aberta, as pessoas abrindo caminho para entrar. Parei ao lado do portão, golpeando os balões para o lado, abrindo caminho para entrar na casa. Verdade verdadeira, parecia um mundo totalmente novo e não apenas um hall com carpete azul antigo. Senti um frio no estômago, e a adrenalina fazia meu corpo formigar, e eu me senti jovem, sr. Harris, realmente jovem de um modo precioso. Saboreei o momento, segui em frente com pressa, evitando pisar os espaços entre as pedras do calçamento.

– Pulando pedras num rio bravo? Ou obstáculos nas Olimpíadas? – Um garoto que não reconheci estava sentado num banco no jardim da frente, olhando diretamente para mim. Olhos castanhos. Cabelo loiro bagunçado que parecia nunca ter sido escovado. Bem alto. Esbelto. Braços fortes cruzados diante do peito. – O que você está imaginando? – ele falou alto sobre a música, apontando os espaços.

Eu dei de ombros.

– Nada. Sou supersticiosa. Se você pisa nos espaços entre as pedras dá azar, não é?

O garoto desviou o olhar.

– Que decepção!
– Decepção?
– Pensei que você estivesse criando um jogo.
– Posso criar um jogo se você quiser – retruquei. Minha voz me surpreendeu. Confiante. Paqueradora até. Um som totalmente novo.

O garoto olhou para trás, interessado.

– Tudo bem... Vou te perguntar uma coisa. Se os vãos fossem algo perigoso, o que seriam?

Pensei por um momento enquanto três garotas cambaleavam festa adentro, sorrindo de um jeito debochado para as minhas roupas.

– Ratoeiras – respondi, tentando ignorá-las.

– Ratoeiras? Você pode fantasiar com qualquer coisa do mundo e escolhe *ratoeiras*?

– Sim, bem...

– Nada de crocodilos ou covas escuras profundas com serpentes no fundo. Ratoeirinhas com pedacinhos de queijo enfiadas naquela presilhinha?

Dei um passo para perto dele, então outro, curtindo a situação.

– Quem disse que são *ratoeirinhas*? – Encostei com a ponta do sapato em um dos espaços. – Talvez sejam imensas com queijo venenoso e pontas que possam arrancar os meus dedos.

– Elas são assim?

Hesitei. Então, ele sorriu.

– Não. São ratoeirinhas com pedacinhos de queijo cheddar na presilhinha.

Sobre nossas cabeças, algo voou de uma árvore e piou.

– Coruja! – falei, empolgada.

O rapaz sacudiu a cabeça.

– Lá vai você de novo.

– O que foi?

Suspirando, ele se levantou. Seus ombros eram largos como os de quem pode carregar o peso do mundo inteiro ou, ao menos, me levar nas costas. Estava usando um jeans azul desbotado e uma camiseta preta que ficava saliente em todos os lugares errados. Ele se exercitava ainda menos do que eu. De repente, meus sapatos baixos pareciam flutuar uns dez centímetros do chão.

– Consegue ver o pássaro? – perguntou ele, pondo a mão esticada sobre os olhos e olhando para as folhas.

– Bem, não, mas...

– Como você sabe que é uma coruja? Poderia ser um fantasma.

– Não é um fantasma.

O rapaz caminhou na minha direção, e a respiração ficou presa na minha garganta.

– Mas como você sabe? Poderia ter sido um espírito que...

– Eu sei que é uma coruja por causa do piado – interrompi. O pássaro piou novamente, no momento certo. Eu levantei o dedo. – Ouviu? É o canto de uma corujinha. Na verdade, um chamado de acasalamento.

O garoto ergueu uma sobrancelha. Estava surpreso.

– Chamado de acasalamento, hein? – Os olhos dele brilharam, e eu me senti triunfante. – Me fala mais dessa corujinha amorosa.

– Bem, é uma das espécies mais comuns na Grã-Bretanha. Ela tem penas. Claro. Mas são lindas, manchadas de marrom e branco. Cabeça grande, pernas longas, olhos amarelados – continuei, desenvolvendo meu tema –, e um tipo de voo balançado, ondulado, igual o de um pica-pau e...

O garoto começou a rir. Então, eu comecei a rir. E em seguida a coruja piou como se começasse a rir.

– Qual é o seu nome? – perguntou ele, e eu estava a ponto de responder quando o portão estalou e barulhos de saltos percorreram o caminho.

– Caraca, você veio mesmo! – gritou Lauren. – Vamos pegar uma bebida! – Antes que eu pudesse protestar, ela agarrou a minha mão e me puxou na direção da casa, tropeçando em um dos vãos do calçamento.

– Cuidado com os crocodilos – falei. Do canto do olho, vi o garoto sorrir. Lauren parou para me olhar, confusa.

– Quê? – ela quis saber.

– Deixa pra lá – murmurei e dei uma risadinha também.

A sala de estar era pequena, com um carpete vermelho surrado e um sofá bege encostado em uma das paredes para dar espaço à pista de dança. Lauren tirou o casaco e entrou na pista, toda *uhuuuuu* e braços balançando no ar. Ela girava no meio da sala enquanto eu pegava um copo da mesa de bebidas e me servia de limonada. E, então, depois de uma pausa, um pouco de vodka. Misturei com o dedo, a música pulsando nos meus ouvidos, no meu sangue e em cada um dos meus órgãos. *Lá lá lá lá lá*, cantava bem assim meu coração. Tomei minha bebida de um só gole, enquanto as pessoas giravam entre o sofá e a moldura da lareira como se estivessem numa boate, e não em uma sala de estar, e, verdade verdadeira, pareciam ridículas, esfregando-se umas nas outras sobre o carpete.

E, então, de repente, ele estava lá, encostado ao batente da porta, divertindo-se com a cena. Ele olhou nos meus olhos, ou talvez eu tenha olhado nos dele, ou possivelmente eles se cruzaram no mesmo instante. Enquanto todos dançavam, ele sacudiu a cabeça e eu revirei os olhos e sabíamos exatamente o que estávamos pensando, tipo, sr. Harris, imagine nossas cabeças conectadas por um fio telefônico. O garoto não se moveu na minha direção, e eu não fui até ele, mas havia uma conexão entre os nossos cérebros que zzzzzzzumbia.

Alguém de cabelo ruivo ficou no caminho, mas o garoto continuou me olhando e me olhando, como se eu valesse uma segunda, uma terceira e uma centésima olhada. Meu corpo parecia diferente sob aquele olhar. Não apenas braços e pernas e órgãos. A pele, os lábios e as curvas. Peguei outra bebida enquanto o garoto conversava com um amigo. Minhas mãos estavam instáveis, trêmulas ao redor do copo gelado. Muita vodca caiu no meu copo, e outro tanto espirrou na mesa. Xingando, peguei um guardanapo, e, no momento em que eu limpava a sujeira, o garoto desapareceu. Simples assim. Um segundo ele estava ao lado da porta, no próximo não estava mais, e meu coração parou por um momento com um imenso *Ah*.

Disse para Lauren que ia ao banheiro e caí fora dali, espremendo-me entre os corpos e abaixando para passar sob os braços no hall. Ele não estava lá fora nem na cozinha, nem na copa ou no closet cheio de casacos. Empurrando as pessoas para subir as escadas estreitas, engoli minha bebida, abri porta atrás de porta e não encontrei nada além de quartos vazios. Tentei o banheiro do andar de cima. O do andar de baixo também, e enchi meu copo no caminho, só vodca pura dessa vez. Tomei numa golada enquanto girava a maçaneta.

Ela girou fácil e revelou uma torneira pingando e uma privada, e eu avistei meu rosto franzido no espelho, meu reflexo pairando para dentro e para fora da minha visão, enquanto agarrava as beiradas da pia. Tropecei para dentro de uma pequena varanda coberta de vidro. Era alta e fria e escura, apenas a lua brilhando através do teto de vidro. Em um dos cantos havia uma cadeira que parecia confortável, e eu caí nela enquanto a varanda começava a rodar. Quando meu traseiro tocou a almofada, uma voz disse “Ei”.

Ergui minha cabeça, mas não era o garoto, sr. Harris. Era Max Morgan. O Max Morgan. E ele mostrava os dentes para mim num sorrisinho, uma garrafa de uísque na mão. A camisa bacana dele estava molhada de bebida, e a testa brilhava de suor, mas os olhos eram castanhos, realmente castanhos, e o cabelo curto era escuro e estiloso, e sua risadinha era esquisita de um jeito que me parecia meio desequilibrado.

– Ei – Max falou de novo. – Hannah?

– Zoe – respondi. Só que não. Usei meu nome real, aquele que não posso dizer para o senhor.

– Zoe – repetiu Max. – Zoe Zoe Zoe. – Ele arrotou com a boca fechada e deixou o ar sair devagar. De repente, apontou para o meu peito. – Você é da minha turma de francês!

– Não.

Max ergueu a mão e quase caiu para a frente.

– Desculpa. Desculpa, desculpa. Você parece alguém que eu conheço.

– Estudamos na mesma escola há três anos.

Max desviou totalmente o assunto.

– Sou eu ou está quente demais aqui dentro? – Ele cambaleou até a porta da varanda e tentou abri-la. – Está quebrada. Hannah, está quebrada.

Eu me esforcei para ficar em pé, girei a chave e abri a porta.

– É Zoe, e está funcionando.

Max soluçou.

– Meu herói. Heroína. Igual à droga. – Ele fez o gesto de enfiar a seringa no braço e riu da própria piada, estendendo a garrafa. – Quer? – Fiz que iria pegá-la, mas Max tirou a garrafa do meu alcance e saiu. – Você vem?

A noite estava quente, perfeita para passear. Uma brisa mexeu os meus cabelos enquanto Max pegava a minha mão. Meu estômago embrulhou quando nossos dedos se entrelaçaram, e eu imaginei o que Lauren diria se

pudesse ver o polegar de Max Morgan esfregando um dos meus dedos. Pensei em contar a história na manhã de segunda. *E então Max me levou até uma fonte de pedra, no fundo do quintal, e uma mariposa flutuava na água. Max tocou-a gentilmente com a pontinha do dedo antes de abaixar-se na grama. Dando um gole no uísque, ele me olhou, e eu baixe os olhos para ele, e nós dois sabíamos que algo especial estava prestes a...*

Max arrotou.

– Vai ficar aí parada?

Eu sentei quando ele me passou a garrafa. Mais um golinho não faria mal. Foi o que eu disse a mim mesma. Era o que eu dizia a mim mesma toda vez que Max me estendia a garrafa, o gargalo reluzindo à luz da lua, úmido de saliva. Ele deixou a mão na minha perna, e eu não impedi, nem mesmo quando deslizou para cima da minha coxa. Em algum momento, comecei a falar sobre o vovô, e como ele estava doente, e como ele era sarado quando era jovem.

– Eu sou sarado – disse Max, soluçando logo depois.

– Eram um casal legal, os meus avós – acrescentei, e me lembro de precisar me esforçar bastante para não enrolar as palavras.

– Meus pais também. Antes. Agora não. Eles nem conversam direito mais.

– Eles também eram bons de dança – continuei, sacudindo as mãos juntas para mostrar o que eu queria dizer.

– Eu danço bem – falou Max, balançando a cabeça com força, para cima e para baixo na escuridão. – Muito bem.

– Sim, dança mesmo – respondi, séria. – E meus avós eram jovens no passado. Jovens. Não acha isso bizarro?

Max soluçou de novo e tentou se concentrar no meu rosto.

– Nós somos jovens. Somos jovens agora.

– Verdade – falei. – Verdade mesmo. – Foi a conversa mais sábia que alguém já teve, e eu sorri sabiamente por causa da minha sabedoria e também, é possível, por causa do uísque. Max inclinou-se para mais perto, o nariz dele tocando minha bochecha.

– Você é legal, Zoe – falou ele, e, como ele disse meu nome certo, eu o beijei na boca.

Agora, sr. Harris, você deve estar se virando na cama, sentindo-se desconfortável sobre o que acontecerá em seguida, e aposto que a cama range, porque o conforto de um prisioneiro não deve estar no topo da lista de prioridades do orçamento carcerário, quando existem presidiários tentando escapar. Você não, claro. Acredito que o senhor esteja sentado na cela, aceitando seu destino, porque acha que merece morrer. Para ser honesta, o senhor meio que me lembra Jesus. Você precisa aguentar os pecados, e ele teve de aguentar os pecados, os dele só eram mais pesados, digo, imagine o peso de todos os pecados do mundo.

Se pudéssemos realmente medi-los, despejar os pecados em balanças, como farinha com fermento, não tenho ideia de qual seria o crime mais pesado, mas não acho que seria o do senhor. Imagino que muitos homens teriam feito o mesmo depois do que sua mulher lhe disse. Pense nisso quando se sentir culpado. Alguns meses atrás eu imprimi uma lista de todos os homens responsáveis por genocídios, e à noite, quando não consigo dormir, em vez de contar carneirinhos, eu conto ditadores. Eu faço eles pularem um muro, Hitler e Stalin e Saddam Hussein saltando no ar em seus uniformes, com seus bigodes pretos ao vento. Talvez o senhor devesse tentar.



Hitler pulando o muro

Eu digo a mim mesma que não poderia saber o que aconteceria um ano antes, quando Max me abraçou no jardim. Tento lembrar como fui arrastada para aquele momento, quase incapaz de andar em linha reta enquanto Max me conduzia para dentro, pela casa e para o quarto dele, no andar de cima. Cheirava a poeira e pés e loção pós-barba. Max acendeu a luz e fechou a porta, e eu pisei em uma cueca boxer jogada no carpete. Aquela mão me empurrou para a parede. Eu olhei por sobre o ombro para ver Max sorrindo. Ele empurrou mais forte. Minhas mãos tocaram a parede, então meu corpo e, em seguida, minha cabeça, tudo espremido contra um pôster de mulher nua. O pôster estava gelado, e eu descansei minha testa contra a barriga da modelo enquanto Max beijava minha nuca. Ela formigava como se ele tivesse eletricidade na boca, parecia exatamente isso.

Aquela foi a faísca, e nós explodimos em ação, mãos agarrando e lábios famintos e respiração ofegante e rápida em nossas gargantas. Max me virou

e enfiou a língua na minha boca. Os braços dele ao redor da minhas costas me erguiam do carpete. Minhas mãos agarradas aos ombros dele enquanto minha cabeça girava e o quarto rodopiava, cortinas azuis e paredes brancas e uma mesa vazia, e a cama bagunçada nos espreitava quando caímos sobre ela formando um montinho.

Max estava sobre mim, os olhos ferozes e concentrados enquanto se aproximava para me beijar. Os lábios encontraram minha bochecha e minha orelha e meu ombro, descendo pela minha pele enquanto ele erguia minha miniblusa. Eu não estava de sutiã e lá estavam meus seios no meio do quarto de um garoto, pálidos e pontudos, e Max ficou boquiaberto. Em seguida, ele os tocou. Suave primeiro, depois mais e mais forte, e ele sabia o que estava fazendo, e era bom e eu gemi. Fechei os olhos quando os lábios de Max encontraram meu mamilo e, sr. Harris, provavelmente esse seria o momento no qual eu deveria ir embora hoje à noite, porque tenho aula de manhãzinha e, além disso, estou vermelha como um pimentão.

Acredite ou não, a aranha ainda está aqui, olhando pela janela do barracão para a escuridão e para a luz prateada e, se você me perguntar, ela deve estar dormindo, pois, por mais incrível que o universo seja, não acho que alguém consiga olhar para ele por tanto tempo sem ficar entediado, a menos que seja o Stephen Hawking. Eu me pergunto se o senhor consegue ver o céu da sua cela e se já pensou sobre a galáxia e como somos um pontinho em todo esse infinito. Às vezes, eu tento imaginar minha casa no subúrbio, às margens da cidade, e então me afasto para ver o país, me afasto mais para ver o mundo todo, então me afasto para ver o universo inteiro. Existem sóis ardentes e buracos negros profundos e estrelas cadentes, e eu desapareço no nada, e o problema que causei é apenas uma piscadela microscópica em meio a explosões cósmicas poderosas.

Houve uma explosão cósmica no carro da minha mãe depois da festa do Max. De algum jeito, consegui sair às onze. Fiquei sóbria bem rápido, mas não havia como disfarçar o cheiro. Claro que tudo começou assim que minha mãe sentiu um cheirinho de álcool. Não consigo me lembrar do que ela disse, mas ela gritou algo sobre decepção e outras coisas raivosas sobre confiança, e ela berrou até chegar em casa e minha cabeça começar a doer. Meu pai se juntou ao coro quando entrei, mas, quando me mandaram para a cama, eu enfiei a cabeça embaixo do travesseiro e sorri.

O Garoto de Olhos Castanhos. Quem ele era e aonde tinha ido? Eu o encontraria de novo? E Max. O que aconteceria quando nos víssemos de novo na escola e ele me beijasse, mais provavelmente atrás das latas de lixo reciclável, onde nenhum professor poderia nos ver? Virando de barriga para cima, eu fiquei maravilhada por ter dois garotos que poderiam estar interessados em mim quando, poucas horas antes, não havia nenhum, e enquanto adormecia me flagrei agradecendo ao vovô. Fui à festa apenas porque ele teve o derrame e, sr. Harris, mesmo estando enrascada e muito provavelmente de castigo pelo resto da vida, não conseguia deixar de pensar nele como um derrame de boa sorte.

Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

17 de setembro

Caro sr. Harris,

Pelo menos dessa vez minhas pernas não estão encostadas nos azulejos, porque peguei meu travesseiro antes de sair de casa na ponta dos pés. Coloquei-o em cima da caixa, e está bem confortável, mesmo que um pouco úmido. Eu devo ter suado no sonho, e ele foi tão real com a chuva e as árvores e a mão que desaparecia. Aposto que o senhor está familiarizado com isso, então não preciso explicar como foi aterrorizante. Provavelmente você tem pesadelos o tempo todo, tipo, quando o guarda apaga as luzes, aposto que volta direto para o momento em que sua mulher lhe disse a verdade.

Engraçado pensar que não foi sua mulher que o levou para a pena de morte. Não entendi isso num primeiro momento. Sem querer ofender ninguém disso, mas esfaquear uma mulher com quem você foi casado por dez anos soa muito, mas muito pior do que atirar aleatoriamente numa vizinha que apareceu de repente com uma torta de carne por ser Natal. Mas, então, o artigo (que, para sua informação, encontrei no Google) disse algo sobre crime passionai. Quando o senhor atacou sua mulher, não estava pensando direito. Estava cego de raiva e vendo tudo tão vermelho que aposto que sua mulher ficou praticamente escarlate, o que teria sido adequado. É assim que se chama uma mulher que teve um caso, de acordo com o Apocalipse, na Bíblia. Uma mulher de escarlate.

Em um tribunal norte-americano, agir por ódio não é tão ruim quanto matar a sangue frio. Quando o senhor não atendeu à porta na manhã seguinte, sua vizinha a abriu e entrou na casa. Se o senhor me perguntar, diria que é falta de educação, mas acho que sua vizinha aprendeu a lição quando a bala estourou o cérebro dela. Atirar em uma testemunha em potencial é calculista. De acordo com o júri, você sabia exatamente o que estava fazendo quando puxou o gatilho e deu a torta para o cachorro comer. O senhor ficou foragido por três dias, mas a culpa pesou demais, então você se entregou.

Às vezes, acho que seria melhor fazer isso. Está ficando mais difícil fingir, agora que voltei à escola. Agora que a mãe dele está fuçando por aí também. Lá estava eu, na aula de inglês, com o celular na mão, e, antes que o senhor diga, eu sei que eu não deveria estar olhando para ele, mas precisava ver que horas eram, querendo que fosse almoço para poder escapar com Lauren. Desenvolvemos essa rotina, na qual pegamos sanduíches e nos escondemos dos olhos que nos encaram no bloco da música, naquela sala cheia de instrumentos de sopro. Ela se senta na caixa de um trompete, e eu me encosto na parede com meu pé em um trombone, e não falamos muito, apenas reclamamos do pepino murcho ou dos tomates duros ou do frango borrachento.

Ainda faltavam cinco minutos para a aula de inglês acabar quando o horário desapareceu e foi substituído por um nome na tela.

SANDRA, SANDRA, SANDRA

Meu telefone tremeu na mesa, balançou duas vezes e, em seguida, deslizou na direção do meu estojo.

SANDRA, SANDRA, SANDRA

– Tudo bem, Zoe?

Dei um pulo. A sra. Macklin se virou da lousa. Não consegui nem fazer que sim com a cabeça. Um garoto sardento começou a rir.

– Cala boca, Adam! – gritou Lauren do outro lado da sala, porque estávamos sentados em ordem alfabética de sobrenome, e, sr. Harris, não acho que seria entregar demais contar que o dela começa com um W, enquanto o meu começa com um J. O garoto fechou a boca, mas continuou rindo. Outras pessoas sorriam também, cutucando umas às outras e apontando na minha direção.

– O que houve, Zoe? – a sra. Macklin quis saber, espreitando por sobre os óculos, seus olhos gentis e azuis cheios de preocupação.

– Estou bem – consegui dizer.

SANDRA, SANDRA, SANDRA, SANDR–

Ela deixou uma mensagem. Quando o sinal tocou, desapareci no banheiro das meninas antes que Lauren pudesse perguntar o que havia de errado. Coração palpitando, sentei na privada, imagens rodando dentro da minha cabeça – polícia e prisões e macacões laranja e tribunais e manchetes de jornal gritando *CULPADA!* Sandra descobrira a verdade sobre o dia 1º de maio, eu tinha certeza. O pânico começou nas pontas dos meus dedos e subiu pelos braços até o peito e direto para o topo da cabeça, repuxando as raízes do meu cabelo.

– Tem gente aí? – perguntou alguém, esmurrando a porta do banheiro.

– Tem – respondi, segurando o celular com dedos trêmulos.

– Vai logo, então – disse a garota, e eu fiz que sim com a cabeça, embora ela não pudesse me ver, e apertei o botão para mostrar a mensagem antes que eu mudasse de ideia.

Uma pausa. Longa. Fechei os olhos. Por fim, a voz de Sandra veio baixa e rouca e cheia daquelas hesitações que faziam as frases soarem quebradas. Ela pediu que eu lhe fizesse uma visita em algum momento. Eu abri um olho. Achava que seria bom para nós duas. Abri o outro. Ela me disse que não passa um dia sem se perguntar como estou e, pouco antes de desligar, disse que seria muito bom se eu aparecesse vez ou outra.

– Ninguém mais... entende de verdade, não é? As pessoas... Bem, elas não fazem ideia.

Não preciso dizer que não retornei a ligação dela e apaguei a mensagem, jogando o telefone na bolsa de qualquer jeito, enterrando-o sob milhares de anos no meu livro de História. Quando encontrei Lauren na sala de música, ela me entregou um sanduíche e examinou meu rosto, mas não me perguntou por que eu não conseguia comer; só comentou que o frango estava mais borrachento que o normal.

Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

27 de setembro

Prezado sr. Harris,

Desculpe pela demora, mas estou tendo muitas dificuldades recentemente e até tirei nota baixa na prova sobre reprodução das plantas. Agora, não pense que eu estava respondendo a perguntas sobre tulipas fazendo aquelas coisas em um canteiro, porque não é assim que funciona e, na verdade, é muito mais interessante que isso, ao menos para mim, porque eu gosto de ciências e, sem querer me gabar, eu teria conseguido nota máxima se o meu pai não tivesse entrado no meu quarto na noite em que eu deveria estar estudando.

Ele me disse que cruzou com a Sandra no supermercado, no corredor de verduras e legumes, e os olhos dela se encheram de lágrimas que não tinham nada a ver com cebolas.

– Ela gostaria de ver você – falou meu pai enquanto eu encarava meu livro de Biologia, querendo que ele calasse a boca. – Comentou que ligou algumas vezes, mas você não atendeu.

– Não deveria me ligar na escola – murmurei e, em seguida, me senti mal. Nada daquilo era culpa da Sandra. Enterrei a ponta da caneta no diagrama de uma flor, desesperada para que meu pai fosse embora.

– Ela estava acabada – continuou meu pai, sentando-se na ponta da minha cama. – Mal de verdade. – Eu me encolhi, a culpa realmente dolorosa. – Emagreceu muito. Está praticamente pele e osso...

– Está bem! Entendi! – explodi, atirando a caneta no carpete. Meu pai mexeu na ponta do edredom.

– Só pensei que você poderia gostar de saber que não está sozinha, querida. É isso. Eu não devia ter dito nada. – Meu pai levantou-se devagar e fez carinho no alto da minha cabeça. – Se eu pudesse sentir isso por você, eu sentiria – murmurou ele, e, verdade verdadeira, eu teria dado qualquer coisa para enfiar a minha dor bem no peito dele. E aquilo foi algo horrível de se querer, então comecei a chorar. Não merecia uma família ou amigos bacanas ou mesmo alguém como você, e por isso eu fiquei sem escrever por um tempo.

Porém, hoje à noite, percebi que você talvez estivesse se sentindo solitário na cela sem minhas cartas. Sem querer ofender nem nada disso, mas não consigo imaginá-lo com muitos amigos no Corredor da Morte, tenho certeza de que este não é um lugar dos mais sociáveis, com todos contando piadas e se cumprimentando com um “toca aqui” através das grades da cela. Talvez o senhor hoje conte mais comigo do que eu com o senhor. Talvez precisemos um do outro, então eu não deveria me sentir tão mal ao contar minha história para você, o que eu preciso desesperadamente fazer, porque está me consumindo por dentro e o senhor é a única pessoa no mundo que pode entender. Não consigo esperar nem mais um minuto, então vou começar pela manhã após a festa do Max, comigo deitada na cama, sofrendo minha primeira ressaca, provavelmente fazendo este barulho: *ajoooodfeeoihfidjog*.

PARTE TRÊS

Olha que surpresa, minha mãe nem se importou de eu estar mais doente do que em qualquer outro momento da vida. Ela escancarou as cortinas. O sol bateu bem no meio dos meus olhos como um punho amarelo brilhante.

– Levanta – ordenou, abrindo a janela do meu quarto, que dava para o jardim. – Tome banho, café da manhã e tire a poeira da casa.

– Tirar a poeira? – resmunguei.

– E, depois, passe o aspirador. E pode limpar o banheiro também. – Eu puxei o edredom sobre a cabeça. Minha mãe o tirou novamente. – *Bebendo*, Zoe. O que passou pela sua cabeça?

– Eu não queria. Eu nem bebi muito.

– Beber qualquer coisa na sua idade é inaceitável. Totalmente inaceitável. Este é um ano importante para você, Zoe. Começando os exames finais do ensino médio. Os últimos trabalhos. Você sabe que seu pai e eu depositamos grandes esperanças em você. Não precisa fazer cara feia – falou ela, porque fiz uma careta. Odiava essas conversas de escola. De verdade, odiava. – Você pode ser esperta, mas, se quiser fazer Direito, precisa conseguir as melhores notas. – Dei uma olhada no *Pelinho*, o *Peludo* sobre a minha mesa. – Escrever não dá dinheiro – disse minha mãe com firmeza. – Direito dá. Já conversamos sobre isso. Você concorda comigo.

– Eu sei – murmurei, embora não fosse verdade. Era sempre assim, não importava as carreiras mencionadas. Era mais fácil concordar com qualquer coisa que minha mãe dissesse, porque eu sentia como se estivesse em dívida com ela ou algo assim por todo o trabalho duro que ela teve.

– Então, está bem. Você vai precisar trabalhar duro. Não jogue suas oportunidades pelo ralo.

– Foram só uns drinques, mãe. Não vou fazer isso de novo.

– Você não terá chance de fazer de novo! – disse ela, pegando minha calça jeans do chão e pendurando-a no guarda-roupa. – Você está de castigo por dois meses. E vou ficar com o seu celular.

Eu não me mexi por uma hora. Na verdade, eu não conseguia. Até mesmo levantar a cabeça para tomar um copo de água me deixava enjoada. Meu pai falou para Dot que eu estava gripada, então ela entrou correndo no meu quarto, de pijama, segurando uma coroa azul de cartolina. Ela escreveu *Melhore logo* na frente, só que ela trocou um “o” por “a” e ficou *Melhare logo*. Trouxe na cabeça uma coroa maior feita de cartolina rosa. Ela abriu um grande sorriso quando botei a minha coroa.

– Agora podemos ser o Rei e a Rainha do mundo e também do universo – gesticulou ela.

Eu me curvei e levantei o edredom.

– Entre, Vossa Majestade.

Dot se esgueirou para minha cama, e ficamos aconchegadas um tempão, as pontas das nossas coroas despontando sobre o travesseiro. No fim das contas, fiz meus serviços, arrastando-me pela casa de pijama. Enquanto lavava o banheiro, minha mente saltava entre os dois garotos, então desenhei dois corações na privada com um produto de limpeza amarelo.



Quando dei a descarga, o produto fez a água espumar, que por acaso era exatamente como eu me sentia, minha empolgação borbulhando inteirinha. Mal podia esperar para contar para a Lauren, imaginando o rosto dela enquanto eu descrevesse o beijo do Max. Talvez eu o visse na hora do almoço. O Garoto de Olhos Castanhos também. Compartilharíamos sorrisos secretos e peixe com fritas, o cheiro do sal e do vinagre e do amor em nossos narizes.

Considerando tudo aquilo, eu estava de muito bom humor. Minha mãe e meu pai mal falaram comigo, mas também não conversaram muito entre eles, sem dúvida ainda abalados pela noite anterior. Meu pai estava na garagem polindo o BMW, e minha mãe estava ocupada com Dot, fazendo exercícios de leitura labial que o fonoaudiólogo tinha dado como lição de casa.

– Pato – disse minha mãe com clareza. – Pato. Pato. Pato.

– Bato? – gesticulou Dot.

Soph fez uma careta. Vestida dos pés à cabeça de preto, ela estava deitada no chão da sala com seu coelho branco, o Caveira. Um livro de

matemática estava caído ao lado dela. Dot estava sentada no colo da minha mãe em uma poltrona de couro com as sobrancelhas franzidas embaixo da coroa rosa.

– Quase – disse minha mãe, mas com uma linha evidente no meio da testa.

– Podemos parar agora? – gesticulou Dot, esfregando a ponta do nariz e parecendo exausta.

– Não consigo passar da quarta questão – anunciou Soph, mas minha mãe ajustou a coroa na cabeça de Dot e continuou.

Soph pegou o livro de matemática e ergueu-o no ar, a pedra do anel do humor dela cintilando em azul-escuro.

– Quais são os números primos? Como um número pode ter primos? Não faz senti...

– Costas – interrompeu minha mãe. Dot mordeu o lábio inferior, pensando. – Costas – repetiu minha mãe. Ela apontou sobre o ombro para dar uma dica para Dot. – Costas.

– Costas? – sinalizou Dot, e minha mãe festejou de verdade.

– Garota esperta! – elogiou ela, sacudindo os braços de Dot e celebrando. Dot deu uma risadinha quando minha mãe a beijou na bochecha. Soph jogou o livro de matemática no chão.

– Caneta? – murmurou ela, e eu fiz que sim com a cabeça.

Soph me estendeu uma caneta vermelha. Estávamos encolhidas entre os sapatos da minha mãe no guarda-roupa grande, no quarto dos meus pais, onde sempre fumávamos canetas e discutíamos coisas que precisavam de escuridão. Soph pôs uma caneta azul na boca e fingiu tragar. Soprou nada e bateu a caneta três vezes no tênis da minha mãe, como se fosse um cinzeiro. Eu traguei minha caneta e exalei lentamente.

– Como foi a festa? – perguntou Soph. – Você ficou tão bêbada, Zo.
Quando entrou, soluçava tanto que parecia uma foca.

Eu a cutuquei com a ponta do pé enquanto ela me imitava alto.

– Cala a boca!

Soph deu uma risadinha, encaixando o queixo nos joelhos, os cabelos longos caindo ao lado das pernas.

– Então, como foi?

– Como foi?

– Ficar bêbada – sussurrou ela, seus olhos verdes brilhando na escuridão.

Pensei por um momento.

– Confuso.

– Confuso bom ou confuso ruim?

– Confuso médio. No começo foi bem divertido, mas depois me senti péssima.

– O que você bebeu?

– Vodca e uísque que um garoto me deu.

– Um *garoto*. Você beijou ele?

– Claro – falei, dando uma tragada longa e sofisticada na minha caneta.

– Quem é?

– Um cara chamado Max.

– Bonito?

– Muito. Ele é popular e praticamente todo mundo na escola gosta dele.

– Então, por que ele beijou você? – Ela deu um sorriso afetado.

Eu a chutei de novo, mas decidi ser honesta.

– Não sei. Ele estava bem bêbado. – Algo dentro de mim se retorceu, mas mantive a voz casual. – Provavelmente, nem vai se lembrar de mim amanhã. Sabe como são os garotos.

Ela soltou a caneta no tênis da minha mãe e começou a mexer nos cadarços.

– Parece melhor do que ouvir a mãe e o pai brigando.

– Sobre o vovô?

Soph fez que sim com a cabeça.

– Ele vai morrer, Zo?

– Em algum momento, sim.

– Você sabe do que eu estou falando.

– Ele é velho – respondi, porque eu não sabia mais o que dizer.

Soph suspendeu o tênis pelo laço e bateu na sola do calçado. Ele balançou de um lado para o outro como um pêndulo.

– Acho que ele devia vir morar conosco – falou ela. – Não acho que tenha que ficar sozinho se está morrendo.

– Não temos nenhum quarto sobrando.

– Eu poderia dormir no seu quarto – sugeriu Soph.

– Sem chance! Você ronca igual a um porco.

– Eu, não.

– Ronca. De qualquer jeito, nossa mãe nunca deixaria ele vir aqui para casa. – O tênis balançava para trás e para a frente no ar.

– Por que não? – perguntou Soph.

Botei a caneta na boca e suguei, tentando lembrar a briga na casa do vovô tantos anos antes. Antes que eu pudesse responder, minha mãe gritou da escada. Soph bateu mais forte no tênis. Ele balançou com mais violência.

– Soph! – minha mãe chamou novamente. Eu cutuquei minha irmã, mas ela não se mexeu. – SOPH! Lição de casa.

– Agora ela tem tempo – murmurou ela, deixando o cadarço escapar do seu dedo. O tênis bateu com tudo na porta de madeira. *Bang*.

Estávamos prestes a sair do guarda-roupa quando a minha mãe entrou no quarto e tirou os chinelos, colocando-os ordeiramente ao lado da cama. Massageando a testa, despencou no colchão. Meu pai seguiu-a, tirando a camisa cheia de óleo e jogando-a no chão.

– Cesto de roupa suja – falou minha mãe.

– Dá um tempo – retrucou meu pai, tirando as calças também.

A mão de Soph apertou sua boca, disfarçando um ronco de risada. A tampa do cesto de roupa suja foi levantada. Ouvimos um barulho, *flop*, quando as roupas caíram dentro dele. Eu me curvei para a frente a fim de ter uma visão melhor através da fresta da porta.

– Estive pensando... – começou meu pai.

– Agora não, Simon – minha mãe ajeitou o travesseiro creme e acomodou-se nele. – Minha cabeça está explodindo.

– Só me ouça, está bem?

Minha mãe franziu a testa, mas disse:

– Tá, fale.

– Por que não chegamos a um acordo sobre a Zoe? – Soph enterrou os dedos na minha perna, e eu dei de ombros na escuridão.

– Como assim? – minha mãe quis saber.

– Bem, se você acha que Soph e Dot são novas demais para visitar meu pai, Zoe ainda pode ir.

– Não quero que nenhuma das meninas vá vê-lo! – retrucou minha mãe.

– É uma questão de princípios.

Meu pai sentou-se na cama.

– O que importam agora os princípios?

– Como você pode falar uma coisa dessas?

– Você não o viu, Jane. Está velho. Solitário. Nós o ignoramos por anos e...

– Ele nos ignorou também! E nunca teríamos cortado relações se ele não tivesse falado... Se ele não tivesse acusado... Aquilo foi *imperdoável*. Você disse isso para si mesmo uma centena de vezes! E agora acha que vou esquecer isso e fazer a farsa da família feliz? Não – falou ela, resoluta. – Não. Eu não posso fazer isso.

Meu pai parecia a ponto de brigar, mas se levantou em vez disso. Por alguns minutos, nenhum deles falou enquanto meu pai vestia roupas limpas.

– Como foi a leitura labial? – perguntou ele no fim das contas. – Alguma melhora? – O travesseiro chiou quando minha mãe balançou a cabeça de um lado para o outro, olhando preocupada. Meu pai pareceu não perceber. Calçou uma meia, então arrancou-a de novo, examinando de perto. – Buraco. Tem alguma meia limpa no aquecedor? – Como minha mãe não respondeu, ele disse: – Não se estresse, querida. Ela vai conseguir.

– Você não sabe se vai.

– Claro que sei. Se você continuar praticando, então...

– Praticar talvez não seja suficiente – respondeu minha mãe, erguendo-se com os cotovelos. – Estive pensando muito sobre isso. Muito, na verdade.

– Sei o que você vai dizer – murmurou meu pai enquanto jogava a meia furada de volta na gaveta. – E a resposta é não.

– Mas por quê? O que há de errado em tentar a cirurgia novamente?

– Não vamos fazê-la passar por isso – falou meu pai, referindo-se ao implante coclear que havia infeccionado e precisou ser retirado. – Dot é feliz do jeito que é.

– Mas talvez a cirurgia ajudasse!

– Ela poderá decidir sozinha quando for mais velha.

– Pode ser tarde demais quando ela for mais velha – protestou minha mãe, ficando de barriga para cima.

Meu pai olhou para ela.

– Você se preocupa demais. – Ele se inclinou para a frente e beijou-a na linha profunda no meio da testa. E, em seguida, no nariz. E nos lábios. Soph agarrou a minha perna, seu rosto contorcido de nojo, mas ela não precisava se preocupar, porque minha mãe rolou para longe de meu pai e encarou a parede.

Naquela noite, fiquei olhando para a parede do meu quarto porque estava agitada demais para dormir. No dia seguinte, pulei da cama antes que o alarme tocasse, e, sr. Harris, talvez você saiba como é se arrumar com os dedos tremendo. De acordo com o artigo, o senhor levou Alice para comer cheeseburger com batatas fritas no primeiro encontro e, provavelmente, fizeram algo romântico, por exemplo, tomaram milk-shake de chocolate em um copo com dois canudos. O jornalista disse que você a conheceu quando tinha dezoito anos num jogo de futebol, porque o senhor era lançador, e ela, líder de torcida, e foi um amor verdadeiro por dez anos até você esfaqueá-la.

Quando cheguei à escola, Lauren me viu ao lado do departamento de artes e veio correndo. Pela primeira vez na minha vida eu tinha uma história para contar e quase gargalhei quando ela agarrou meu braço e me puxou para uma sala vazia. Fotos estavam penduradas em pregadores sobre nossas cabeças, e o beiral da janela estava cheio de jarros com pincéis. O ar era úmido, meio terroso. Talvez fosse a argila.

– Você ficou sabendo do Max, então? – falei, rindo. Não conseguia me conter. – Meu Deus, eu estava morrendo para contar para você, Liz. Eu ia ligar ontem, mas minha mãe tirou meu celular e me fez limpar o banheiro.

– Então foi por isso que você não respondeu! Eu liguei várias e várias vezes. Deixei umas cem mensagens. – Ela soava estressada. Parecia também, ajeitando o cabelo preto que teimava em não ficar preso atrás das orelhas, pois estava muito curto.

– O que foi? – perguntei, devagar.

– Você não vai gostar. – Ela puxou o celular do bolso e encarou a tela, apertando o lábio com o dedo. – Max mandou a foto para Jack – ela sussurrou. – E Jack mandou para todo mundo. *Todo mundo*.

Quando Lauren virou a tela na minha direção, eu afundei num banquinho, meu estômago escorrendo até meus pés.

Uma foto.

Uma foto minha com os olhos fechados, o cabelo espalhado sobre o edredom, meus seios descobertos apontando direto para a câmera. Lauren esfregou meu ombro para me consolar e falou com voz tranquilizadora.

– Ao menos você tem peitos bonitos.

Muito bonitos mesmo, aparentemente. Toda vez que eu entrava numa aula alguém uivava, e os garotos que eu não conhecia me olhavam nos corredores, e um garoto alto me parou ao lado do departamento de educação física após o almoço.

– Onde você andou se escondendo? – disse ele com uma voz sinistra que me fez arrepiar.

Eu não me escondi em lugar nenhum. Estive nas mesmas salas de aula na mesma escola por três anos inteiros. Anotando coisas nos meus livros. Ouvindo o professor. Conversando com Lauren no pátio. Mas de repente as pessoas estavam me encarando nas aulas e me examinando nos banheiros e me observando comprar sanduíche de queijo na cantina como se eu fosse algo diferente. Algo interessante.

Eu queria atenção, mas não desse jeito. Foi um alívio quando o sinal de saída soou. Nuvens cinzentas juntaram-se no céu e esfriou, então escondi o rosto no casaco e corri, passando pelas quadras. Max apareceu no portão da escola poucos metros diante de mim, vestindo uma jaqueta azul que destacava a pele bronzeada. Estava jogando uma bola de futebol no ar, sua mochila nos pés que, para sua informação, estavam com tênis brancos, estritamente proibidos na escola, e seu cabelo preto curto tinha sido penteado com cuidado, de um jeito que a franja ficasse levantada. Era bonito, sem dúvida, mas aquilo era irrelevante. Totalmente irrelevante, eu disse para mim mesma de novo, meu peito se agitando como se um pernilongo estivesse preso dentro dele. Um grupo de garotas reduziu o passo para assistir, enquanto eu me concentrava na saída, marchando ao passar por Max, meu nariz muito provavelmente empinado.

– Zoe! Espere! – Eu girei tão rápido que um tufo de cabelo entrou na minha boca. Tirei os fios do rosto. Max soltou a bola, surpreso por eu estar irritada.

– Quando você tirou a foto? – perguntei, caminhando na direção dele, mas não tão rápido, pois minha saída da escola era justa. O grupo de garotas ficou espantado, cinco bocas se abriram no mesmo instante. Max trocou o peso de uma perna para a outra. – Não lembro de você estar com celular.

– Todo mundo tem celular – disse ele, sem muita convicção. – E eu avisei que estava tirando uma foto. Relaxa. – Ele tentou sorrir. – Nem é para tanto.

– Não tente me enrolar – grunhi. – E não minta. Você não falou *nada* sobre tirar foto.

Com um sorrisinho forçado, ele se aproximou cheirando a pós-barba e chiclete.

– Claro que falei. Você que não lembra. Não tenho culpa se você não sabe beber. – Ele chegou a dar uma piscadinha. – Na verdade, você estava tão bêbada...

– Todo mundo viu – eu disse, minha voz trêmula de fúria. – A escola inteira. Como você teve coragem? Digo, quem te deu o direito de fazer isso? Só porque você é popular? É isso? Você acha que pode fazer o que quiser?

Max encheu as bochechas de ar.

– Não. Deixa de ser idiota.

– Ah, eu não sou a idiota aqui. Você é. Pensou que poderia jogar um charme e se livrar como se eu fosse uma garota boba que se encanta com uma piscadela do Maravilhoso Max Morgan. – Olhei para ele, enojada. – *Por favor, né?*

– Você fica tão linda quando está nervosa – ele sussurrou. – Bufando de frustração, virei para ir embora, mas Max agarrou a minha mão. – Olha, não foi minha culpa, está bem? – Tentei protestar, mas ele continuou. – Bem, não foi. Eu só mandei a foto para o Jack. E ele encaminhou...

– Mas foi você quem tirou a foto, em primeiro lugar! – retruquei. – Sem que eu *soubesse!*

Começou a chover, gotas pesadas espirrando no meu casaco.

– Desculpe, tá? Vou dar um jeito para você.

Eu arranquei a minha mão da dele.

– Como, exatamente? – O rosto de Max suavizou-se por um instante. Estava prestes a falar quando três dos seus amigos correram na direção do bicicletário, camisas grudando na pele.

– Pedindo outra foto? – gritou Jack, abrindo o cadeado da sua bicicleta. Max ergueu as mãos, como se ele tivesse sido pego em flagrante.

– No flagra!

– Não culpo você, cara. Ela é bonita.

– Bem – Max deu de ombros, toda sua vaidade de volta num estalo. – Nada mal.

Ele piscou novamente antes de sair correndo, e, sr. Harris, eu acho que paro por aqui hoje à noite com esta cena: eu observando Max pulando na garupa da bicicleta de Jack, passando pelo portão da escola com a cabeça jogada para trás numa gargalhada. Da próxima vez conto para o senhor o que aconteceu na fogueira, e, acredite, o senhor ficará chocado, mas não se preocupe, não terá de esperar séculos para a próxima parte da história. Foi um alívio falar com o senhor novamente, e, talvez, o senhor tire algo disso também. Verdade verdadeira, fico de coração partido com o senhor na prisão, sem nenhuma distração para contar. Tudo que posso esperar é que eu esteja errada sobre o Corredor da Morte e que haja um colega legal na cela ao lado da sua. Torço para que ele seja um estuprador falante que saiba contar algumas piadas também.

Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

3 de novembro

Olá novamente, sr. Harris,

O horário de verão terminou, então está ficando escuro uma hora mais cedo, não que isso faça muita diferença para nós dois, porque o mundo sempre está escuro quando conversamos. Imagino se sua refeição chegou quando as estrelas já reluziam e a lua brilhava mais cedo, porque os guardas voltaram uma hora nos relógios. Pensando nisso, aposto que eles nem se importaram. Tenho certeza de que não importa para os criminosos se são três, cinco ou sete horas. Provavelmente não faz diferença nem mesmo que seja domingo. Se toda hora do dia é a mesma, acho que o tempo deve simplesmente desaparecer.

O tempo não desapareceu quando fiquei de castigo após a festa do Max no ano passado. Setembro foi lento, e outubro mal se mexeu. Após a agitação da foto, a escola voltou ao normal, e, caso o senhor esteja se perguntando, nunca cheguei a ir atrás das latas de lixo reciclável. Também não esbarrei com o Garoto de Olhos Castanhos, e a vida caminhou lentamente por algumas semanas sem nada de mais acontecer, exceto um monte de brigas da minha mãe e do meu pai, porque ele continuou chegando em casa tarde depois das visitas ao vovô no hospital. No começo, minha mãe fazia o prato dele no jantar e deixava no micro-ondas, mas uma noite ela jogou tudo na lata do lixo, e, sr. Harris, acho que é um bom lugar para começarmos.

PARTE QUATRO

– Tem uma lata de feijão no armário – minha mãe falou quando o papai olhou dentro do micro-ondas vazio com as mãos na cintura. Ele fungou, e eu me perguntei se ele conseguia sentir no ar o cheiro de chili com carne que comemos pouco antes e do bife que Soph havia deixado cair no carpete quando tentava contrabandear um pedaço para o Caveira.

Meu pai pegou um abridor de latas da gaveta.

– O vovô não melhorou. – Ele suspirou. A minha mãe não demonstrou tê-lo ouvido, encarando de perto a tela do laptop. Meu pai despejou os feijões numa tigela, e, por uma fração de segundo, me perguntei se Pelinho estava prestes a fazer sua aparição, surgindo de repente, encharcado e coberto de molho. Sorri para mim mesma, louca para terminar a lição de casa e poder escrever outro capítulo da história. – Então, pessoal, tiveram um bom dia? – perguntou meu pai, tentando puxar conversa.

– Médio – murmurou minha mãe.

– Provavelmente melhor que o meu.

– Isso não é uma competição, Simon.

– Não disse que era. Só tive um dia horrível, é isso. Aliás, preciso falar com vocês sobre isso. – Ele apertou alguns botões no micro-ondas, então observou o prato girar lentamente.

– Estou um pouco ocupada agora – falou minha mãe.

– É importante.

– Isto aqui também.

– O que você está olhando?

– Nada que interessaria a você – resmungou ela.

– Se é o que estou pensando, está perdendo seu tempo.

– Não faz mal olhar – respondeu minha mãe, clicando em uma página sobre implantes cocleares enquanto o micro-ondas apitava. Meu pai tirou a tigela do forno e enfiou o dedo nos feijões.

– Quanto tempo você põe para eles? Estão frios ainda.

– Ai, pelo amor de Deus! – retrucou minha mãe, levantando e agarrando a tigela. Meu pai não largou o outro lado. – Não consegue fazer nada sozinho?

– Não disse que você tinha que fazer nada!

Minha mãe puxou a tigela com tudo das mãos do meu pai e enfiou de volta no micro-ondas.

– Pode sair um segundo, Zo? – meu pai pediu em voz baixa. – Preciso falar com a sua mãe.

– Estou fazendo o dever de casa – murmurei sem tirar os olhos da lição. Enfiei a caneta entre os dentes para mostrar que estava concentrada e não devia ser perturbada.

– Apenas cinco minutos, querida. Por favor?

– Deixe a Zoe aí, Simon. Ela está estudando.

– Ela pode estudar no quarto – retrucou meu pai. – Vai, Zo.

Bufando, peguei meus livros e desapareci da cozinha. Claro que fiz o que qualquer pessoa normal faria e encostei um copo na parede da sala de estar, mas tudo que consegui ouvir foi o sangue rodopiando no meu cérebro, o que de fato foi um alívio, porque eu já começava a me preocupar que coágulos fossem hereditários. Ficaram lá por uma hora. Nas três noites seguintes também. Não fazia ideia sobre o que conversavam, e, quando Soph enfiou um canudinho embaixo do vão da porta para espiar, tudo que consegui ver foi um pedaço do carpete.

Uma semana depois, as coisas ficaram ainda mais estranhas. Voltei da escola e vi meu pai caminhando para cima e para baixo na entrada,

alargando a gravata. Dava para ver o traseiro da minha mãe por trás da porta da sapateira.

– Aonde vocês vão? – perguntei com um aperto no estômago. Meu pai nunca chegava em casa cedo.

– Sair – disse minha mãe, enfiando os pés num par de sapatos de salto.

– Bem, é óbvio. Mas para onde? Vão ver o vovô?

– Improvável – respondeu minha mãe, deixando a bolsa no aparador do hall ao lado de um folheto da Festa da Fogueira. Ela passava batom enquanto o meu pai cambaleava para lá e para cá sobre os calcanhares.

– Por que vocês estão todos chiques? – perguntei.

– Não se preocupe com isso – falou meu pai.

Tirei o casaco e deixei-o no corrimão.

– Mas eu me preocupo.

Minha mãe esfregou um lábio no outro e mexeu na gola da blusa.

– Bem, explicamos depois. Soph está no computador, e Dot está brincando de boneca. Fiz um pouco de macarrão para vocês comerem se tiverem fome. – Ela parou um instante, parecendo preocupada. – Prometa que vai olhar suas irmãs e me ligar se alguma coisa...

– Se eu fizer isso, posso ir nesta festa amanhã à noite? – interrompi, erguendo o folheto sobre a festa da fogueira. Minha mãe leu as informações. – Já se passaram dois meses – lembrei-a. – Todo mundo na escola vai, e meu castigo só duraria...

– Está bem – retrucou minha mãe, pegando as chaves do BMW. – Mas só se você terminar a lição de casa hoje à noite. E arrume a gravata, Simon. – Meu pai ignorou-a, arrancando as chaves da mão dela enquanto fechava a porta da frente.

Sr. Harris, eu tinha certeza de que procurariam um advogado para se divorciar. Eu sentei na escada, me sentindo mal. Sabia exatamente como

seria. Tinha ouvido tudo sobre isso do pessoal na escola. Meu pai alugaria um apartamento e comeria petiscos de peixe toda noite e se esqueceria de comprar detergente, então não conseguiria lavar facas, e nós teríamos de passar manteiga no pão com as costas de uma colher. Minha mãe engordaria vinte quilos e ficaria deitada no sofá assistindo a documentários sobre mulheres que eram homens. É exatamente o que aconteceu com a mãe de Lauren até Lauren dizer chega e desligar a TV bem quando os novos peitos de Bob estavam prestes a ser revelados. A mãe dela ficou chateada, mas foi um grito de alerta, e ela perdeu peso comendo apenas proteína, e então saiu com um cara mais novo com as calças jeans tamanho 38 da Lauren.

Fitei minhas calças jeans secando no aquecedor. Não poderia deixar isso acontecer com a minha família. Entrei no quarto dos meus pais e comecei a vasculhar o criado-mudo da minha mãe para descobrir o que estava acontecendo. Na primeira gaveta havia uma caixinha de joias com uma chave na tranca. Conferindo se a barra estava limpa, eu girei a chave, ouvindo o gratificante *clique*. Dentro havia mechas de cabelos de bebê em saquinhos plásticos, minhas e de Soph, pequenas impressões de nossos pés e mãos, e as pulseiras que usamos no hospital quando nascemos. As coisas de bebê de Dot deviam estar em outra caixa, mas não tentei procurar, porque uma carta num envelope amarelado embaixo de um saquinho com meu primeiro dente de leite atraiu minha atenção.

Era a letra do meu pai, mas apagada. Não consigo lembrar exatamente o que dizia, mas havia umas coisas bregas sobre os cabelos loiros da minha mãe serem como seda dourada e os olhos verdes parecerem lagos calmos e sua confiança brilhar como a luz das estrelas, poderosa e cintilante, iluminando toda a escuridão ao redor dela. A mãe que eu conhecia estava mais preocupada em ler informações nutricionais, evitar lavar meias

vermelhas com camisas brancas e fazer com que tomássemos nossas vitaminas. Senti uma espécie de tristeza por nunca ter conhecido essa outra mulher, mas pus tudo de volta no lugar certo e abri a segunda gaveta.

Uma tonelada de coisas sobre implantes cocleares impressas da internet, páginas e páginas, sublinhadas com marca-texto rosa. Embaixo havia uma carta do banco dizendo algo sobre renovação hipotecária. *Renovação hipotecária*. Nunca tinha ouvido falar naquilo, mas a carta parecia oficial. Sentindo que estava chegando a algum lugar, sentei-me no colo de Soph, no escritório, para forçá-la a sair.

– Cai fora! – gritou ela. Forcei ainda mais, assumindo o controle do computador. – Ai, ai, Zo, você é muito pesada!

Encontrei um fórum para pessoas de meia-idade. TeaCosy7 disse que estava considerando a opção para construir um alpendre. Considerando o quê? Procurei mais um pouco. Renovação hipotecária, no fim das contas, era uma maneira de liberar o dinheiro ligado a uma casa se você quisesse comprar alguma coisa grande ou se estivesse com problemas financeiros.

– Problemas financeiros? – perguntou Soph, olhando por trás de mim. – Quem está com problemas financeiros?

– Nós – falei, feliz. Bem, era melhor do que um divórcio.

Ficamos com fome antes de os meus pais voltarem para casa, então esquentei o macarrão e comemos na mesa da cozinha. Enquanto Soph estava pescando pedacinhos de azeitona que tinham ficado no prato, roubei seu celular e corri escada acima com ela no meu calção.

Entrei no banheiro, tranquei a porta e liguei para Lauren. Soph enfiou um bilhete embaixo da porta dizendo que eu ia MORRER em letras maiúsculas ao lado de um desenho meu com uma faca enfiada no cérebro e um p.s. que pedia um transferidor emprestado para poder terminar a lição de casa de matemática. Minha mãe e meu pai voltaram enquanto eu

conversava dentro da banheira vazia, meus pés em cima das torneiras douradas.

– Desça já aqui, Zoe! – gritou minha mãe.

– Então, você me promete que eu posso ir morar com você se ficarmos sem teto? – perguntei para Lauren.

– Claro. Vamos abrir nossa própria empresa de passear cachorros chamada Fofoca do Cão, que é o que melhor a gente sabe fazer.

– Zoe! – minha mãe chamou de novo.

– Tenho que ir. Vejo você amanhã na festa – falei rapidamente.

– Late aí.

– Tenho que ir!

– Só se você latir.

– Au.

Lauren riu, e eu desliguei. No patamar da escada, o reluzir prateado de uma figura brilhante veio correndo na minha direção.

– O que você tá fazendo? – Engasguei. Dot estava com enfeites espalhafatosos da cabeça aos pés.

– Encontrei os enfeites de Natal no quarto do pai e da mãe.

Eu me ajoelhei no chão e fiz sinais rápidos.

– Você precisa tirar isso já! Eu tinha que estar cuidando de você!

Dot girou no lugar com os braços abertos.

– Eu não consigo esperar até o Natal – ela gesticulou. – O Papai Noel. É verdade que ele traz qualquer coisa que a gente quiser?

– Sim – falei. – Mas você precisa...

– Qualquer coisa no mundo inteirinho? – ela sinalizou, olhando para mim bem de perto.

– Sim. Mas você precisa tirar isso.

Dot apontou para duas bugigangas penduradas nas orelhas.

– Gosta das minhas joias?

Eu apertei os dentes.

– Amo. Mas vai tirar isso tudo, por favor. Mamãe já chegou.

Os olhos de Dot arregalaram-se, e ela saiu em disparada, correndo para o quarto e batendo a porta. Na cozinha, encontrei minha mãe empilhando os pratos sujos ao lado da pia.

– Pensou que ia deixar a louça para mim? – minha mãe me repreendeu.

Eu ergui as mangas da blusa.

– Desculpe.

– E você já começou a lição de casa?

– Ainda não.

– Zoe!

– Eu tenho o fim de semana todo! – protestei, enchendo a pia de água. – E tenho só que responder dez questões de matemática e escrever uma introdução para o trabalho final de inglês.

– Trabalho de inglês? Você não comentou nada!

– É apenas o primeiro parágrafo.

– Mesmo assim, você não pode fazer correndo.

– Eu não disse que vou fazer *correndo*! – murmurei, tirando molho de tomate e alho de um prato. – Amo inglês. Sei o que estou fazendo.

– Vou ajudar você.

– Não precisa, mãe. Consegui todas essas anotações da minha professora. Praticamente um livro de exercício inteiro cheio delas.

Minha mãe abriu a geladeira para procurar algo para comer enquanto eu encaixava o prato limpo no escorredor.

– Bem, vou dar uma olhada quando você acabar. Inglês é importante para quem vai fazer Direito.

– Inglês é importante para quem vai escrever também – eu disse, baixo demais para ela ouvir.

Ela pegou um pouco de salada e apertou um tomate entre os dedos para sentir se estava maduro.

– Isso vai servir. Não estou com muita fome, na verdade.

– Você e o pai vão construir uma varanda? – perguntei de repente.

– Varanda? Não. Por que a pergunta?

Comecei a lavar outro prato.

– Por nada.

No dia seguinte era a festa da fogueira e, sr. Harris, eu posso estar errada, mas não acho que vocês celebrem a Noite de Guy Fawkes, então vou explicar tudo sobre ela agora. Quatro séculos atrás, em 5 de novembro de 1605, para ser mais precisa, Guy Fawkes e um amigo tentaram explodir o parlamento inglês para matar o rei. Era tarefa de Guy Fawkes detonar a pólvora no porão, mas a tentativa de assassinato falhou, e todo mundo ficou tão aliviado que soltaram fogos e fizeram a maior festa. O ritual pegou. Desde então, as pessoas comemoram esse dia na Inglaterra. Todo 5 de novembro as pessoas fazem um boneco do Guy Fawkes com roupas velhas cheias de jornais, tipo o *Sun* (ou *The Times* se você quiser braços e pernas mais pomposos para ele), e então jogam-no na fogueira. Se o senhor me perguntasse, eu diria que é um pouco cruel, pessoas comendo maçã-do-amor enquanto Guy Fawkes queima até a morte por um crime que ele nem cometeu, mas ainda assim a noite é divertida, com fogos e espumante e fumaça que fica impregnada nos cabelos por dias.

A festa local era em um parque logo depois do centro da cidade, então imagine espaços verdes abertos e ciclovias e trilhas e bosques e um rio ondulante. A entrada era marcada por um grande portão de ferro e, quando

o meu pai me deixou lá, o ar cheirava a liberdade. Tudo bem, se o senhor quiser que eu seja mais precisa, também a cachorro-quente e fumaça e algodão-doce, mas mais a liberdade do que qualquer outra coisa.

A fogueira queimava no meio do parque, laranja e vermelha e amarelo cintilante. Multidões moviam-se na direção dele como mariposas indo para a luz, e eu era uma delas, botando minhas asas para fora pela primeira vez em semanas. Lauren estava sentada em um banco, e eu fiz aquela coisa de chegar de mansinho atrás dela, cutucá-la na cintura e gritar “buu”, enquanto ela xingava, “AAAI, FDP...!”, desse jeito, bem alto. As palavras ecoaram em todo o espaço aberto, porque havia muito espaço, um universo inteiro na verdade, pronto a ser explorado. Eu me sentei ao lado dela, e conversamos um tempão, comendo algodão-doce enquanto a fogueira dourava a noite.

Todo aquele açúcar me deixou com sede, então Lauren ficou guardando lugar no banco, e fui buscar água. Mulheres vendendo camisetas e outras vendendo bijuterias, homens oferecendo brinquedos espalhados em barracas às margens do rio. A água fluía, e a fumaça rodopiava, e os vendedores gritavam enquanto eu procurava a barraca das bebidas. Um homem barbudo segurava uma réplica de Ferrari vermelha, mais conhecida como o carro dos sonhos do meu pai; então parei e comprei o carrinho de presente, porque ele estava preocupado com o vovô.

Ao entregar o dinheiro, vi o Garoto de Olhos Castanhos perto do brilho incandescente do fogo. Aliás, eu sei muito bem que poderia ter criado tensão aqui, especialmente por ter aprendido como fazê-lo em inglês, usando frases curtas e pausas e pistas para criar suspense. O problema, sr. Harris, é que a vida real não é ficção, então quis refletir como aconteceu de verdade. Na vida real, as coisas não avançam ordenadamente até um

clímax; na verdade, os momentos ocorrem do nada e sem aviso, como quando o meu pai atropelou um cachorro.

Em um livro, sem dúvida haveria alguns quase incidentes para prenunciar o evento, e talvez até mesmo um latido enquanto o meu pai acelerasse para virar a esquina, dando ao leitor uma dica de que algo de ruim estava prestes a acontecer. Na vida real, meu pai estava voltando do supermercado, e o sol estaria brilhando, e *Dancing Queen* começava a tocar no rádio enquanto ele passava por um quebra-molas que seria, no fim das contas, um pastor-alemão. E foi assim que aconteceu na fogueira. Sem tensão crescente. Sem aviso. Num segundo eu me afastei da barraca, no próximo eu o encarava, o Garoto dos Olhos Castanhos. Simples assim.

– Seu carro.

– O quê?

O homem ergueu a Ferrari.

– Seu carro.

Enfiei o carrinho no bolso da frente sem tirar os olhos do garoto. Estava usando uma camiseta com uma estampa na frente, encarava as chamas e fantasiava sobre algo sem dúvida importante. Imaginei um balão de pensamento sobre a cabeça dele e eu mergulhando de cabeça no meio dele. Esqueci a sede. Esqueci Lauren. Pulso acelerado, corri até o fogo, abrindo caminho até a frente, me espremendo para passar um pai com uma garotinha nos ombros e uma mulher com um poodle em uma daquelas roupinhas.



Fagulhas voavam, pedaços âmbar incandescentes que ficavam pretos acima das chamas.

– Posso jogar? – gritou alguém. A multidão aplaudiu. Um homem segurava um boneco de Guy Fawkes usando uma máscara do Dia das Bruxas. As pernas estavam estufadas nas calças pretas, e os braços saíam de um cardigã. – Posso jogar? – o homem gritou mais alto. A garotinha batia palmas. Até o poodle abanava o rabinho.

O Garoto de Olhos Castanhos bocejou e desviou o olhar. Arrastei os pés adiante para tornar minha presença mais óbvia, enquanto o homem agarrava Guy Fawkes por um braço e por uma das pernas. Balançou o boneco na direção do fogo. A cabeça pairou sobre as chamas, e eu me encolhi enquanto a multidão rugia.

– Um... – Pescoços esticaram-se para ter uma visão melhor. – Dois... – Todos uniram-se à contagem. – *Três!* – O fogo crescia. Guy Fawkes voou. E apenas quando o boneco desapareceu nas labaredas o garoto virou-se na multidão e olhou diretamente para mim.

A estampa na camiseta dele dizia *Salve Guy Fawkes*. Por cinco segundos, nos encaramos, e em seguida o garoto sorriu.

– Olá. – Aquela única palavra me lançou nos ares. A fogueira desapareceu. As pessoas também. Havia apenas o garoto e eu e nossos olhos brilhando no centro do universo.

– Bonita camiseta – disse eu por fim. – Sinto muito pelo Guy Fawkes.

– Mesmo que ele seja um vilão?

– Guy Fawkes teve seus motivos. Talvez fossem bons.

Os olhos do garoto cintilaram.

– Bons motivos para fazer coisas ruins... Interessante.

– Muito interessante. – Aquela conexão entre nossos cérebros incandescia, vermelha. Enrubesci e desviei o olhar. Em algum lugar, a milhões de quilômetros de distância, a máscara do boneco derretia.

– Nada como uma boa fogueira para juntar as pessoas. – O rapaz deu um sorriso amarelo. – Talvez a gente devesse jogar o poodle na sequência. – Eu ri enquanto o cão latia, toda a fofice furiosa no tartã. O garoto sacudiu a cabeça. – Talvez seja escocês. Se é escocês, eu deixo os donos irem embora. Como você se chama? – perguntou ele de repente. Desta vez eu lhe disse. As duas sílabas pareciam novas e brilhantes nos meus lábios. – Melhor que *Garota Passarinho* – disse o garoto –, que é como eu chamava você na minha cabeça desde a festa. Bem, isso ou *Ratoeira*. – Meu coração parou um instante. Parou milhares de instantes. Ele estava pensando em mim também.

– Acho que você também não é o *Garoto de Olhos Castanhos*.

– Esse é o meu nome do meio. Meu primeiro nome é Aaron.

Antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, vi aquela mão segurando o braço de Aaron.

– Oi! – disse a garota. Aquela palavra me jogou com tudo de volta para a Terra. Tinha cabelos longos e ruivos da cor do fogo. Um casaco preto da cor do carvão. Um sorriso para Aaron que ficou queimando no meu cérebro por muito tempo após ele ter desaparecido.

– Você veio! – falou ele, puxando a garota num abraço. Ela espreitou por sobre o ombro dele – a pele pálida com uma quantidade perfeita de sardas e

um nariz retinho do qual um cirurgião plástico teria ficado orgulhoso.

– Preciso mesmo falar com você – sussurrou ela no ouvido dele, os dedos cobrindo a nuca do garoto.

– Claro – respondeu Aaron, e foi o exato oposto da resposta que eu queria que ele desse, mas me esforcei para abrir o melhor sorriso com aquela indiferença típica contida na palavra francesa *nonchalance*, enquanto ele pedia licença e se aproximava um pouco mais do calor para uma conversa particular.

Olhei para o meu relógio. Nove e quinze. Quarenta e cinco minutos até minha mãe me buscar.

Quarenta e quatro minutos.

Quarenta e três minu...

– Achei você! Pensei que tivesse sido assassinada ou algo assim. –

Lauren apareceu do meu lado com um jeito mal-humorado. – Onde estava?

Estendendo as mãos na direção da fogueira, fingi estremecer.

– Só estava com frio.

– Você poderia ter me dito. Estou congelada que nem um picolé. E quase morrendo de sede, então larguei o banco lá. Ia deixar minha bolsa lá, mas um cara velho veio puxando uma perna na minha direção e disse, tipo, “Você não pode guardar lugar” e ficou falando sobre a mulher dele, que precisava descansar.

– Que fofo.

– Que *maluco*. Ele estava sozinho, então achei que era uma daquelas pessoas que veem coisas que não existem. Sabe, tipo necrofilia ou coisas assim.

Escondi um sorriso.

– Você quer dizer esquizofrenia.

– Quê?

– Esquizofrenia. Necrofilia é, bem, você não vai querer saber.

Olhei para as costas de Aaron. Quarenta e um minutos até minha mãe chegar.

Lauren pegou meu braço.

– Então, vamos.

– Vamos aonde?

Ela se remexeu sem sair do lugar.

– Estou com sede.

Aaron segurava as mãos da garota entre as suas, e os olhos dele estavam grudados no rosto dela.

– Tá, tudo bem – falei, virando as costas para a fogueira, sentindo frio de uma forma que nada tinha a ver com as chamas que se extinguíam.

Na fila, Lauren falava pelos cotovelos, e eu não sei ao certo o que isso quer dizer, mas imagino bocas nos cotovelos de Lauren falando sem parar, então, tipo, o senhor consegue imaginar. Falou o tempo todo sobre aquele garoto que estava um ano à nossa frente, com quem ela tinha ficado na festa do Max, e eu estava fazendo o máximo para me concentrar, mas ficou difícil quando Aaron envolveu a garota nos braços, lá longe.

Lauren comprou uma garrafa de água enquanto fogos de artifício riscavam o céu. *Óoos* da multidão. *Aaaahs*. Sem nem pensar naquilo, agarrei o braço dela, e deitamos no chão bem ali, e então assistimos aos fogos deitadas na grama com a noite explodindo ao nosso redor. Apontei para algumas fagulhas azuis.

– Parecem girinos.

– Parecem mais espermatozoides – falou Lauren. Nós duas rimos, porque era verdade, as faíscas bamboando no céu como se estivessem numa corrida para fertilizar a lua. Lauren imitou o movimento com a mão.

– Esperminhas nadando.

Um rosto apareceu na nossa frente.

– E aí?

Cabelo loiro. Olhos castanhos. Os fogos estouravam atrás da cabeça dele enquanto meu coração explodia num grande clarão vermelho. Aaron.

Lauren pôs a mão sobre a sobancelha. Eu pisquei e olhei com mais cuidado. Era o garoto do ano seguinte, e ele estendeu a mão, puxando Lauren para que ela ficasse em pé. Eu me levantei do chão, decepcionada.

– Estava procurando por você – disse ele. – Vamos dar uma caminhada na margem do rio.

Lauren agarrou o meu braço.

– Só se a Zoe vier também.

– Não se preocupe comigo – falei, precisando de repente ficar sozinha. Mais pessoas tinham se juntado à fogueira, mas Aaron e a garota haviam desaparecido. Lauren examinou minha expressão bem de perto. Arregalei bem os olhos, com insistência. – Sêrio. Vou ficar bem. De qualquer forma, minha mãe chega em dez minutos.

O garoto puxou a mão de Lauren, e ela beijou minha bochecha, fazendo um ruído agudo no meu ouvido.

Naquele momento, as chamas rugiam. A fumaça enchia meus olhos de água, e o calor pinicava minha pele. Acabei voltando ao banco para ver o velho conversando com o nada. Aquilo era triste, mas só por fora, digo; ele parecia feliz o bastante, falando para sua mulher invisível como os fogos de artifício são feitos, detalhando bastante como são montados para obter cores diferentes, e, sr. Harris, eu me pergunto se o senhor conversa com Alice e o que o senhor diria se ela aparecesse na sua cela, atravessando as grades e pairando perto da lâmpada. Talvez o senhor pedisse perdão, e eu esperaria que ela dissesse tudo bem, porque, no fim das contas, meio que foi culpa dela em primeiro lugar.

As famílias saíam juntas, e os casais se abraçavam ao lado da fogueira. E mesmo o velho tinha alguém para conversar, e ninguém ligava que estivesse só na cabeça dele. Caminhando aos tropeções para o estacionamento, eu me sentei num muro. Um relógio brilhava em uma igreja a distância, e eu suspirei. Antes parecia que eu não tinha tempo, mas no final até que restava muito dele. Vinte minutos sem nada a fazer, excet...

Vozes!

De um garoto. E de uma garota.

Andando no muro até ficar escondida atrás de um arbusto, observei Aaron entrar no estacionamento seguido pela garota de cabelos longos e ruivos. Meu estômago se revirou. Estavam indo embora juntos, caminhando com facilidade, braços envolvendo a cintura um do outro. Um velho carro azul de três rodas com teto amassado e placa DOR1S estava estacionado embaixo de um poste de luz. Espiei entre as folhas. Aaron abriu a porta do passageiro e beijou o alto da cabeça da garota antes que ela entrasse. Meu estômago revirou mais um pouco, espremendo qualquer esperança para fora dele.

Agora, sr. Harris, o senhor provavelmente espera que eu chute um arbusto ou caia no choro ou corra para dentro do estacionamento e faça uma cena. Bem, desculpe-me por decepcioná-lo e tudo mais, mas meu rosto estava completamente calmo, e meu corpo, totalmente quieto. A única coisa que fiz foi rasgar uma teia de aranha, partindo-a ao meio com a lateral da mão. Metade dela estava à esquerda do muro, e metade ficou pendurada em um galho, e aquela era a única prova no mundo inteiro de que algo dentro de mim tinha se quebrado.

As janelas do carro estavam ficando embaçadas. Não queria pensar no que estava acontecendo lá dentro, digo, todos nós vimos *Titanic*, ou talvez o senhor não tenha visto, então imagine a mão batendo contra um vidro

embaçado de respiração e suor e paixão. Tomando cuidado para não ser vista, desci do muro, com as costas rígidas e as pernas doloridas. Tudo doía, e o mundo estava frio, e até mesmo as estrelas pareciam vingativas, pedaços afiados de branco estendendo-se de toda a escuridão. Enquanto perambulava por trás das barracas, meu pé pisou em falso sobre uma pedra, e eu caí sobre o tornozelo. O barulho que fez me surpreendeu, porque meu tornozelo nem ficou dolorido.

– Zoe? – Uma figura se moveu na minha direção, afastando-se da fogueira, uma silhueta preta contra o laranja. Eu apertei os olhos. Max apareceu com uma lata de cerveja na mão. Vinha tentando atrair minha atenção desde o dia da foto, mas eu o ignorei. Só que agora eu não tinha a menor chance de fazer isso. Ele estava em pé bem diante de mim. – Você está bem?

– Sim. E você?

– Com frio.

Silêncio.

Flexionei meu pé, e como não senti dor, rastreei meu cérebro por algo a dizer.

– Fica sempre mais frio quando não tem nuvens. Menos isolamento. O que me lembra da ovelha.

Max deu um gole da lata.

– Quê?

– Ovelha. Você sabe. Quando tem nuvens, é como se o mundo tivesse um casaco de pele. Fica mais quente e tudo mais. Mas quando a noite está clara, é como se o planeta estivesse tosquiado... – Percebi a expressão confusa de Max e balancei a cabeça. – Isso é estúpido.

Ele deu outro gole longo.

– Não, não é.

Silêncio novamente. Fogos de artifício estouraram em estrelas sobre a nossa cabeça. Nós dois os olhamos por muito tempo, e então um para o outro, e então para o chão. Max limpou a garganta.

– Olha só, me desculpe – falou ele, chutando uma pedra entre os pés. A sinceridade na voz dele me surpreendeu. – Aquilo foi totalmente errado.

– Sim, foi mesmo.

Ele chutou a pedra para longe e cruzou os braços.

– Apaguei a foto. Mas não foi fácil...

– Esqueceu os botões?

Aquilo provocou um sorriso. Malicioso. Um tanto desequilibrado.

– Não. Na verdade, não foi fácil porque você estava muito bonita.

– Sério? – retruquei, fazendo o máximo para soar indiferente. – Não foi o que você disse antes.

– O Maravilhoso Max Morgan já mentiu antes – disse ele. Eu dei um sorriso relutante enquanto os olhos dele baixavam rapidamente para o meu peito. – De verdade, você estava...

– Bêbada – complementei, meu coração acelerado. – Muito bêbada. Eu quase vomitei no seu carpete.

– Eu *vomitei* no meu carpete – falou Max. – Quando você saiu. A menos que fosse seu...

– Pode parar! – exclamei.

Max balançou o dedo na frente do meu rosto.

– Acho que você está mentindo.

– Pode achar o que quiser – retruquei, e aquilo foi incrível, digo, quem sabia que falar sobre vômito poderia ser uma cantada?

As estrelas pareciam mais gentis. Mais suaves. Mais douradas do que brancas, e o céu preto meio azulado. Max deu um último gole, então jogou

a lata de cerveja na lixeira. Ele se recostou nela, com as pernas esticadas e as canelas cruzadas. Os cadarços do tênis sujos de lama.

– Então, você ainda está chateada comigo? – perguntou ele após uma pausa. Nós dois olhamos para as fagulhas prateadas. E, depois, um para o outro. E, dessa vez, não desviamos o olhar.

– Claro – falei. – Você foi um babaca.

– Um babaca que você beijou primeiro.

– Um babaca que se aproveitou de mim enquanto eu estava bêbada – respondi, mas dei um passo para frente.

Max pousou a mão sobre o coração.

– Isso não acontecerá de novo. Sério. Da próxima vez que você estiver de peito de fora, eu juro que não vou...

– Da próxima vez? – perguntei, surpresa, chegando ainda mais perto. – Como você sabe que haverá uma próxima vez?

– Só um pressentimento – Max sussurrou, me puxou e me beijou com intensidade.

Não com intensidade suficiente. Pousei a mão atrás da cabeça dele e forcei para juntar ainda mais as nossas bocas, e pensei, não sei bem por quê, no vidro pingando com respiração e suor e paixão. Max enfiou as mãos por dentro da minha camiseta, passou-as pelo meu quadril e subiu pelas costas, seus dedos frios sobre a minha espinha. Girei minha língua contra a dele, me aproximando ainda mais, as pernas dele desaparecendo entre as minhas. A fricção era boa, e minhas costas se curvaram de um jeito que nunca tinham feito, tipo as de um gato. Sua boca passou dos meus lábios para a minha bochecha, então para o meu pescoço, seus dedos deslizando pelas minhas costelas até a parte de baixo do sutiã. Dentro do meu sutiã. Suspirei enquanto suas mãos fortes apertavam, minha cabeça caindo para trás e meus olhos abrindo para ver fogos de artifício explodindo no céu.

Meu corpo formigava, e meu sangue palpitava, mas minha mãe estava a caminho, então forcei para me desvencilhar.

– Aqui não. – As palavras saíram num resfolegar. Max me puxou na direção de um parquinho vazio. Enterrei meus saltos na grama. – Hoje não. Minha mãe já deve estar me esperando no estacionamento.

– Amanhã, então? – perguntou ele. Hesitei, porque eu sabia que nunca poderia. – Ou depois de amanhã? – Ele soava nervoso de verdade. Max Morgan. Nervoso por minha causa. Lauren nunca acreditaria.

Ergui um dos ombros, incapaz de resistir.

– Claro, por que não? – Ele me beijou novamente, mais suave dessa vez, mas me afastei. – Está ficando tarde. – Max resmungou, mas pegou minha mão. Uma imagem da minha mãe atrás do volante passou pela minha mente. – Não precisa me levar até o estacionamento. Sério.

– Tudo bem. Estou indo embora também.

Eu soltei a mão dele.

– Vai na frente, então. Minha mãe é um pouco...

– Nervosinha? Deve ser hereditário. – Max riu com deboche, e dei uma cotovelada nas costelas dele. Caminhamos um pouco, então paramos atrás de uma árvore. Max olhou para o estacionamento. – Se não souber nada de mim amanhã, chame uma ambulância. Meu irmão vai me dar uma carona até em casa. Tirou a habilitação faz poucas semanas. De primeira, claro. Acho que ele não repetiu em nada na vida. Mas não significa que ele seja um bom motorista. Sério, diga para sua mãe ter cuidado.

Eu sorri enquanto ele corria, passando pelo mini da minha mãe, ignorando um jipe e apertando o passo direto até o carro estacionado embaixo de um poste.

Um velho carro azul com janelas embaçadas. Eu me aproximei, meu coração desacelerando enquanto Max abria a porta traseira e se sentava no

banco atrás de Aaron.

Agora, sr. Harris, se existe uma maneira de descrever como me senti quando corria até o carro da minha mãe é usando a palavra “embasbacada”. Meu “embas” ainda estava muito “bacado” quando cheguei em casa e fiz uma xícara de chá muito, mas muito forte mesmo, porque fiquei mergulhando o saquinho e mergulhando o saquinho, tentando botar a cabeça no lugar. Irmãos. *Irmãos*. Talvez eu devesse pressentir. Havia algumas semelhanças entre eles, e Aaron estava na festa do Max, mesmo que fosse alguns anos mais velho do que o restante de nós. Mas ainda assim. Não dava pra adivinhar.

O vapor subia da minha xícara quando eu me sentei no carpete da sala de estar para bebericar o chá, pensando se os irmãos eram próximos e se estavam papeando na cozinha bem naquele momento, fazendo um sanduíche ou algo assim. Tentei imaginar se eles comeriam o mesmo recheio ou recheios diferentes, tipo, Max escolheria presunto, e Aaron preferiria queijo, e a garota de cabelos longos e ruivos iria de atum, que faria o hálito dela feder a peixe. Eu daria de tudo para ser uma mosca na parede para descobrir a resposta.

Engraçado mesmo é que há uma mosca de verdade na parede de verdade bem agora. Tipo isso. Pequena e pretinha, presa na teia do parapeito da janela do barracão, colada na teia e olhando para o jardim, provavelmente se perguntando que diabos aconteceu com a sua liberdade. Quando o sol nascer, aposto que a aranha já terá comido a mosca. Pelo jeito que está o céu, a aurora não está longe, acho que preciso voltar para casa antes que a minha mãe acorde. Agora que os relógios voltaram ao normal, está clareando uma hora mais cedo e isso deve servir de consolo, Stuart. Mesmo que você jante no escuro, toma café à luz do sol, e espero que isso aqueça a sua pele.

Com carinho,
Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

14 de novembro

Oi, Stuart,

Não me julgue, porque não foi minha culpa e eu nunca teria concordado em ir se minha mãe não tivesse começado a suspeitar. Quando voltei da escola, ela estava ao telefone. Não me pergunte como eu sabia que ela estava falando com Sandra, mas eu sabia, e ela estava fazendo aqueles barulhos, “ahhh hum ééé”, e, então, desligou e me disse que íamos até a casa dela para tomar um café.

Claro que protestei.

– Eu nem gosto de café!

– E daí? – perguntou minha mãe, e os olhos dela se apertaram como se estivesse tentando mandar um raio examinador para o meu cérebro. – Vê-la pode ajudar. E sei que ela ficaria feliz. Você gosta dela, não é?

– Claro. É que... é... eu estou com dor de garganta, só isso. – Minha mãe botou dois analgésicos na minha boca, então me levou para fora de casa. Quinze minutos depois, eu estava sentada na pequena varanda envidraçada de Sandra pela primeira vez desde o funeral.

– Você tem saído bastante? – perguntou minha mãe.

– Um pouco – respondeu Sandra. – Aqui e ali. – Meu pai não estava brincando sobre o peso dela. Rosto magro. Saboneteira saliente. Braços finos. O cabelo estava diferente também. Costumava ser preto com luzes castanhas, cortado em camadas, mas a cor estava desbotada, e o cabelo, sem corte. – Estou tentando me ocupar.

– Boa ideia – falou minha mãe. – É a única maneira. Preencher o tempo.

– Nunca tinha percebido que havia tantas – murmurou Sandra. – Horas. Sinto cada minuto.

O sol apareceu, refletindo seu brilho na fonte do jardim. Vi a imagem do dedo de Max cutucando as asas de uma mariposa morta. Pisquei forte para me livrar dela, mas voltou com mais força ainda, e então Aaron estava olhando para cima, para a coruja, e em seguida a mão de Max estava na minha coxa, e então Aaron estava examinando minha pele e lábios e curvas, e minha pulsação acelerou, e meu estômago queimava, e eu estava prestes a vomitar quando Sandra perguntou:

– E como você está, Zoe?

Não tive força suficiente para falar.

– Ela está péssima – disse minha mãe. – O rendimento dela na escola também está bem ruim.

– Bem, eles eram próximos, não eram? – falou Sandra e, Stuart, aquela era uma dessas perguntas retóricas, que não precisavam ser respondidas. – Tudo ser interrompido desse jeito...

Eu me levantei de repente.

– Tudo bem, Zo? – perguntou minha mãe. Minhas mãos ficaram dormentes, e o cômodo ficou pequeno demais, e a gravata do uniforme muito apertada. Eu puxava e puxava, mas o nó estava muito forte. – Melhor irmos – disse minha mãe, depressa. – Ela não está muito bem. E eu deixei as outras duas com uma vizinha. Obrigada pelo café.

Sandra se levantou com o rosto cheio de preocupação. Doía demais olhar para ela, então me concentrei no céu enquanto Sandra puxava minha cabeça para o seu ombro.

– Eu sei como você se sente – falou ela, me apertando forte. – Sei mesmo. Venha me visitar quando quiser. – Ela me empurrou suavemente e

pôs a mão no meu rosto. – Podemos nos ajudar. – Meus punhos se fecharam. Meus dentes também. E bem quando pensei que não conseguia aguentar nem mais um segundo a gentileza dela, a mão se afastou, e Sandra caminhou até a porta da frente com suas pantufas velhas e descosturadas. Ela parou ao lado de uma foto pendurada na parede. – Você já viu isto aqui?

Uma moldura prateada.

Eu num vestido azul, meu rosto mais vermelho que de costume. E Max e Aaron rindo, um de cada lado meu, na Feira da Primavera.

Os faróis dos carrinhos bate-bate brilhavam ao fundo. Fumaça dos trailers de cachorro-quente pairavam no ar. Uma data no canto dizia: 1º de maio.

– Essa é...? – começou minha mãe.

– Sim, a última foto dele. – Minhas bochechas perderam a cor. Eu senti, de verdade, a cor rosada pingando do meu pescoço como maquiagem sendo lavada com água fria. – É a minha favorita – falou Sandra. – Ele parece tão feliz. Vocês todos parecem. – Com o polegar, ela esfregou os três rostos e, Stuart, foi quando eu corri para fora da casa e vomitei ao lado de uma árvore.

Com carinho,
Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

29 de novembro

Oi, Stuart,

O granizo martela o telhado e, se você nunca tem esse tipo de clima no Texas, então imagine o céu esvaziando o freezer. A aranha deve estar se perguntando que diabos está acontecendo. Ela está parada no meio da teia vazia sobre suas pernas pretinhas, e eu tenho a estranha sensação de que ela está me encarando. Provavelmente por conta da minha roupa. Touca de lã e cachecol roxos sobre a camisola, as botas de caminhada da minha mãe nos pés. Encontrei tudo isso aqui, então Dot deve ter brincado de exploradora, porque ela usa este barracão como casinha. Pus um casaco do meu pai sobre as pernas como cobertor e parece seguro aqui embaixo, proteção contra a chuva e o vento e a mão que desaparece e também contra o grito de Sandra, que entrou nos meus sonhos pela primeira vez hoje à noite.

Faria de tudo para esquecer. De tudo. Comer a aranha ou ficaria pelada no telhado do barracão ou faria toneladas de lições de casa de matemática pelo resto da minha vida. Qualquer coisa que limpasse tudo do meu cérebro como fazemos com os computadores, apertar um botão para apagar as imagens e as palavras e as mentiras, que estão prestes a começar na próxima parte da minha história.

PARTE CINCO

No dia depois da festa da fogueira, Max deveria ter me ligado. Meu cabelo ainda cheirava a fumaça, e meu estômago estava pesado e, verdade verdadeira, cada vez que meu telefone tocava, meu coração ia de zero a cem numa fração de segundo, como a Ferrari que eu comprei para o meu pai. Engraçado que estávamos falando de carros durante o almoço na mesa da cozinha. Para sua informação, comemos linguiças orgânicas e purê de batata.

– A nova temporada de *Top Gear* começa hoje à noite – falei para o meu pai, mencionando o programa de carros que ele ama. – Nove da noite.

– Legal – falou meu pai, mas não parecia muito entusiasmado. – Posso falar agora? – perguntou ele para a minha mãe.

Ela deu um gole num copo de água e disse:

– Se você precisar.

Meu pai baixou o garfo e arrumou o prato até que ele ficou exatamente no meio do jogo americano.

– Temos que contar uma coisa para vocês – ele gesticulou com dificuldade. Dot estava espremendo uma tonelada de ketchup no prato. Dei um tapinha no joelho dela e apontei para papai. Ela olhou com culpa, mas então viu que não estava encrencada e apertou o frasco com mais força ainda. Espirrou vermelho sobre a mesa toda.

– Idiota – murmurou Soph.

– Temos que falar uma coisa para vocês – meu pai gesticulou de novo com dificuldade, ignorando a bagunça. – É importante.

– Não queremos que vocês se preocupem – acrescentou minha mãe, mas a linha funda no meio das sobrancelhas dela contrariava suas palavras.

– Vocês vão se divorciar? – perguntou Soph, segurando um pedaço de linguiça no ar. – Por que vocês estão brigando tanto? – Minha mãe e meu pai trocaram um olhar culpado.

– Não estamos brigando *tanto* assim – falou minha mãe.

– O que está acontecendo? – Dot sinalizou, porque sentiu a tensão, mas não conseguia acompanhar a conversa. Os dedos dela estavam vermelhos depois de tentar limpar o ketchup.

– Mamãe e papai vão se divorciar – Soph gesticulou dessa vez. As mãos de Dot voaram para a boca, a faca e o garfo tilintando na mesa.

– Sophie! – Meu pai explodiu. – Não dissemos isso.

– Por que vocês vão se divorciar? – Dot gesticulou apressada, o rosto coberto de ketchup agora. – Papai fez sexo com outra mulher?

– Quê? Não! – retrucou minha mãe.

– Não vamos nos divorciar – disse meu pai. – Perdi o emprego, é isso. Meu queixo caiu. Dos problemas com dinheiro eu sabia, mas aquela informação era nova para mim. Dot puxou a manga da minha blusa. Marcas vermelhas nela também.

– Papai perdeu o emprego – gesticulei, custando a acreditar naquilo. Dot suspirou aliviada e pegou os talheres.

– Você foi demitido? – perguntou Soph. – Por quê? Perdeu um monte de dinheiro do escritório de advocacia?

– Fez sexo com seu chefe? – quis saber Dot, gesticulando.

Meu pai suspirou lentamente.

– Não fui demitido. O escritório fez uma fusão com outro, e meu cargo ficou redundante.

– Quando você vai conseguir outro emprego? – perguntou Dot, sinalizando rapidamente. – Amanhã? Depois de amanhã? Depois de depois de amanhã?

– Não sei – ele admitiu enquanto Dot misturava ketchup no purê, fazia bolotas com elas e as colocava ao redor do prato.

– Pare de brincar com a comida! – gesticulou minha mãe.

– São nuvens – Dot sinalizou.

– Nuvens não são vermelhas – gesticulou Soph.

– Estão no nascer do sol – Dot sinalizou de volta, desafiadora. – O sol nasce no meu prato, e a linguixa está achando lindo.

– Você está fazendo uma bagunça – minha mãe bronqueou com as mãos.

– Uma bagunça bonita. – Dot sorriu. Ela virou o prato e mostrou para a minha mãe. A linguixa estava deitada de costas, rindo para as nuvens de ketchup.

– Muito bonito – disse minha mãe. – Agora, almoce direitinho, seja uma boa menina.

Meu pai levantou-se para se servir de mais linguixas.

– Vai aparecer algo. Tem um monte de escritórios de advocacia por aqui; e eu já comecei a acionar meus contatos. O dinheiro pode ficar um pouco curto por enquanto, mas vamos dar um jeito.

– Se não aparecer algo, sempre podemos renovar a hipoteca da casa – sugeri. Minha mãe ficou surpresa. – Liberar alguns recursos. – Eu continuei, acenando com a cabeça de modo sensato.

– Sim – falou meu pai, soando impressionado. – Exatamente. Ou sua mãe pode arranjar um emprego. – Ele falou sem pensar, deixando cair uma linguixa no prato. Os olhos verdes da minha mãe arregalaram-se de forma que se podia ver toda a parte branca.

– Sem chance!

– Mas...

– Sem chance – minha mãe falou de novo. – Meu trabalho é em casa. Aqui. Com as garotas. Você perdeu seu emprego, arrume outro.

Meu pai encarou a minha mãe. Minha mãe fuzilou meu pai com os olhos. Eu e Soph nos entreolhamos. Apenas Dot continuou comendo, deixando a linguixa com o sorriso para o finalzinho do almoço, quando a pegou com os dedos e segurou-a na frente do rosto. Ela acenou solenemente como se dissesse adeus, então arrancou a cabeça com uma mordida.

Max não ligou depois do almoço e não ligou quando fui para o banho naquela noite. Eu me esparramei no chão do quarto de pijama, tentando sem sucesso fazer minha lição de francês, cutucando o celular para ver se ele estava ligado. Dei um grito quando ele tocou.

Uma mensagem!

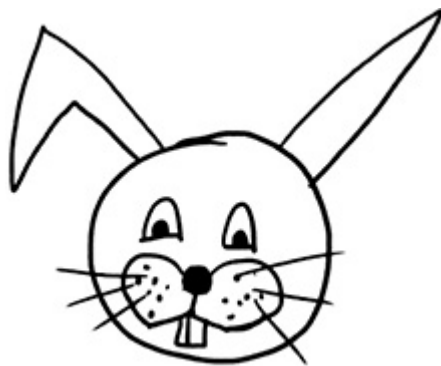
Rolei de costas sobre todos os verbos franceses que eu devia aprender para a prova. Viver. Amar. Rir. Morrer.

Na minha casa amanhã depois da escola?

Era incrível. Realmente incrível. Pisquei duas vezes, então reli a mensagem. Sim. Estava lá – um convite para a casa de Max Morgan. Apenas para mim. Queria colocar o telefone para fora da janela e projetar aquelas palavras no céu. Em vez disso, olhei para a cúpula do abajur, tentando pensar numa resposta perfeita. Digo, não me leve a mal, seria um não, Stuart. Tinha de ser. Minha mãe nunca me deixaria ir na casa de um garoto, nunca em um milhão de anos. Mas como escrever aquela resposta? Pode me chamar de superficial, mas eu não queria que Max perdesse o interesse, mesmo que eu preferisse o irmão dele.

Comecei a digitar. Apaguei. Comecei de novo. Apaguei novamente. Arranquei uma página em branco do meu caderno de francês e, depois de

dez minutos rabiscando, tinha uma resposta que me deixou satisfeita, mais dezessete assinaturas e muito provavelmente uma imagem de um coelho com imensos dentes da frente, mais conhecido como a única coisa que consigo desenhar.



A mensagem dizia que eu estava ocupada, mas que gostaria de vê-lo outra hora, e bem quando meu polegar pairava sobre o botão “enviar”, o relógio-carrilhão bateu nove horas.

– Pai! Pai? *Top Gear* vai começar. – Não houve resposta. – Pai? – repeti, largando o telefone no carpete para ir até o hall. A luz rastejava por baixo da porta do escritório, então girei a maçaneta. – *Top Gear* vai come...

Meu pai encarava o descanso de tela do computador com uma expressão vaga. Na mesa havia um fichário, aberto numa página cheia com a letra dele. *Holdsworth and son. Mansons. Leighton West*. Havia vinte outros escritórios de advocacia na lista e, ao lado de metade deles, uma cruz.

– *Top Gear* vai começar – falei, balançando o braço dele.

Papai bocejou e se esticou.

– Grave para mim, Zoe. Vou assistir outra hora. Estou no meio de uma coisa aqui.

Pensei que ele estava falando sobre trabalho, mas, quando balançou o mouse, a foto de um casal apareceu na tela. Em uma sala cheia, enfumaçada, uma garota tinha pulado nos braços de um homem, uma perna em cada lado dos quadris dele, o pé dela esticado na direção do teto.

Sua cabeça estava para trás, os cabelos castanhos iguais aos meus encostando nos sapatos brilhantes do homem. Ele sorria com os olhos enrugados e a boca bem aberta, curvando-a para o chão com braços fortes.

– Vovô – disse meu pai. – E vovó. Eles não parecem...

– Sim – murmurei. – Parecem – falei, porque eu sabia que o papai estava prestes a dizer *jovens*.

Não era o rosto deles, Stuart, e o fato de que não tinham rugas. É difícil descrever, mas era algo no humor deles. Na energia. Era possível vê-la nas gotinhas de suor na testa do vovô. No arco da vovó. Não era apenas dançar. Era viver. Viver de verdade, como imaginar a extensão de um momento, mais do que duração, e duas pessoas decididas a preencher cada último milímetro dele.

– Faz a gente pensar, não é? – comentou meu pai.

– Realmente – respondi, e completei: – faz você pensar no quê?

– Que a vida é curta. E que existe muito mais nela do que se preocupar.

– E do que a escola – acrescentei, sentando no canto da mesa.

Meu pai deu uma risadinha.

– Bela tentativa! Cuidado com as fotos. – Ele tirou da minha mão uma pilha de fotos em preto e branco. – Estou digitalizando. Não quero perdê-las...

Senti como se ele quisesse dizer *não como o vovô*, então perguntei:

– Como ele está?

Meu pai esfregou o alto do nariz.

– Não está bem, para ser sincero. A memória dele está em frangalhos. Semana passada nem conseguia lembrar que dançava. Levei algumas fotos, mas ele jogou de lado e pediu a Bíblia e uma tigela de geleia de morango.

– Ele não sabe que este aqui era ele? – perguntei enquanto o jovem na tela sorria e sorria e sorria. – E a vovó? Ele se lembra dela?

– Como uma velhinha, sim. Mas o que havia de passado desapareceu.

Meu pai parecia tão exausto que eu saí pela porta e voltei com algo escondido atrás das costas.

– *Tchã-rã!* Fique com a réplica até você conseguir comprar uma de verdade. – Esperei meu pai agradecer, mas o rosto dele ficou ensimesmado. Olhou da Ferrari para a lista de escritórios de advocacia na mesa. Todas aquelas cruzes. – Eu não quis... Não é porque acharam que você ficou redundante. Não é que eu...

– É fantástico – interrompeu meu pai, pegando o carrinho e empurrando-o pela mesa, fazendo o barulho do motor com a garganta, mas ele estava meio indiferente, e nós dois sabíamos disso. – Obrigado, querida – disse ele, enquanto o carro dava um cavalo de pau ao lado do fichário e estacionava perto do mouse.

Meu pai voltou para as fotos, o queixo descansando sobre a mão. Clicou em um botão e a dança foi substituída por um piquenique na chuva, um jovem casal em um tapete grosso, sem luz do sol em vista além do brilho radiante dos rostos sorridentes. A mão do vovô estava apoiada no ombro da vovó, e eles se recostavam um no outro, as cabeças se tocando.

– Por que mamãe odeia tanto o vovô? – perguntei. – Ele parece tão legal. Meu pai pigarreou.

– Ela não odeia o seu avô.

– Mas o que aconteceu, pai? Não entendo. Por que não podemos visitá-lo?

– É que houve uma...

– Briga. Sim, eu sei. O dia do McDonald's. Mas e daí?

Meu pai pigarreou uma segunda vez.

– Não se preocupe com isso, querida.

– Mas eu quero saber.

Meu pai parecia prestes a se dobrar, mas então murmurou:

– É melhor que algumas coisas fiquem no passado.

– Algumas coisas como o quê? – perguntei, ciente de que estava abusando da sorte.

– Ainda não chegou a hora, Zoe.

– Mas por que todos esses segredos? Que é que tem de errado?

– Olha só, não há motivo para remexermos nisso – disse ele, ríspido. – Sua mãe não gostaria nada disso.

– Mas por quê? – falei, chateada. – O que ele fez de tão horrível?

– Deixe para lá! – disse meu pai, explodindo. – Sério, Zoe. Aprenda quando parar!

Magoada, corri para fora do escritório, pegando meu telefone do chão do quarto. Dessa vez, quando li minha resposta dizendo que não poderia ir à casa do Max, meu polegar não pairou sobre o botão *enviar*. Eu apertei *apagar*. Se minha mãe e meu pai podiam ter segredos, Stuart, então eu também podia. Irritada, digitei três letras.

Sim.

Com carinho,
Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

3 de dezembro

Oi, Stuart,

Está chegando o Natal. Mais ou menos. Na Inglaterra, todas as lojas começam a tocar *Jingle Bells* em novembro, e as luzes de Natal são ligadas nos vilarejos e nas cidades no dia 1º de dezembro. Verifiquei três vezes no Google e não consegui encontrar nenhuma informação sobre o Natal no Corredor da Morte, mas aposto que os guardas não deixam você pendurar nem uma meia listrada na cela. Mesmo se houver uma árvore na prisão, provavelmente não deve ser muito animador comer mingau de aveia atrás das grades e, na verdade, aposto que esta época do ano apenas deixe você mais triste.

Foi o que Sandra me disse ontem. Telefonou de novo. Meu coração pesou quando vi o nome dela e, verdade verdadeira, eu não ia atender, mas então pensei que ela poderia ligar para o telefone fixo e falar com a minha mãe e nos convidar para ir até lá. Atendi bem no último toque quando passava sob os anjos piscantes na volta da escola, e aquilo fez parecer que os mensageiros de Deus estavam mostrando suas roupas de baixo, o que teria sido muito mais interessante do que as luzes tênues sobre a rua principal ao lado da igreja.

Sandra disse que estava tendo um dia ruim. Eu provavelmente deveria me oferecer para visitá-la, então poderíamos relembrar seu filho morto, mas, Stuart, eu disse que precisava fazer um bolo para uma competição. Foi

a única coisa na qual consegui pensar, porque eu estava segurando um pão de ló após a minha aula de Tecnologia de Alimentos.

– Uma competição de *bolo*? – repetiu ela.

De repente, entrei em pânico, achando que meu comportamento pudesse soar suspeito.

– É simples – respondi prontamente. – Sem cobertura. E provavelmente muito seco.

– Boa sorte com ele – respondeu ela, parecendo desconfiada. – E venha me ver de novo antes do Natal, tudo bem? Esta época do ano torna tudo mais difícil de aguentar. O pensamento fica nele de verdade. Embaixo da terra, enquanto todo mundo... Bem, eu adoraria vê-la.

– Sim, eu também – murmurei, mesmo que não tivesse intenção de visitá-la, não hoje, nem amanhã, nem em qualquer dia pelo resto da minha vida, mesmo se ela continuasse viva por todo o sempre, amém.

Posso soar grosseira, mas eu nem a conheço tão bem. Se somar todos os minutos, acredito que passei duas horas junto dela no total antes de ela estar segurando o meu braço no funeral, chorando em silêncio ao lado do caixão, suas unhas se enterrando na minha pele. A primeira vez que nos encontramos foi tão rápida que nem conta, e, Stuart, vou contar tudo isso agora, então me imagine na escola, na aula de Tecnologia de Alimentos, estranhamente me esforçando para fazer pão integral.

PARTE SEIS

Ergui os olhos das balanças e vi o cabelo castanho da nuca de Max na sala ao lado da minha. Meu estômago deu uma cambalhota e aterrissou com um baque que sacudiu meu cérebro. Todo pensamento sensato derramou-se para fora dele como sal, que, para sua informação, eu me esqueci de acrescentar à massa do pão. O pão ficou um desastre, solado e queimado, e não restava opção a não ser jogá-lo fora. Por acaso, a lata de lixo estava ao lado da porta da sala de artes gráficas, e Max deve ter sentido minha presença. Enquanto eu raspava a forma com uma faca, ele levantou os olhos do seu projeto. Eu acenei, mas infelizmente foi com a mão segurando a faca, e eu estava tensa demais para sorrir. Do ponto de vista de Max, eu devo ter aparecido sem expressão na janela, brandindo uma arma branca, e então desaparecido um segundo depois.

Lauren estava achando aquilo quase inacreditável.

– Na casa do Max. *Na casa do Max* – ela ficou repetindo aquilo, e amei a admiração na sua voz. – Você vai mesmo para a casa dele hoje à noite?

– Pensei que eu também pudesse – falei com leveza.

– E sua mãe deixou? – perguntou ela com farinha espalhada sobre o avental inteiro.

– Não exatamente. – Contei para ela que menti para os meus pais sobre ir à biblioteca para fazer uma pesquisa sobre rios para um projeto de Geografia. – Eles têm seus segredinhos, então não me sinto mal em esconder deles as coisas.

– É um terreno escorregadio – Lauren cantarolou, e, Stuart, ela estava coberta de razão, mas eu dei de ombros com aquela palavra chamada ignorância, dizendo:

– Uma mentirinha não vai machucar ninguém.

Quando bateu o sinal, enfiei meus livros na bolsa e corri para o bicicletário, onde combinamos de nos encontrar, me perguntando que diabos eu estava fazendo. Na casa do Max. *Na casa do Aaron*. Verdade verdadeira, eu quase amarelei, tipo, imagine um daqueles frangos crus do supermercado de uniforme escolar com um olhar aterrorizado. Mas então Max apareceu, uma visão perfeita, e, antes que eu me desse conta, estava seguindo o garoto para fora do portão da escola, com a esperança de que todas as outras garotas pudessem ver.

Mas não ouvir. A conversa soou artificial, pois Max estava sóbrio. Nossa confiança da festa da fogueira desapareceu no ar, assim, *puf*, e éramos apenas dois adolescentes uniformizados perambulando na garoa, sem fogos de artifício para comentar.

– O que você fez ontem? – perguntei quando paramos na faixa de pedestres e esperamos pelo sinal do homenzinho verde.

– Joguei futebol.

– Qual foi o placar?

– Três a dois para nós.

– Três a dois para vocês – repeti quando o homem verde apareceu.

– Por que você está acenando? – perguntou Max e, com certeza, minha mão estava se movendo de um lado para o outro no ar. Era um hábito, algo que fazia Dot sorrir, cumprimentar o homenzinho verde como se ele fosse mesmo uma pessoa com um trabalho de verdade, e não apenas uma luz numa máquina.

– Espantando um mosquito.

– Estamos no inverno.

– Será que era um pintarroxo? – brinquei, mas Max não entendeu.

Quando chegamos à casa dele e atravessamos a trilha do jardim, fiz de um jeito que meus pés não tocassem os crocodilos. Max destrancou a porta, e eu não precisava de jeito nenhum tocar na maçaneta, mas toquei mesmo assim porque aprendemos em Biologia sobre o DNA e como ele sai do corpo sem a gente nem perceber. Apertei o metal frio me perguntando quantas vezes Aaron havia feito o mesmo.

– Você vai entrar, não vai? – perguntou Max, tirando o casaco e pendurando-o em um gancho ao lado da porta da frente. Entrei no hall enquanto as espirais multicoloridas de Aaron deixavam minha pele formigando.



– Então, hum, quer beber alguma coisa? Suco de laranja? – perguntou ele. Assenti com a cabeça, aguçando minha audição para tentar ouvir se havia alguém mais em casa, mas estava tudo silencioso, tirando os aquecedores roncando na cozinha. Estávamos sozinhos. E a rua lá fora estava vazia.

– E sua mãe? – perguntei, embora não fosse no carro dela que eu estivesse pensando.

– Trabalhando – falou Max, servindo dois copos de suco na cozinha. Era pequena com uma mesa no canto e duas plantas morrendo no parapeito da janela.

– E seu pai?

– Não mora com a gente.

– Ah, é. Você disse. Desculpe – acrescentei, porque o rosto de Max ficou sério.

– Não esquentar. Isso não me incomoda. – Ele me entregou um dos copos. – Foi embora faz uns anos, então já estou acostumado. – Eu tomei o suco num gole só, Max fez o mesmo. Nossos copos tilintaram quando os deixamos na pia, e um cachorro latiu lá fora. – Mozart. Nome estúpido para um cachorro.

– Deviam tê-lo chamado de Bach – disse eu, rindo. Max não respondeu, então perguntei onde era o banheiro, apesar de eu não precisar ir ao banheiro e já conhecer o caminho desde a festa.

– Eu mostro para você – falou ele, me levando até o banheiro do andar de cima. Ele fez um barulho estranho, olhando para alguma coisa ao lado da descarga. Segui seu olhar para ver um tubo de papelão pendurado na parede onde devia haver um rolo de papel higiênico. – Bem... vou pegar um rolo para você.

– Não precisa – respondi. Max ergueu as sobrancelhas. Não tinha intenção de fazer nada na privada, mas ele não sabia disso.

– Tem certeza?

– Sim. Digo, não. Preciso de um rolo – falei. Ergueu mais ainda a sobrancelha. – Não um rolo inteiro. Só um pedaço – acrescentei.

No caso de Max estar ouvindo, fingi que usei o banheiro. Foi tudo dissimulado, dar descarga e abrir a torneira. Um sabonete estava do tamanho de uma moeda de 50 centavos, e eu imaginei Aaron lavando as

mãos com ele, então me curvei para cheirá-lo. Meus pulmões se encheram com o aroma dele. Peguei o sabonete e enfiei no bolso do meu casaco, e isso provavelmente parece meio maluco, mas as pessoas fazem todo tipo de coisas estranhas, Stuart, por exemplo, naquele programa de TV no qual colocam câmeras escondidas em lugares públicos, uma mulher de meia-idade no banheiro de um restaurante chique dançou o foxtrote na frente do secador de mãos, histérica com o ventinho quente dizendo “Ai, Jonny”, como se estivesse naquele filme, *Dirty Dancing*. E uma vez, quando minha mãe me levou para Londres para ver um musical pouco antes de Dot nascer, ela quis ir naquele lugar onde os Beatles atravessaram a rua, que parece uma piada, mas aconteceu de verdade, na capa de um disco para ser mais precisa.

Havia um montão de turistas tirando fotos e arriscando morrer ao posar na rua, tentando se desviar dos ônibus vermelhos. Os turistas eram tontos, mas minha mãe era a mais tonta de todos, acredita? Posando para uma foto abraçada em um homem de Wokingham vestido de John Lennon... Acredito que aquela mulher com roupas caras teria pegado o sabonete do Patrick Swayze, e aquele homem de Wokingham teria pegado o sabonete de John Lennon, então, Stuart, não acho que foi tão estranho pegar o sabonete de Aaron. Aposto que você já fez algumas coisas estranhas quando se apaixonou por Alice, depois do primeiro encontro, no restaurante. Talvez tenha pegado o sachê de ketchup da mesa e, quando ficou sem molho de tomate em casa, não conseguiu abri-lo, e talvez ainda esteja no seu armário de cozinha entre a mostarda e o molho inglês. Que seja, o tempo está passando, e é melhor eu acelerar aqui, tipo, imagine meus dedos enroladinhos, aquecidos contra o inverno, e esta carta ficando toda congelada enquanto minha mão corre por ela. Basta dizer que as coisas estavam bem quentes no quarto de Max. Os dedos dele deslizavam na

direção do zíper da minha saia do uniforme quando ouvi um carro estacionando lá fora e *BAM*, de repente, eu caí em mim.

– Aonde você vai? – reclamou Max, porque eu pulei da cama, arrumando as roupas.

Fingi que olhava para o meu telefone, então deixei-o na mesa.

– Tenho que ir. – Calcei os sapatos, arrumando os cabelos com os dedos enquanto a porta da frente da casa abria e fechava.

– Você não precisa ir embora correndo – falou Max. – Minha família não liga de eu trazer garotas para cá.

– Eu preciso ir mesmo – respondi, imaginando a cara do Aaron quando me visse com seu irmão. Alguém deixou uma bolsa cair ao pé da escada, e a TV foi ligada. – Tipo, agora...

– Fique mais um pouco. – Ele deu tapinhas na cama ao lado dele e, então, fingiu um arrepio. – Estou ficando com frio sem você...

– Abotoe a camisa, então – falei, e ele abotoou, mal-humorado, levando um tempão para terminar enquanto eu andava de um lado para o outro no meio do quarto, desesperada para ir embora, mas tentando esconder a impaciência.

– Engraçadinha – resmungou ele, ficando de pé finalmente antes de seguirmos na direção das escadas.

– Max, é você? – alguém perguntou por cima do som da televisão. Uma voz feminina. Suspirei aliviada.

– Não, mãe. É um ladrão remexendo nas suas coisas – disse ele, irônico.

– Ah, haha. Muito engraçado. Tudo bem na escola?

– O de sempre – respondeu Max. – Matemática, chato. Inglês, chato. Ciências, chato.

– Nossa, que entusiasmo, meu filho! Aaron já voltou?

Eu me encolhi, esfregando o nariz para disfarçar.

– Nada. Provavelmente está na Anna. – Esse era o nome dela, então. – Até mais – ele falou para mim, porque eu abri a porta da frente.

– Você não vai me apresentar à pessoa que está se esgueirando no meu hall? – perguntou a mãe dele.

– Talvez outra hora – respondeu Max, e foi isso, meu primeiro contato com Sandra acabou aí.

Agora, se você fosse um vizinho xereta na rua de Max, ficaria tremendamente decepcionado, porque não aconteceu absolutamente nada quando nos despedimos no jardim. Acenei, Max acenou e fechou a porta depressa, e, verdade verdadeira, a coisa toda pareceu um pouco com fogos de artifício molhados, e, Stuart, se você não sabe como é, imagine pólvora encharcada que não explode e vai entender bem o que aconteceu.

Quando saí da casa, a lua brilhava no céu cor de anil. Eu amaria dizer que era uma daquelas bem cheias para fazê-la parecer significativa, mas não era especialmente cintilante ou romântica, então não tinha ideia de que algo incrível estava prestes a acontecer. Que algo incrível tomou a forma de um velho carro azul esperando no semáforo ao lado da igreja. Um pombo apareceu voando de repente, então me esquivei quando ele quase atingiu minha cabeça, e, quando eu me endireitei, alguém buzinou. Meus olhos se ajustaram ao brilho cegante dos faróis, e eu percebi, com uma grande corrente de adrenalina, que era Aaron.

– Garota Passarinho! – ele me chamou lá do carro. – Passeando com os pombos!

– Sendo atacada por eles – corrigi.

– Bem, seria melhor dar uma carona para você, então!

Acho que nem respondi, apenas corri para a rua quando a luz do semáforo ficou verde e um homem numa van gritou nervoso pela janela aberta. Erguendo a mão para me desculpar, mergulhei no DORIS de

cabeça. Aaron acelerou antes que eu fechasse a porta. Prendendo o meu cinto de segurança, o rosto em algum lugar perto do freio de mão enquanto cantávamos pneu na partida, meu nariz bateu contra a coxa de Aaron.

Começamos a rir.

– Pare em algum lugar – falei, com dor na lateral, meu pé preso embaixo da minha coxa. – Estou com câimbra!

Aaron parou ao lado do restaurante chinês de comida para viagem.

– Oi – disse ele, quando me sentei normalmente.

– Oi – respondi, e a pólvora seca explodiu na escuridão dentro de mim. Ele usava jeans desbotados e um suéter azul largo, e seu cabelo loiro não tinha nada de especial, mas parecia muito perfeito pousado ali, no topo da cabeça.

– Então, aonde vamos? – perguntou Aaron.

Algum lugar bem longe. Foi o que eu quis dizer, e Timbuktu foi a primeira coisa que me passou pela cabeça, mas claro que só pedi uma carona até a Avenida da Ficção, porque eu sabia que a minha mãe estaria esperando. Aaron olhou por sobre o ombro e saiu enquanto uma mulher no restaurante chinês virava a placa na porta. *Aberto*. As luzes acenderam, e um dragão na janela brilhou em verde, fazendo-me pensar em aventuras em países distantes, e desejei com muito mais força do que a maioria das coisas na minha vida que o carro fosse mágico e pudesse nos levar até Timbuktu, porque na época eu pensava que era um lugar mítico, assim como Nárnia, em vez de uma cidade de verdade na África, destruído pela pobreza e pela fome.

– Avenida da Ficção, é pra já – falou Aaron, só que, claro, usou meu endereço real, e eu amei que ele soubesse onde era a minha casa e não precisasse pedir indicações.

Uma vez meu pai leu um livro sobre a adaptabilidade dos seres humanos e sobre como somos criaturas notáveis, porque podemos nos acostumar com qualquer coisa, e, Stuart, isso é tão verdade se você considerar como as pessoas adormecem em aviões, sem nem pensar no quanto é milagroso estar tão alto no céu, voando sobre as nuvens até a América do Sul ou outro lugar, ir ao banheiro milhares de metros acima da Terra, fazendo xixi sobre o oceano. E assim foi estar no carro de Aaron. No início foi *Uaaaaaaau*, mas depois de poucos minutos me acostumei e tive a sensação estranha de que o meu lugar era naquele banco. Dirigimos tranquilamente pela estrada, e os semáforos ficavam verdes no momento certo, como se o dragão do restaurante estivesse soprando fogo esmeralda para iluminar nosso caminho para casa.

Aaron olhou para o meu uniforme.

– Bath High? – falou ele. – Estudei lá. Meu irmão ainda estuda.

– Sério? – retruquei, meu rosto interessado, mas por dentro eu gelei.

Fígado. Baço. Coração. Tudo congelou.

– Max Morgan. Conhece? – Aaron virou à direita. Deslizou em ponto morto numa rua vazia. Reduziu a velocidade e virou à esquerda.

– Max... – comecei, mas uma ambulância roncou atrás da gente, sirenes uivando. Aaron saiu do caminho, o pé pisando fundo no freio quando algo atingiu com força o vidro ao lado da minha cabeça. Uma figura pequena e vermelha ficou pendurada no retrovisor, batendo contra a janela. Pousei a palma da mão embaixo dela enquanto a ambulância partiu em disparada e desapareceu numa curva.

– Por pouco! – Aaron suspirou.

– Isso é...

– Srta. Rosa, do jogo Detetive. – Aaron fez que sim com a cabeça. – E os dados do jogo. Todo mundo da faculdade tinha aquelas coisas feias de

pelúcia, então pensei em pendurar dados de verdade no meu espelho. Além do mais, Detetive é o máximo.

– Você gosta de Detetive?

– Você gosta de Detetive?

– Eu amo – respondemos ao mesmo tempo, e então sorrimos.

– Muito melhor que Banco Imobiliário. Toda aquela coisa de ficar dando volta... – disse Aaron.

– Ponto de Partida...

– Roubar dinheiro do banco para comprar casas... – concluiu Aaron. – Todo mundo rouba um pouquinho! – ele protestou quando olhei horrorizada.

– Eu não!

– Claro que rouba.

– De verdade, eu não roubo.

– Você nunca roubou dinheiro do Banco Imobiliário? – perguntou Aaron. – Você não teve vida. Vou mostrar para você como se faz qualquer dia.

– Claro – dei de ombros, mas por dentro meu coração estava derretendo, pingando sobre os meus ossos.

A placa para a Avenida da Ficção apareceu, letras pretas sobre um poste branco que tinha um gato gordo e marrom em cima, e, Stuart, na verdade eu consigo ouvir um lá fora do barracão bem agora, miando na escuridão. Aquele na placa de rua era muito silencioso, e estávamos chegando mais perto, e os olhos do gato ficavam mais brilhantes, mas eu não queria ir para casa, ainda não, nunca mais.

– Pare aqui um segundo – falei.

Aaron fingiu que tocava o quepe de um chofer enquanto estacionava ao lado do gato.

– Vamos falar oi!

– O quê... Não... Espere! – falei, mas Aaron já havia desaparecido, deixando a porta do carro aberta.

– Olá, sr. Gato – falou ele, acariciando a manchinha branca entre as orelhas pontudas do animal.

– Lloyd – corrigi. – É do vizinho. Junto com o Webber.

– Lloyd Webber – murmurou Aaron, e o gato pulou da placa e veio esfregar a cabeça contra a minha perna com um ronronar meio áspero. – Meu vizinho tem um cachorro chamado Mozart.

Eu assenti com a cabeça, como se fosse uma informação novinha em folha.

– Deviam tê-lo chamado de Bach – brinquei, mas estava distante. Aaron riu, e o som me deixou feliz e triste, tipo, Stuart, imagine aquelas máscaras do teatro penduradas nas minhas costelas, no meio do meu estômago.



– Bonitos animais – murmurou Aaron, e o gato partiu em disparada para dentro dos arbustos. – Não acha?

Subi em uma mureta, tremendo um pouco.

– Não sei. Prefiro cachorros.

Aaron pulou para se sentar ao meu lado.

– Gatos são muito melhores. Mais livres. Como Lloyd, correndo por aí para explorar.

– Mas sempre estão sozinhos. Cachorros são mais sociáveis. Abanando o rabo. Correndo para lá e para cá.

– Gatos conseguem subir em árvores – retrucou Aaron.

– Mas cachorros podem nadar. E gatos matam pássaros, o que eu simplesmente não consigo aguentar.

– Você e seus passarinhos... – falou Aaron, erguendo um pé sobre a mureta e cruzando os braços sobre o joelho dobrado.

– Eu os amo. Melhor do que gatos e cachorros e todos os outros animais juntos.

– O que eles têm de tão especial? – perguntou Aaron, virando-se para me olhar, como se estivesse extremamente interessado na resposta.

Pensei por um momento.

– Bem, eles podem voar.

Aaron suspirou.

– É mesmo?

Bati no braço dele.

– Pare de ser idiota! Não vou dizer mais nada se...

– Não, continue – pediu ele, piscando os olhos.

– Bem, eles podem voar... – Olhei para ele, desconfiada, mas ele ficou em silêncio – ... o que é inacreditável, digo, imagine ser capaz de levantar voo e ir para onde quiser. Como as andorinhas. É louco o quanto elas vão longe!

– São essas que migram? – perguntou Aaron.

Sentei sobre as mãos e assenti com a cabeça.

– Vão embora no inverno, aquelas coisinhas voando sobre o oceano, totalmente destemidas. Viajam trinta e dois mil quilômetros, ou algo assim, e então voltam quando aqui fica um pouco mais quente. Não sei. Tipo, é muito irado!

Aaron esticou a mão e apertou minha coxa.

– Irado mesmo – falou ele. A eletricidade subiu pela minha perna e zzzzzumbiu dentro do meu corpo muito depois de ele ter ido embora. – Então, qual é a boa do fim de semana? – perguntou ele, se esforçando para soar casual.

Me esforcei ainda mais para responder.

– Arrumar estantes na biblioteca onde eu trabalho. E você?

– Escrever um ensaio. Bem estúpido.

– Tenho um montão de lição de casa para fazer. Minha mãe está fazendo pressão, falando o tempo todo sobre notas e como eu preciso ir bem se quiser fazer Direito.

– Você quer fazer Direito? – perguntou Aaron, cruzando os braços.

Torci o nariz.

– Na verdade, não. Mas minha mãe e meu pai são formados em Direito, então...

– Então, o quê?

– Bem, é um bom trabalho, não é?

– Depende da sua definição de bom – respondeu Aaron. –

Pessoalmente, não consigo imaginar algo pior. Ficar sentado em um escritório o dia todo. Papelada. De frente para uma tela de computador.

Temendo que ele me achasse chata, eu disse:

– Na verdade, o emprego dos meus sonhos é escrever romances. –

Nunca havia expressado aquilo de forma tão ousada antes, e imediatamente me senti uma idiota. – Não que eu tenha alguma chance de fazer isso. Não mesmo.

– Ei, não fale assim! Você é jovem demais para ser pessimista.

– Não sou pessimista. Sou realista. Escrever não dá dinheiro – falei, ecoando as palavras da minha mãe.

– Se perguntar para a J.K. Rowling, ela vai dizer que dá, sim.

Eu ri.

– Acredite, minha história não é tão boa quanto *Harry Potter*.

– Então, você está escrevendo? Me conte mais.

– Nem pensar!

– Medrosa. – Ele começou a grasnar e bater os cotovelos como asas.

– O que é isso, um pato?

Ele abriu um sorriso.

– Eu posso não ser um especialista em pássaros, mas conheço uma franguinha medrosa quando vejo uma.

– Muito bem. O título é *Pelinho, o Peludo...*

– Bom título.

– ... e é sobre uma criatura peluda e azul que vive numa lata de feijão, mas um dia um garoto chamado Mod tem vontade de comer feijão com torrada, então abre a lata e despeja numa tigela, mas Pelinho sai da lata, e eu nunca disse isso para ninguém, então não quero que você mostre reação nenhuma. – Ele fez o que pedi. Literalmente. Ficou lá, sentado, totalmente parado, sem respirar. Revirei os olhos. – Tudo bem, talvez você possa reagir um pouquinho.

– Ufa! – ele soltou o ar. – Estava começando a sufocar. – Ele empurrou meu ombro, brincando. – Parece bom.

– E aí, quais são seus planos? – Tentando mudar de assunto, virei o rosto para ele e me sentei na mureta.

– Meus planos? Não tenho planos.

– Todo mundo tem planos – falei, surpresa.

– Eu, não.

– Então, você vai sair da faculdade e...

– E... – Aaron balançou a mão no ar – ... ver o que vai acontecer. Pensar um pouco. Não tem que ter pressa, tem?

Pegando um pouco de musgo com o dedo, tentei imaginar Aaron trinta anos no futuro. Sérico. Cansado. Cabelos grisalhos sobre as orelhas, como o meu pai. Era impossível. Especialmente quando ele se levantou na mureta e me puxou para ficar em pé. Agarrei o braço dele para não cair.

– Gosto de escalar paredes – anunciou ele de repente.

– Hum... eu gosto de escalar paredes também – falei, tentando me equilibrar.

– Gosto do inverno e gosto do escuro e gosto de gatos e gosto da chuva e gosto de subir montanhas e sentar lá em cima, no meio da névoa. É tudo que preciso saber sobre a minha vida agora. É muito simples. E eu posso viver tudo isso de graça.

– Mas você precisa de dinheiro – contestei. – Todo mundo precisa de dinheiro.

– Verdade. Mas apenas o suficiente para sobreviver. E talvez um pouquinho sobrando para começar uma aventura. Na verdade, é isso que vou fazer quando terminar a faculdade. Ir para algum lugar. Meu pai me deu um cheque polpudo no meu aniversário de dezessete anos para comprar um carro com uma placa personalizada. Não acho que DOR1S seja exatamente o que passou na cabeça dele. Mas funciona muito bem. E eu guardei o restante do dinheiro para fazer alguma coisa divertida.

– Isso é legal – falei sem pensar, me perguntando se foi assim que minha mãe e meu pai se sentiam bem no comecinho, quando costumavam escrever cartas de amor um para o outro.

– É – concordou Aaron, tombando a cabeça para trás na garoa. – É mesmo.

Só quando pensei que a noite não poderia ficar ainda mais perfeita, a imagem de um estacionamento esgueirou-se na minha mente. Um

estacionamento com duas pessoas caminhando nele. Parando ao lado do poste. Abraçados sob a luz âmbar.

– Tenho que ir – falei de repente, pulando da mureta, o momento arruinado. – Minha mãe disse para eu estar de volta às seis da tarde.

Aaron ficou onde estava, estendendo os braços e equilibrando-se em uma perna.

– Foi bom eu ter te dado uma carona. Você teria se atrasado. Aliás, o que você estava fazendo por lá?

– Como? – perguntei, pensando se tinha ouvido direito. Limpei minha saia do uniforme sem encarar os olhos dele.

– Por que você estava naquela parte da cidade depois da escola? Eu moro por ali.

– Estava visitando o meu avô – murmurei, limpando com tapinhas uma sujeira inexistente do tecido.

– Onde ele mora?

Não conseguia pensar em uma única rua, então disse:

– Ele está enterrado no cemitério ao lado dos semáforos.

– Ah. Sinto muito.

– Não precisa. Ele está em paz – e, Stuart, foi meio verdade, porque ficar internado em um hospital pedindo geleia de morango não era exatamente algo estressante.

Aaron saltou da mureta. Abri a porta do carona. O bíceps dele se tensionou quando pegou minha bolsa. Nossos dedos se encostaram quando me passou a alça. Dez segundos depois, ainda me estendia a alça, meus dedos formigando com todo aquele DNA multicolorido.

– Então, essa é a parte em que você me dá seu telefone – sussurrou Aaron. – Sem eu ter que pedir. – Meu coração deu um salto, mas eu hesitei,

pensando na garota de cabelos longos e ruivos. – Ou você pode ficar com o meu? Você é quem sabe. Apenas para combinarmos um assalto ao banco.

Dei um sorrisinho. Não consegui evitar. Não sabia o meu número, então enfiei a mão na bolsa, procurando o telefone. Livros de escola. Canetas. Um elástico. Passei meus dedos por todos os cantos. Clipe de papel. Chiclete. Uma tampa de garrafa.

– Não está aqui – falei, confusa, então suspirei.

– O que foi?

– Eu... devo ter deixado na escola.

Aaron pegou uma caneta do porta-luvas. Pegou minha mão, escreveu o número dele na palma, a ponta da caneta fazendo cócegas na pele enquanto zeros e setes e seis e oitos espalhavam-se do polegar ao dedinho através da linha da vida e minha linha do amor e todas as outras dobras que os ciganos liam nos trailers. A tinta preta brilhava à luz da lua, mas tudo que eu conseguia ver era meu telefone no quarto do Max. Na mesa. Com uma fotografia minha e de Lauren como protetor de tela. Puxei minha mão e ergui a bolsa sobre o ombro. Uma ruga formou-se entre as sobrancelhas de Aaron, e eu quis pular sobre ela e alisá-la como um travesseiro.

– Tudo bem? – perguntou ele, e, Stuart, era uma questão impossível de responder, mas pela segunda vez naquela noite fui poupada da necessidade de responder por uma ambulância.

A mesma ambulância que tínhamos visto poucos minutos antes. Estava virando na Avenida da Ficção, na *minha* rua, luzes azuis piscando.

Bem, não sei se você já esteve em uma sala de espera de hospital, mas, se quer saber, eu diria que é o pior lugar do mundo. Havia um sofá surrado e uma mesinha de centro grudenta e uma lata de lixo transbordando e um bebedouro vazio e uma planta murcha que parecia mais doente do que

todos os pacientes da ala juntos. Pontas de cigarro tinham sido esmagadas na terra seca da planta, apesar das seis placas de *Não fumar* e do pôster sobre câncer de pulmão com fotos de tumores. Ao lado deles havia uma pilha de folhetos sobre fraqueza dos músculos da bexiga, que poderia explicar por que as enfermeiras não haviam trocado o galão de água.

Voices soaram do lado de fora da sala. Soph levantou-se e abriu a porta de uma vez, mas não era a minha mãe, nem meu pai, tampouco a Dot, só alguns médicos marchando com seus estetoscópios ao redor do pescoço, jalecos brancos farfalhando. Uma sirene soou a distância, e um carrinho de metal fez barulho contra a calçada, e, em algum lugar próximo, o monitor cardíaco fez *biuuuuuuuip*. Rezei muito para que não fosse a Dot.

Stuart, tenho certeza de que você já ouviu falar de sexto sentido, um sentimento que arranha o cérebro para lhe dizer que alguém que você ama está em perigo, e talvez você sinta isso na sua cela, como se seu irmão, que imagino ser alguém de quem você não queira falar, estivesse com dor de garganta, então talvez suas amígdalas doam também. Bem, assim que vi a ambulância, comecei a correr e pude ouvir Aaron gritando meu nome, mas não olhei para trás, porque eu simplesmente tive essa sensação. Com certeza, quando corri na direção da garagem, não vi Dot em lugar algum, e Soph estava chorando.

Minha mãe foi na ambulância com Dot, dizendo para Soph ficar para trás. Bem, eu não estava entendendo nada, então chamei um táxi, e pulamos dentro dele, e no caminho inteiro Soph soluçava e soluçava e soluçava.

– Ela caiu – disse Soph, lágrimas correndo por seu rosto. – De lá de cima até lá embaixo.

– De onde? – perguntei num sussurro.

– Das escadas. Ela ficou lá, caída no carpete, e não se mexia e... – A frase ficou suspensa no ar quando chegamos ao hospital, onde uma enfermeira com rosto sério nos levou até a sala de espera.

Depois de uma eternidade, as dobradiças da porta rangeram, e lá estava a minha mãe, em pé, no caminho, a camiseta para fora da calça jeans.

– Como está Dot? – perguntei.

– Ela está bem? – sussurrou Soph.

Minha mãe despencou numa cadeira.

– Ela...

– Ela o quê? – eu quis saber e agarrei o braço de Soph.

Minha mãe suspirou pesadamente.

– Quebrou o pulso.

– Quebrou o pulso? – perguntou Soph.

– Ela só quebrou o pulso? – falei.

Todas nós pulamos quando a porta abriu pela segunda vez. Meu pai entrou carregando uma pasta, rosto vermelho e arfando no terno preto caro que ele usava apenas em reuniões com clientes importantes e em funerais.

– Recebi sua mensagem! O que aconteceu? Como está Dot?

– Ela quebrou o pulso.

– Ah, graças a Deus! – comemorou meu pai.

– Graças a Deus?

– Bem, pelo que você disse na mensagem, pensei que... Sei lá, ela está bem?

Minha mãe baixou os olhos para o colo.

– Foi minha culpa. Eu deveria estar tomando conta dela.

– Você não pode vigiá-la o tempo todo – falou meu pai bem suave. – O tempo todo, não.

– Ela caiu da escada. Deve ter tropeçado em algum enfeite. Não sei por que ela estava usando aquilo, mas tropeçou e... caiu. Desmaiou. Eu não conseguia acordá-la, Simon, e ela ficou lá deitada como da última vez, mal respirando e...

Meu pai se agachou na frente dela.

– Não foi sua culpa, querida. Acidentes acontecem.

Minha mãe respirou fundo, tremendo, e assentiu com a cabeça enquanto meu pai esfregava a bochecha dela.

– Então, como foi lá? – perguntou ela, pegando no terno do meu pai. – Deu certo?

– Ficamos eu e mais um, mas deram o emprego pro outro cara.

Antes que minha mãe pudesse responder, a luz do corredor invadiu a sala de espera. Uma enfermeira estava segurando a porta aberta para revelar Dot com um gesso na mão e um enfeite de Natal prateado ao redor do pescoço. Soph foi a primeira a alcançá-la, caindo de joelhos e gesticulando afobada, mais rápido do que eu sabia que ela conseguia. Não entendi o que ela estava dizendo, mas Dot fez que sim com a cabeça, e Soph a puxou num raro abraço. Meu pai a agarrou e apertou-a com força, e minha mãe disse “Cuidado, Simon”, e depois fomos para casa, e, Stuart, eu sei que estou mudando de assunto, mas há um gato miando na porta do barracão, então só um segundo que vou deixá-lo entrar.

Desculpe, mas é melhor eu encurtar esta carta, porque é impossível escrever com Lloyd ronronando no meu colo, se metendo na frente do papel. A penugem branca entre as orelhas dele está mais macia do que nunca, e eu a toco o tempo todo e encosto meus lábios nela também. Queria dizer como enrolei a palma da mão numa sacola plástica para proteger o número de Aaron no chuveiro e como me escondi sob as cobertas e segurei minha mão junto à orelha, fingindo discar um celular imaginário e falar

com ele na escuridão. As palavras viajavam pelas minhas veias, que pendiam do céu como fios telefônicos. contei sobre o telefone no quarto de Max, e ele contou sobre a namorada e, claro, perdoamos um ao outro, deitados lá a noite toda, sussurrando amor através dos nossos punhos sob a luz pálida de uma lua banal.

Com carinho,
Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

20 de dezembro

Oi, Stuart,

Ontem eu fiz seu cartão, mas não se preocupe, não há fotos de famílias comendo peru ou luzes mágicas piscando ou bonecos de neve sorrindo com uma felicidade feita de pedrinhas que não pode desmanchar. Nenhuma dessas comemorações festivas parecia adequada, então desenhei um pássaro no lugar delas, uma pipa vermelha voando sobre a sua cela que, de acordo com o Google, é quase do mesmo tamanho do barracão do meu jardim, mas não há regadores nem um casaco nem uma caixa de azulejos que marca suas coxas, e provavelmente também não cheira aos tênis de corrida do meu pai. De verdade mesmo, não há muita coisa na sua cela, exceto uma cama em um canto com um colchão muito fino e uma privada do outro lado do quarto. Se você me perguntasse, eu diria que não é muito higiênico, e você devia pensar em escrever uma carta de reclamação para as pessoas responsáveis pela saúde e segurança ou, talvez, um poema nervoso de protesto.

Semana passada eu li seu poema *Veredito* e, de acordo com o verso dois, você não chorou quando o juiz disse *Culpado*. Você não gritou de ódio quando seu irmão festejou e não berrou aterrorizado quando foi escoltado até a prisão, porque sua mente pairava sobre todas as coisas, observando lá do alto um homem de algemas. Verdade verdadeira, sei exatamente o que você quer dizer, porque ontem meu cérebro pairou com um pombo perto

de um carvalho observando uma garota de casaco preto escrevendo palavras num cartão branco retangular.

Não me senti lá enquanto caminhávamos até o túmulo e não me senti lá quando depositamos nossa coroa de flores e não me senti lá quando Sandra encostou na lápide de mármore e correu com o dedo enluvado as inscrições douradas.

– Nunca vamos te esquecer – sussurrou ela, e, Stuart, eu conseguia ver os olhos castanhos dele me encarando enquanto ela lia as palavras na coroa de flores. – Sempre na minha mente. Sempre no meu coração. Feliz Natal, meu querido filho.

Era minha vez de falar, então abri aqueles lábios que não eram meus.
– Feliz Natal.

As palavras na tampa do caixão começaram a queimar, o calor da verdade subindo pela terra, me fazendo ficar vermelha.

Eu não queria estar lá. Nunca teria ido se Sandra não tivesse aparecido na minha casa mais cedo naquele dia, tocando a campainha três vezes.

– Zoe está? – eu a ouvi perguntar do meu quarto, meu corpo endurecendo.

– Hum... – disse minha mãe, surpresa. – Claro. Claro, ela está sim. Por que não entra um pouco, Sandra?

– Não precisa, obrigada. Só quero falar com Zoe.

Minha mãe começou a subir as escadas, então me joguei no carpete para ver se havia espaço para me esconder embaixo da cama. Minha mãe enfiou a cabeça na fresta da porta antes que eu pudesse desaparecer. Claro que eu descii e claro que fui educada e claro que disse sim quando ela me pediu para visitar o túmulo, embora meu cérebro gritasse NÃO tão alto que fiquei surpresa por ela não ter conseguido ouvir.

– Tem certeza, meu amor? – perguntou minha mãe, parecendo preocupada, e eu tentei dizer a ela com os olhos que eu não queria ir.

– Claro que tem – respondeu Sandra. Estava ainda mais magra, Stuart, o rosto de caveira e os dedos ossudos, e não havia restado um pingão de castanho nos cabelos. – Ela quer vê-lo, não quer? – Não ousei recusar, então engoli e assenti com a cabeça, achando difícil respirar. A raiva fluía nas minhas veias. A culpa também. Elas coagulavam no meu estômago, fazendo-o doer, e ainda dói agora, um palpar abafado nos meus intestinos.

Talvez ele tenha escrito a verdade lá também. Stuart, sei que parece maluco, mas é como me sinto às vezes, como se as palavras estivessem arranhadas dentro de mim, vermelhas, doloridas e inchadas, talvez até mesmo sangrando. A única maneira de fazê-las desaparecer, amainar a dor, é escrevê-las aqui. Dizê-las a você. Mesmo cansada na noite de hoje, vou fazer isso, começando com o dia depois do acidente de Dot.

PARTE SETE

Eu estava balançando no degrau do alpendre, me preparando para enfrentar o frio, quando minha mãe disse que me daria uma carona até a escola.

– Depois de tudo o que aconteceu, não quero que fique resfriada.

O rosto dela estava contorcido e havia bolsas violeta embaixo de seus olhos quando corremos sob a chuva, e, para ser mais precisa, a água não pingava das nuvens negras, mas jorrava. Ela dirigia tão devagar que um vizinho buzinou para dizer “sai da frente”. Minha mãe se sobressaltou e resmungou, toda mal-humorada, como se tivesse virado e revirado no travesseiro sem conseguir dormir, nem mesmo cochilar.

Os limpadores de para-brisa sacudiam, e os pneus chapinhavam nas poças, e Lloyd estava correndo pela calçada, os pelos grudados nos ossos, metade do tamanho da coisa gorda que estava preguiçosamente sobre a placa outro dia. Meu coração doía de tanto que eu queria voltar ao muro para dizer “Ao menos os cães não são estúpidos o bastante para sair na chuva”. Pela centésima vez, perguntei-me se Aaron tinha visto meu telefone e se ele teve uma briga imensa com Max, provavelmente terminando com um deles esmurrando o outro.

Minha mãe estava sentada tão para a frente que a cabeça pendia sobre o volante. Dot estava bem presa no banco de trás, fazendo careta, segurando o pulso e olhando para minha mãe para ver se ela percebia. Minha mãe tinha deixado Dot faltar a escola, e Soph também tentou o mesmo, reclamando de garganta inflamada, mas minha mãe verificou as amígdalas dela antes de sair de casa.— Parece que está tudo bem com elas. E sua temperatura está normal.

Quando deixamos Soph no portão da escola, ela mal se despediu, apenas atravessou a rua, enquanto Dot acenava alegremente da janela do carro com o braço que supostamente estava doendo.

A primeira vez que vi Max naquele dia foi no refeitório, e, verdade verdadeira, ele me deixou sem fôlego, e aquilo foi uma surpresa, tipo, em um segundo eu estava respirando normalmente e no próximo meus pulmões pararam de funcionar enquanto ele caminhava com uma bola de futebol embaixo do braço, seus cabelos escuros pingando. Sorrimos um para o outro na fila enquanto a servente gritava “Próximo, por favor!”.

– Salada? – disse Lauren, quando eu peguei uma tigela de um negócio folhoso e botei na minha bandeja. – Você odeia saladão.

Eu a encarei, enfática.

– Não, não odeio. Eu amo.

Lauren me encarou de volta, ignorando totalmente a presença do Max.

– Na aula de História você me disse que estava com tanta fome que comeria sua própria avó se ela fosse abatida e servida acompanhada de batata frita e purê de pera.

Max sorriu quando olhei para ele, mortificada, mas troquei a saladão por um prato de comida decente na minha bandeja.

Até o fim do almoço, sentei-me com Lauren na nossa antiga sala, enquanto os aquecedores sopravam o calor seco. Rabiscando em nossos diários, contei para ela sobre Max, mas não sobre Aaron, fazendo-a rir sobre o rolo do banheiro e exagerando sobre a falta de jeito com a mãe dele no hall. De alguma maneira, Max parecia menos pessoal. Mais uma história. Aaron era particular demais para falar dele em voz alta. A festa e a fogueira e a carona, tudo isso aconteceu sob o manto da escuridão, então era difícil expor, especialmente numa sala de aula com garotos jogando *frisbee* embaixo das lâmpadas fluorescentes. Lauren desenhou uma casa, e eu, um

smile, e ela desenhou um coração, e eu desenhei um cachorro e um gato curvados, enrolando os rabos em um grande arco.

– Bonitinho. – Lauren bocejou, jogando a cabeça para trás com a boca bem aberta, o *frisbee* voando do nada até bater no nariz dela. Lauren correu aos tropeços para a enfermaria e, enquanto eu a esperava do lado de fora, peguei um folheto sobre gravidez na adolescência. *Como contar aos seus pais*. Era o que eu estava lendo quando ouvi um ruído de sapatos se arrastando atrás de mim. Virei-me para ver o olhar de Max sobre o folheto, seus olhos arregalados, alarmados, mesmo que não tivéssemos chegado nem perto de ter feito alguma coisa.

– Eu recebi a visita de uma pessoa chamada Gabriel. Brilhante. Com grandes asas.

Max pareceu confuso, em seguida divertido.

– Nem sempre eu entendo suas piadas, mas gosto quando você as conta.

Ele despencou no chão com as pernas esticadas, a camisa da escola cheia de lama, seu pós-barba misturado com o cheiro de grama e chuva. Três garotas do ano anterior passaram às pressas enquanto Max abaixava as meias, rindo e sussurrando e agarrando-se umas às outras num tipo desesperado de adoração. O pé dele estava inchado, então o toquei de leve, olhando para as garotas. Com certeza, os olhos delas viraram adagas, e eu gostei do jeito que aquelas lâminas brilhavam na minha direção.

– Que gostoso – murmurou Max, então fiz de novo.

– Você está com o meu celular, não é? – perguntei. – Deixei no seu quarto?

Max fechou os olhos e cerrou os dentes.

– Sim. Está no meu armário. Me encontra lá depois da aula?

Nada na voz dele me dizia que o irmão havia encontrado o telefone e, quando olhei o rosto dele mais de perto, não havia escuridões.

Claro que eu não tinha nenhuma intenção de beijar Max quando o sinal de saída tocasse, mas eu não tinha muita escolha naquele momento, tipo, Stuart, imagine uma boca forte se prendendo à sua e mãos firmes empurrando suas costas contra a parede, e acabo de pensar que você já pode ter vivido algo assim, porque, infelizmente, ouvi rumores sobre o que acontece em prisões masculinas. Mesmo que eu tentasse protestar, os lábios de Max se agarraram nos meus e minhas palavras se perderam em toda a nossa saliva, mas eu não tentei reencontrá-las com tanta força assim.

Naquela noite, minha mãe e meu pai tiveram outra briga que durou a semana toda, na cozinha e na sala de estar e no banheiro enquanto minha mãe escovava os dentes com tanta força que pensei que ela fosse arrancá-los. Meu pai queria que ela arranjasse um emprego, e minha mãe recusava sem titubear.

– Mas as garotas não precisam tanto de você, agora que estão mais velhas! – falou meu pai pela vigésima vez na manhã de sábado, me acordando.

– Olhe o que aconteceu com Dot! – respondeu minha mãe, cuspiendo na pia com um ruído alto. – Tenho que estar em casa!

– Para quê, exatamente?

– Como assim?

– As garotas estão na escola, Jane. Não precisam de você durante o dia, então para que você fica aqui, hein?

A torneira foi aberta.

– Eu sou mãe, não sou? Meu trabalho é ficar em casa!

– Você pode ser mãe e trabalhar num escritório. Principalmente em meio período. Não precisa ficar aqui o dia inteirinho. Você costumava dar conta das duas coisas.

– E olhe o que aconteceu! – gritou minha mãe, e eu não tinha ideia do que ela estava falando, então sentei na cama, ouvindo com atenção. – Olhe o que aconteceu quando voltei a trabalhar, Simon! – O vidro bateu contra os azulejos enquanto ela abria com tudo a porta do box. – Não vou arriscar. Agora, você pode me dar licença para eu me arrumar?

Soph apareceu na ponta da minha cama, de pijama, o cabelo em pé em todas as direções.

– Eles não se amam mais.

Puxei o edredom sobre a minha cabeça quando o chuveiro abriu com força total, determinada a aproveitar o pouquinho que restava de sono antes do meu turno na biblioteca.

– Claro que se amam – falei, embora não soasse segura. – O amor está enterrado.

– Enterrado embaixo do quê?

– De preocupações com dinheiro e trabalho, e preocupações com vovô... – parei, me perguntando se isso acontecia com todo casal. Como acontecia. Quando. Por algum motivo, pensei na vovó e no vovô das fotos em preto e branco e, então, vi a minha mãe como uma estrela no céu, a luz prateada se esvaindo enquanto meu pai virava as costas.

– Não quero crescer nunca – Soph interrompeu, dizendo exatamente o que eu estava pensando. Ela pulou na minha cama. – Nunca.

– Quer ficar com nove anos pelo resto da vida? – perguntei debaixo das cobertas.

– Não. Claro que não. Os nove são os piores.

– Então, você não quer ser criança, mas também não quer ser adulta? – tentei esclarecer.

– Isso aí. Quero ser... o que mais dá pra ser?

Eu baixe o edredom.

– Morta.

Comecei a rir, mas Soph não riu junto.

– Eu daria um belo cadáver – falou ela depois de um tempo, cruzando os braços sobre o peito. – Seria legal deitar num caixão um pouquinho.

– Você ia ficar entediada.

– Não ia.

– Ia, sim. E eu ia sentir sua falta.

Ela esticou os braços como um zumbi.

– Eu voltaria dos mortos para visitar você – entoou ela assustadoramente. – Mas só você – disse ela com voz normal. – Nem o pai, nem a mãe. Muito menos a Dot.

No início do meu turno na biblioteca, arrumei as prateleiras da seção de História, colocando os livros em ordem cronológica. Do mesmo jeito que na festa da fogueira, não houve tensão crescente. Num minuto, Aaron não estava lá e, no próximo, estava, sentado a uma mesa, a poucos metros de mim, em pé atrás da estante. Agarrando-me à madeira para me equilibrar, pisquei rápido, provavelmente dez vezes no total, para ter absoluta certeza de que meus olhos não estavam imaginando coisas. Através de uma lacuna da seção de nazismo, meu nariz pairando sobre uma suástica, observei Aaron abrir sua mochila, tirar um caderno, virar algumas páginas e começar a escrever.

Fixando uma espécie de expressão agradável no rosto, comecei a caminhar até a mesa dele, mudei de ideia no último momento e voltei zunindo para a estante, meu estômago gelado como um iceberg. Pode me chamar de covarde, mas eu estava amedrontada para ir até lá toda presunçosa, quando da última vez peguei o número dele e corri pela rua escura. Além disso, eu não havia ligado e não sabia como explicar aquilo

sem mencionar o irmão dele e o fato de que nos beijamos no corredor de armários vazio por cinco minutos, e eu aproveitei cada segundo molhado do beijo.

Aaron mordeu a ponta da caneta e anotou alguma coisa na margem. Ergueu o olhar, então me escondi, os dedos agarrados nas prateleiras e o coração estalando contra minhas costelas. Devagar, bem devagar, me ergui mais uma vez para espiar pela fresta, cada tendão do meu pescoço esticado e tenso, enquanto minha respiração tremia nas narinas. Aaron escreveu novamente, os ombros largos na camiseta branca que era a coisa mais brilhante da biblioteca e, muito provavelmente, do mundo, e fui atraída por ela com uma força gravitacional, porque aquele garoto brilhante era o centro do meu universo ou, ao menos, mais interessante do que arrumar livros numa estante empoeirada.

Apertando os lábios, caminhei até Aaron, mas ele estava tão concentrado no trabalho, e meus nervos, tão descontrolados, que simplesmente passei direto e rápido por ele, sem parar. Desajeitada, pisei na mochila dele, minha coxa quase raspou no seu braço, e eu consegui ouvir os olhos de Aaron estalando para fora das órbitas com um *boooooiiiiing* de desenho animado. Praticamente corri até a mesa da recepção e ergui a caixa de devoluções para fazer alguma coisa, minhas mãos tremendo contra o papelão.

Virei a caixa de um jeito muito rude. Os livros fizeram um barulhão na mesa, e minha chefe, a sra. Simpson, me lançou um olhar de reprovação de trás do computador. *O morro dos ventos uivantes. A casa abandonada. A menina que brincava com fogo.* Um livro sobre o Muro de Berlim e outro sobre sapos.

– Garota Passarinho – sussurrou alguém, e eu me virei para ver Aaron a poucos centímetros do meu rosto. Ele riu quando eu fiquei vermelha.

– Aqueles livros não vão voltar sozinhos para as estantes – disse a sra. Simpson, olhando por trás do seu longo nariz. Pegando dois livros aleatórios da pilha, puxei a manga de Aaron, dizendo para ele me seguir.

A casa abandonada, de Charles Dickens.

D.

Literatura, no primeiro andar.

Não sei se foi a escada em espiral ou o som dos pés de Aaron logo atrás de mim que me deixaram zozos. Lá em cima, desapareci entre duas estantes estreitas. Estávamos completamente sozinhos. O rubor se espalhou pelo meu corpo inteiro e queimava.

– Você não me ligou – disse ele.

– Não – sussurrei. – Minha irmã quebrou o pulso, então acabei esquecendo.

– Eu perdoo você – retrucou Aaron, olhando para *Um conto de natal* na prateleira. – Em algumas semanas vou ver este aqui. Uma versão musical de *Scrooge* com a minha mãe. Ela ama. Arrasta a gente para o teatro. Max não gosta muito.

– Eu amo o Natal – comentei depressa, ansiosa para afastar a conversa do irmão dele. – Peru e presentes e toda a surpresa e tudo mais.

– Qual foi o seu melhor? – perguntou Aaron, apoiando o cotovelo numa prateleira.

– Essa é fácil. Foi na França. Eu tinha uns sete anos e fiz um boneco de neve de...

– Neve? – Aaron terminou a frase.

Empurrei *A casa abandonada* numa fresta.

– É, óbvio. Mas também de croissant.

– Você disse *croissant*?

– Bem, eu não tinha uma banana nem nada para a boca, então tive que fazer uma com o que pude encontrar. Sou muito talentosa.

– Que nome você deu para o boneco de neve? – perguntou Aaron. – Pierre?

– Fred, na verdade.

– Bem francês.

– Ele parecia um Fred.

– Como os Freds são?

– Felizes – falei depois de uma pausa. – E velhos. A gente pôs uma boina na cabeça do boneco de neve e um cachimbo no croissant. Na verdade, um de mentira. Feito de graveto... Que foi? – perguntei, porque Aaron estava me encarando com olhos brilhantes.

– Nada – disse ele de um jeito que me dizia que tinha algo, e algo bom.

Ele correu os dedos para cima e para baixo das lombadas dos livros, e minhas costas formigaram até a lombar. Dei um passinho para a frente, Aaron fez o mesmo e, Stuart, havia apenas um livro entre nós naquele momento, mas calhou de ser aquele sobre o Muro de Berlim, e certamente você sabe que era impossível pular sobre ele. Aaron sorriu, e eu sorri, e nosso rosto ficou sério pela grande extensão daquele espaço de trinta centímetros. O sangue palpitava nas minhas orelhas, e eu me inclinei para mais perto e...

– Com licença.

Nós giramos ao mesmo tempo para ver uma senhora de casaco anoraque.

– Estou procurando um livro para a minha neta, que vai passar um tempo comigo. Você poderia me recomendar algum?

Fazendo uma careta de frustração, desci os degraus espiralados até a seção infantil e entreguei para ela a primeira coisa que encontrei, um livro

de imagens chamado *A vaquinha Molly Moo*. A senhora piscou algumas vezes.

– Minha neta tem dezesseis anos. E é vegetariana.

Quando encontrei um livro mais adequado, a sra. Simpson tinha reaparecido ao lado dos pufes grandes, vestida num cardigã amarelo-claro com botões de flores.

– Tem um monte de coisas para arquivar no escritório, Zoe – falou ela, seu penteado chanel arrumadinho como um capacete de cabelo ao redor do rosto pontudo.

– Mas eu preciso devolver este aqui – falei, acenando com o livro sobre o Muro de Berlim. – E a parte de literatura está meio bagunçada. – A sra. Simpson seguiu meu olhar. Aaron ainda estava na seção D, esperando que eu voltasse.

– Deixe que eu faço isso. – Ela fungou. – Preciso de você lá no escritório.

Ela me encarou até eu me mexer. Mais rápida que a velocidade da luz, separei os papéis em pilhas, em pé, diante de uma mesa, temendo que Aaron fosse embora sem dizer tchau. Na sétima vez que olhei pelo vidro da porta, foi precisamente o que aconteceu. A mesa dele estava vazia. Sua bolsa havia desaparecido. Despenquei numa cadeira, mas, assim que meu traseiro encostou no assento, veio uma batida na janela, e, Stuart, eu adoraria fingir que era o cabelo de Aaron aparecendo ali e que havia uma folha de árvore balançando na franja, como se ele tivesse escalado as cercas vivas e tudo mais para chegar até mim. Mas seria uma mentira, porque ele estava apenas em pé na calçada enquanto os carros rugiam atrás dele, e não havia nada de especial nisso, exceto que meu coração parecia não acreditar. Ele saltou do meu peito e voou até o céu, um brilho escarlate em todo aquele azul.

Aaron acenou, e eu acenei. Ele pousou a mão no vidro, e eu, a minha, e ele fez aquela cara de “estou imitando você”, arregalando os olhos e piscando como se estivéssemos passando por um momento especial. E o mais engraçado foi que, de fato, estávamos, e nós dois sabíamos disso, e por isso nossas bochechas queimavam exatamente com a mesma cor, o vermelho mais brilhante.

Com carinho,
Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

25 de dezembro

Oi, Stuart,

É a primeira hora do Natal e está tão frio que consigo enxergar minha respiração, e estou muito feliz com o chapéu e o cachecol e o casaco do meu pai. Não vou ficar muito tempo, porque meus dedos já estão dormentes, e, sem dúvida, Dot vai acordar assim que o dia raiar para conferir se o Papai Noel veio, mas eu queria que você soubesse que estou pensando em você, esperando que esteja dormindo profundamente na sua cela, como o menino Jesus, exceto pela cicatriz e pela cabeça raspada, e pelos visitantes, que não trarão ouro, incenso ou mirra. Não se preocupe, você não está perdendo muita coisa, porque descobri na aula de religião que a mirra é um tipo de resina grudenta de árvore, e, se você quer saber a minha opinião, o Rei Mago número três foi um pouco malvado ao dar meleca de carvalho para o Redentor do Mundo. Teria sido melhor atravessar o deserto no camelo com algo mais tradicional, por exemplo, chocolates em formato de rena, que, aliás, você encontrará no fundo do seu envelope.



Dot estava agitada na noite passada, trotando para cima e para baixo na sala de estar, as mãos ao lado da cabeça como chifres. A empolgação dela me entristecia. Talvez entristeça você também, Stuart. Talvez se entristeça pelos dias em que você e seu irmão colocavam torta de carne e um copo de xerez na prateleira da lareira para o Papai Noel, porque agora você está na sua cela, e ele, em algum lugar distante, provavelmente com uma foto da sua mulher na parede ao lado da árvore de Natal vazia que ele não teve forças para decorar.

Seja como for, estou perdendo tempo, então devo começar antes que Dot saia da cama. Como é Natal, pensei que contaria sobre o último dezembro, então imagine o chão congelado, a atmosfera no escritório também, porque meu pai finalmente tinha saído do trabalho e estava preenchendo um formulário para se candidatar a um emprego com minha mãe olhando por cima do ombro dele.

PARTE OITO

– Você não pode botar vírgula aí.

Meu pai bateu os dedos na mesa.

– Posso sim.

– Se colocar vírgula aí, separa o sujeito do verbo. Se não tem apostrofo, não pode ter vírgula.

Meu pai apertou o botão delete.

– Por que você não preenche um formulário em vez de ficar corrigindo o meu? É a sua área do Direito.

Minha mãe inclinou-se para a frente e digitou: “Já falamos sobre isso. Não vou passar por aquilo tudo novamente”. Ela pegou três xícaras sujas e marchou para fora do escritório.

A casa estava mais limpa do que nunca, as torneiras brilhavam no banheiro, e a mobília cheirava a lustra-móveis. O horário de ir para a cama ficou mais estrito, e a lição de casa era verificada com mais afinho, e minha mãe me obrigou a refazer um ensaio de História para incluir todos os fatos que eu havia cortado sobre a Guerra Fria, pois era muita informação, e pelo que eu pude pesquisar não aconteceu tanta coisa assim entre a Rússia e os Estados Unidos, tipo, imagine uma partida de boxe na qual dois lutadores ficam sentados em lados opostos do ringue, flexionando os músculos sem entrar em combate.

Ela fez Dot praticar leitura labial também, quase todos os dias depois da escola, até meu pai dizer para ela parar um pouco com aquilo.

– Como eu posso parar se você não me dá alternativa?

– Dot está exausta – reclamou meu pai, e com certeza minha irmã despencou ao lado da poltrona de couro, os braços agitando-se sobre a

cabeça.

– Vamos lá, Jane. Já é o bastante por hoje.

– Ela está fingindo – disse minha mãe, puxando Dot de volta para se sentar.

– Vocês estão nisso há mais de uma hora!

– Uma hora e vinte e dois minutos – murmurou Soph do piano, batendo nas teclas em um acorde menor e soando tão deprimida que peguei a mão dela e puxei-a lá para cima, para o guarda-roupa dos nossos pais.

Os vestidos da minha mãe balançaram dos cabides quando nos enfiámos entre os sapatos para ficarmos mais confortáveis. Abri meu estojo e entreguei minha caneta-tinteiro favorita para Soph como um agrado.

– Que houve? – perguntei na escuridão. Era noite de sexta-feira sem muita lua, então a escuridão do guarda-roupa era quase palpável. Peguei um giz de cera e inalei profundamente enquanto Soph mordia os lábios. – Certo, vamos fazer um acordo. Você me conta o seu segredo, e eu conto o meu.

Ela pensou na proposta por um segundo, então contou de uma vez:

– Elas ficam me dando apelidos.

– Quem?

– Todas as garotas da minha sala. Todas elas. E hoje à noite vão dormir na casa de uma delas e usar o tabuleiro Ouija, e Portia vai pedir para o fantasma contar os meus segredos.

– Você falou com a professora? – Ela olhou para mim como se eu fosse louca, então peguei as mãos dela, abandonando o giz de cera no sapato do nosso pai. – Você precisa falar com alguém. – Soph entortou o rosto. – Precisa – repeti, mais firme. – Para a mãe ou para o pai, se não quiser dizer nada na escola.

– Tá – sussurrou ela, assentindo de leve. – Se piorar. Talvez para a mãe.

Era a minha vez de falar, então falei sobre o Max.

– Ele fica me pedindo para encontrá-lo perto dos armários depois da aula.

– Você vai?

– É o Max Morgan, não é? Ninguém diria não.

– O que acontece quando vocês chegam lá?

Revirei os olhos.

– O que você acha, Soph?

– Então, você é namorada dele, ou o quê? – perguntou ela, sugando a ponta da caneta-tinteiro.

– *O quê*. Ele não me chamou para sair nem nada disso.

– Então, vocês se beijam e conversam e...

– A gente nem conversa. Só se beija. E não é todo dia. Quando ele quer. Mas acho que ele gosta de mim.

– E você? Gosta dele?

– Claro, gosto sim – falei, pensando nos cabelos castanhos e nos olhos castanhos e no sorriso torto que deixava as outras garotas com ciúme quando era direcionado para mim.

– Então, por que você não chama ele para sair? – sugeriu ela, e eu murmurei algo sobre a mamãe, mas esse não era o motivo por que eu mantinha minhas opções em aberto, Stuart, e você sabe disso.

Aaron esteve na biblioteca três vezes desde aquela ocasião da janela. Ele escrevia ensaios, e eu arrumava prateleiras, mas, enquanto nossos corpos fingiam trabalhar, nossos olhos faziam aquela dança secreta. Eles piscavam, juntos, depois se afastavam. Juntos, depois se afastavam. Juntos, paravam, pisca, pisca, pi(ssssssca... e então sorriamos, envergonhados, e toda a coisa recomeçava. Conversávamos também, sobre tudo e nada, sussurrando entre as estantes e na mesa dele e, uma vez, no saguão, quando eu estava

prendendo pôsteres sobre um grupo de leitura. Não perguntei sobre a namorada dele, e Aaron não a mencionou. Verdade verdadeira, não fazia ideia do que eu era para ele, então decidi deixar rolar por mais um tempo. Para ver o que acontecia. Não havia nada de mau naquilo, eu disse para mim mesma. Se nada físico acontecesse com Aaron e eu não tivesse nada exclusivo com Max, não estava fazendo nada de ruim.

Meu último turno antes do Natal foi no dia 19 de dezembro. Tinha nevado muito, quinze centímetros no total, neve limpa e branca e fofinha, o tipo que seria feita de tufo de algodão num cartão que tentasse capturar o Natal perfeito. Toda vez que a porta giratória se movia, eu olhava para cima, sorrindo, mas Aaron não entrou às nove, nem às dez, nem às onze, e quando ele não chegou ao meio-dia também, desmoronei atrás do computador, a touca do meu Papai Noel caindo enquanto eu digitava números numa planilha de empréstimos.

– Já pode ir – disse a sra. Simpson quando o relógio marcou uma da tarde.

– Tudo bem – respondi, fingindo analisar a planilha. – Só vou inserir mais alguns números aqui.

– Eu posso terminar.

– Não, de verdade, eu termino – falei e, se o mouse fosse um bicho, ele chiaria, porque eu dei um belo apertão nele. A sra. Simpson baixou o café, então me expulsou.

– Vai. Seu pai deve estar esperando. Ah, e Zoe? – Com um raro sorriso, ela apertou o broche preso cuidadosamente ao cardigã. Ele piscou *Ho Ho Ho* enquanto ela acenava.

A biblioteca ficava no centro da cidade, e as ruas estavam apinhadas de gente fazendo compras de Natal e de turistas. Suspirando pesadamente, caminhei pela calçada, com raiva porque meu pai estava atrasado.

– Zoe? – veio uma voz da minha direita. – Zoe! – Aaron estava acenando, em pé, no meio do jardim da biblioteca, de casaco e luvas descombinadas.

– Você veio! Eu pensei que você não... Oi! – exclamei, incapaz de esconder minha alegria.

Aaron apontou para mim.

– Belo chapéu.

Eu dei um empurrãozinho no chapéu para que caísse para o lado num ângulo elegante, o pompom pendurado ao lado do meu queixo.

– Obrigada.

– E é o traje adequado para sua surpresa... Feliz Natal! – disse ele, apontando para algo junto ao seu pé.

– Hum... Feliz Natal – falei, sem saber muito bem o que deveria fazer com a bola de neve que chegava até a cintura dele.

– Era para ficar maior. E não consegui encontrar uma boina, nem um cachimbo. – Ele me encarou, desesperado. – É o Fred! Seu boneco de neve francês, Fred. – Aaron tirou um croissant de um saquinho plástico e ajeitou no meio da bola de neve. – *Voilà!*

– Mas onde está a cabeça? E os olhos? E o nariz?

– Não tive tempo – Aaron murmurou. O croissant despregou-se da neve e caiu ao lado dos nossos pés. – Ai, meu Deus, é patético, não é?

– Um pouco – falei, rindo, e então parei porque Aaron estava me encarando, balançando a cabeça.

– Meu Deus, você tem um sorriso tão *sexy*.

Meu rosto estava frio, e meus dedos dos pés estavam congelados, mas por dentro eu estava quente quente quente quente quente.

– Sua risadinha... Bem lá em cima, junto com o espirro do meu pai e o barulhinho de feijões-verdes, é um dos meus sons preferidos de todos os

tempos.

– O espirro do seu pai? – repeti, porque, juro pela minha vida, não consegui pensar em outra coisa para dizer. Ele imitou, falando um AAAAAA alto, mas um *chuuuuuuu* ridiculamente baixo e agudo, e então estendeu as mãos. Eu fiz que sim com a cabeça, concordando mesmo. – É um som e tanto.

– Eu ouvi isso toda noite por anos. Tínhamos uma gata, sabe. Coisa horrível...

– Não seja malvado!

– Você não viu aquela coisa! Era gorda, muito gorda, e muito peluda com uma cara amassada. Mas eu tinha adoração por ela. Como o meu pai. Digo, ele é alérgico a gatos, mas deixava que ela sentasse no seu colo, e ele espirrava a noite toda. Minha mãe brigava com ele, chamando de estúpido e falando para ele botar a gata na cozinha, mas meu pai dizia que amava a gata e que a gata o amava, então ele não se importava.

– Amor verdadeiro pede sacrifícios.

– É o que meu pai dizia.

– Jesus também.

– Sim. Mas Jesus não transava com a vizinha do lado, tornando tudo que ele dissesse sobre o amor irrelevante.

– Talvez ele transasse – murmurei, surpresa pela amargura repentina no tom de Aaron. – Eu sempre tive a sensação de que a Bíblia escondia as partes interessantes. Jesus era um homem, não era? Ia ao banheiro. Arrotava. – Franzi as sobrancelhas. – Coçava lá embaixo quando não tinha ninguém olhando. Talvez ele tivesse um caso também.

– Você – falou Aaron, pisando no croissant de forma que ficou bem na minha frente – é oficialmente única. Eu balancei a cabeça, rápido. – Você é, Zoe. O filho de Deus arrotando? Uma criatura azul peluda chamada

Pelinho? – falou ele, ganhando muitos pontos comigo por lembrar o nome.

– Quem mais imaginaria esse tipo de coisa?

– Sei lá, mas acredito que o arrote de Jesus estaria na lista dos meus sons preferidos de todos os tempos.

Aaron riu, seu hálito morno no meu rosto.

– Que mais?

Torci o nariz enquanto pensava.

– O som das asas dos pássaros quando eles partem. É um som legal.

– O som da liberdade.

– Exatamente – respondi, surpresa por ele ter entendido sem que eu explicasse. – Ah, e sabe o que mais? – perguntei, mas nunca tive a chance de descrever os estalos das patas do Caveira no piso da cozinha, porque o telefone de Aaron começou a tocar, um barulho de que eu não gostava nem um pouco. Nós dois baixamos os olhos para ver o nome na tela.

ANNA

– Preciso ir – falei, de repente.

– Não. Tudo bem. – O telefone dele se silenciou, e ele o devolveu para o bolso. – Ela pode esperar... Mas minha mãe não pode – disse ele, soando decepcionado ao olhar sobre o meu ombro. Virei para ver uma mulher deselegante com cabelos pretos e luzes castanhas correndo na direção da biblioteca, examinando-nos bem de perto. – Eu disse que daria a ela uma carona de volta para casa.

– Não se preocupe. Meu pai vem me buscar daqui a pouco.

Ele abaixou para pegar o croissant e enfiar de volta no boneco de neve, onde ficou preso.

– Até mais, Garota Passarinho.

– Até mais – respondi, sorrindo, enquanto ele corria para encontrar a mãe, suas palavras ecoando nos meus ouvidos.

Ela pode esperar.

Bem, depois disso, é claro que eu não consegui resistir e mandei uma mensagem para ele, embora tenha conseguido segurar até a noite para não parecer tão ansiosa.

Obrigada novamente pela surpresa. Fred foi, sem dúvida, o melhor não boneco de neve que o mundo já viu.

Não sei de nada, ele respondeu na hora. Você já viu um filme chamado O boneco de neve? O garotinho acordando numa pilha de neve no final? Com certeza, esse é o melhor não boneco de neve.

Para com isso! Ele estava todo pingando e mortão. Um monte de neve suja. Fred é melhor.

Fred aprecia suas palavras gentis, mas sabe que não pode competir com um boneco de neve QUE VOA PARA O POLO SUL.

Você não quer dizer Polo Norte?!

Sei lá. Seja lá para onde for. ELE VOA. NO CÉU.

Mas o sorriso de Fred é feito de massa folhada. Isso tem que contar para alguma coisa...

A conversa ainda estava rolando quando tropecei para fora de casa nas minhas botas de borracha para encher o potinho dos pássaros, pronta para a

manhã. Meu telefone vibrou novamente na minha perna enquanto eu despejava alpiste no tubo de arame. Sorrindo, tirei-o do meu bolso.

Saudades dos seus beijos haha. Bj.

Minha cara caiu. Max. Pulei quando o telefone tocou novamente.

Conta muito, vou lhe dar um daqueles. Tenha lindos sonhos, Garota Passarinho. P.s. Fred diz bonne nuit do canto do seu croissant. Bj.

Eu ri. Não consegui evitar, mesmo que minha mente estivesse invocando a imagem de dois irmãos, lado a lado na mesma sala, com seus telefones, sem imaginar que estavam mandando SMS para a mesma garota. O alimentador de pássaros balançou do galho quando olhei para as estrelas. Aaron gostava de mim. E eu gostava dele. Namorada ou não, eu não estava sendo justa com Max. Decidi esfriar as coisas com ele nos próximos dias e terminar tudo após o Natal.

Surpresa! Minha mãe e meu pai passaram a noite inteira brigando.

– Como você sabe onde aquelas aves foram mantidas? Podem simplesmente ter escrito “Criadas ao ar livre” na embalagem para idiotas como nós pagarem o dobro...

– Se está escrito “Criadas ao ar livre”, são “Criadas ao ar livre” – interrompeu minha mãe, jogando algumas cenouras no carrinho de supermercado e seguindo adiante. – Existem leis para essas coisas, como você deveria saber. Você não é advogado?

– Você não era também? – retrucou meu pai enquanto eu me arrastava atrás deles, cansada daquilo até a morte. Olhava para as linhas na testa da minha mãe e para a testa franzida do meu pai e para os braços dele cruzados

e as mãos dela agarradas ao carrinho, nenhum dos dois disposto a ceder, e, Stuart, verdade verdadeira, era como se a Guerra Fria ainda estivesse rolando ao lado das batatas no corredor de verduras e legumes.

– Veja só, não há motivo para gastar aquela fortuna num peru quando o dinheiro está curto – falou meu pai.

– Só está curto porque você não consegue arrumar... – minha mãe interrompeu a frase no último momento, pegando um saquinho de brotos.

– Continua – meu pai rosnou. – *Fala*. Duvido você falar.

– Acha que tem o suficiente aqui? – perguntou minha mãe, pesando o saquinho na mão.

No fim das contas, minha mãe conseguiu levar o peru, e, apesar de tudo, ficou dourado e delicioso e cheirava lindamente na manhã de Natal, assando no forno enquanto trocávamos presentes. Para variar, o vovô nos mandou alguma coisa, cartões com dinheiro dentro (embora tivessem sido escritos com a caligrafia do meu pai). Ele abriu um grande sorriso quando Soph enfiou a nota de vinte libras no cós da calça do pijama. Meu pai perguntou se poderíamos visitá-lo no hospital, talvez no dia 26, mas minha mãe simplesmente borrifou seu perfume novo no pulso e cheirou com os olhos fechados.

– Porcaria de Papai Noel – falou Dot quando minha mãe e meu pai saíram da sala para fazer o recheio do peru. Ela gesticulava com mais facilidade, pois não estava mais com o gesso. – Ele nem leu minha *lista*.

– O que você pediu?

– Um iPod.

– Mas você não pode ouvir música.

– Ou um telefone para eu poder ficar atualizada.

Ela segurou uma calculadora quebrada e apertou os botões, triste.

À noite, ela ficou mais alegre, correndo para dentro do meu quarto, sem roupas, para perguntar se eu queria sentir o cheiro da nova espuma de banho dela. Enquanto a arrastava até mergulhá-la na banheira, farejei o ar.

– Laranja? – sinalizei. – Ou pêssego? Ou morangos e bananas e kiwis, tudo misturado? – brinquei enquanto Soph fazia uma careta. Ela estava sentada com as costas no aquecedor com o Caveira, tentando encorajá-lo a encarar o trampolim que ela fizera com um frasco de xampu anticaspa e dois sabonetes. Chapinhando na água, Dot me contou a respeito de um projeto sobre o futuro que ela estava começando na escola e como a sala dela faria uma cápsula do tempo, colocando todo tipo de coisa numa caixa para depois enterrá-la.

– Vou colocar uma coisa, e será um dente-de-leão.

– Um dente-de-leão?

– Para mostrar aos alienígenas daqui a cem anos que flores nós temos agora – explicou Dot. Soph deu uma risadinha, e eu também, e Dot abriu um sorrisão entre as bolhas de sabão, mas eu acho que ela não entendeu qual era a graça.

– O dente-de-leão vai estar morto em 100 anos – falou Soph em voz alta.

– Xiu! – adverti, mas Soph apenas deu um sorriso afetado.

– Dot, o dente-de-leão vai apodrecer – ela gesticulou com clareza. A sobrancelha de Dot se franziu.

– Não se você enterrar com cuidado – sinalizei, fuzilando Soph com o olhar, pois ela havia mostrado a língua. – Ele vai ficar bem.

– Você acha que os alienígenas vão gostar? – perguntou Dot.

Eu a tirei da água e a enrolei numa toalha.

– Vão amar.

Depois de seca, coloquei-a na cama, tentando ignorar minha mãe e meu pai brigando lá embaixo sobre quem lavaria a louça. Aconchegada no

edredom dela, gesticulei uma história sobre um homenzinho verde que vivia nos semáforos. Quando cheguei ao fim, ela pediu para contar de novo.

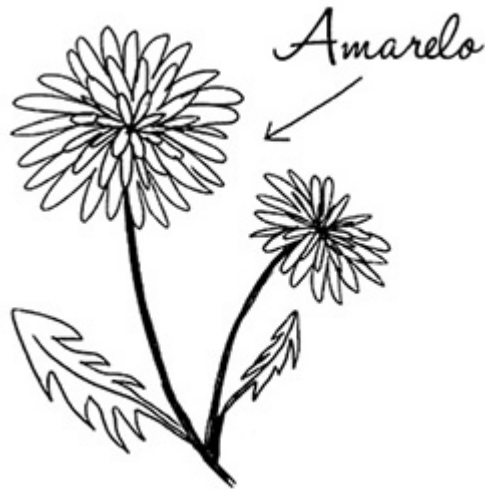
– Mimada! – disse, fazendo cócegas na cintura dela.

– Em vez disso, você quer seu presente de Natal? – perguntou ela. Antes que eu pudesse responder, os joelhos gordinhos dela estavam no carpete, e ela pegou uma sacola plástica debaixo da cama.

– Um livro!

– Que não é o presente – respondeu Dot, abrindo a capa com cuidado. – As flores não apodrecem, Zoe. Olhe. – Entre as duas primeiras páginas havia um dente-de-leão prensado e seco. – Você disse que era sua flor favorita naquele dia no jardim.

– Elas são minhas favoritas – falei, e, Stuart, não era mentira, porque de repente elas eram mesmo.



– Feliz Natal – ela sinalizou.

– Feliz Natal – sussurrei e, Stuart, é hora de ir, então um Natal muito feliz para você também.

Com carinho,
Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

1º de janeiro

Oi, Stuart,

Bem, eu ia levantar meu copo de água e dizer saúde e desejar a você um Feliz Ano-Novo e tudo mais, mas talvez não seja a coisa certa a fazer. Provavelmente os colegas de prisão não esperam até meia-noite como o restante do mundo, porque não há nada para celebrar. Normalmente, em 31 de dezembro, as pessoas pensam sobre as coisas boas que fizeram no ano que passou e nas alegrias que anseiam para o próximo, por exemplo, terminar a escola ou aprender a dirigir ou ir para a universidade ou seja lá o que for. Os prisioneiros não têm nada com que se empolgar, pelo que sei, a menos que as pessoas no Corredor da Morte celebrem quando bate meia-noite porque estão um passo mais próximas da execução. Ou talvez agitem os braços para o alto porque passaram mais um ano na cadeia, um ano que pensaram que não teriam, porque até morar em algo do tamanho deste barracão é melhor do que não estar vivo.

Stuart, isso é tão triste e, tipo, para ser honesta, me lembra *Os contos de Natal*. Se você nunca leu Dickens ou viu *Os Muppets*, então vou explicar que Bob Cratchit era um homem muito pobre, e sua família conseguia pagar apenas pelo menor ganso à moda vitoriana no dia 25 de dezembro, mas as crianças enxergavam-no como se fosse uma ave enorme com carne branca suculenta que os alimentaria por semanas, batendo palmas quando ela foi posta à mesa. O aplauso parecia um pouco exagerado para o que eles recebiam de fato, e é exatamente como você em um uniforme laranja,

segurando sua própria mão enquanto canta *Auld Lang Syne*, celebrando o pouquinho de vida que ainda lhe resta na sua cela.

Caso você esteja se perguntando, *auld lang syne* é a expressão escocesa para “em nome dos velhos tempos”, de acordo com a minha professora de Geografia, e ela deve mesmo saber, porque a comida favorita dela é *haggis*, bucho de carneiro. Cantamos para lembrar os bons tempos que tivemos com as pessoas do nosso passado, que é muito mais legal do que a minha interpretação original. Lauren me disse as palavras certas um ano atrás, e eu acho que é onde começaremos hoje, com ela morrendo de rir quando percebeu que eu tinha ouvido errado a letra da música e pensava que todos celebravam o fim do ano mandando um senhor chamado Odilon sair dali.



PARTE NOVE

– *Odilon* *sai*? Como você achou que era isso?

– Cala a boca – falei, batendo nela com um balão, porque estávamos preparando as coisas para a festa.

Lauren tinha decidido convidar as pessoas apenas naquela manhã, quando a mãe dela avisou que o namorado havia reservado uma viagem surpresa para Londres por um fim de semana inteiro. Um “apimentado”, como Lauren explicou ao telefone: “ Vão tirar o atraso no Hilton.”

Eu soprei um balão.

– Quantas pessoas vêm hoje à noite?

Lauren tirou o balão da minha mão, deu um nó na ponta e jogou-o numa pilha cada vez maior.

– Sei lá. Convidei todo mundo que conhecia e espero que venha gente o suficiente. Meu irmão também chamou os amigos dele. – Ela me cutucou nas costelas. – Max vem. – Como não respondi, ela falou: – Você está empolgada, não é?

– Claro. Claro que estou – eu disse, forçando uma risadinha, embora pensasse sobre as dúzias de mensagens que ele mandou durante o Natal, e como eu respondi apenas a poucas. O bastante para ser educada, mesmo que deva ter ficado óbvio que eu estava perdendo o interesse.

– Bom! Porque se você não quiser, eu pego. Sério. No último período, eu ouvi aquelas garotas falando sobre vocês no banheiro, e todas elas estavam “Ai, meu Deus, ela é tão sortuda”, e aquela Becky, com pescoço estranho, ela disse que é maluca por ele há três anos, não que ela tenha alguma chance, a menos que o Max tenha um fetiche estranho por cisnes. – Eu sorri de verdade nesse momento. – Certo, está bom – falou Lauren

quando o último balão foi soprado e jogado na pilha. – Pode ir para o banho primeiro. É hora de se aprontar para o seu amor...

Agora, Stuart, provavelmente você está surpreso que tenham me permitido ir nessa festa, mas minha mãe não fazia ideia sobre o que aconteceria. Ela concordou em me deixar dormir na casa de Lauren porque eu disse que teríamos uma noite de meninas e, no caso de você estar se perguntando, eu não me senti nem um pouco culpada por mentir após todas as brigas do Natal.

– Dormir lá? Para quê? – perguntou minha mãe.

– Pintar nossas unhas. Assistir a um filme – respondi.

– Unhas discretas, hein – falou ela. – Você volta para a escola daqui a pouco. E não assistam nada inadequado, meu amor. Nada de terror ou coisa assim. Tenho aquele desenho do gigante, se você quiser.

Algumas horas depois, *Shrek* estava largado na cama de Lauren, e a casa estava entupida, e eu digo entupida como uma daquelas malas que levo nos feriados com o zíper quase estourando porque não consigo viajar com pouca coisa. Eu me juntei à multidão ao redor da mesa de bebidas na cozinha, enfiando minha mão entre cinco corpos para pegar um punhado de salgadinhos e uma garrafa de vinho. Minha mãe espocou na minha mente enquanto eu tirava a rolha, mas eu servi uma taça grande para mim, e, verdade verdadeira, ficou linda na minha mão, o vinho e minhas unhas da mesma cor idêntica de rubi.

Ligaram a música e as pessoas começaram a dançar onde estavam, no hall ou no alpendre ou na sala de estar, movendo-se no ritmo das batidas imensas, bebida derramando dos copos de plástico e também de canecas e até mesmo de uma jarra de leite, porque Lauren ficou sem copos. Cinturas requebravam, e ombros balançavam, e cabeças jogavam, todo mundo na casa se movendo junto, e pela primeira vez eu estava no meio disso, todo o

uhuuuu e as mãos balançando no centro da cozinha, perto da torradeira. Engraçado como os olhos podem ser espertinhos, como podem observar coisas de soslaio quando se encara algo que está diante da gente. Lauren estava girando sob o meu braço numa camiseta brilhante, mas de canto de olho vi a jaqueta preta e o cabelo ruivo, chamuscas em carvão reluzindo de leve no meu radar. Meu estômago sacudiu com o reconhecimento, e, com certeza, Anna tinha entrado na cozinha com Aaron bem atrás de nós num vestido grande demais. O irmão de Lauren deve tê-lo convidado, era a única explicação, e eu me esqueci da dança e apenas encarava, encarava. Depois de toda a paquera. O *boneco de neve*. Meus punhos se cerraram quando Aaron riu de algo que a garota sussurrou no ouvido dele. Ele mentiu, Stuart, dizendo para mim que não tinha planos para a noite de Ano-Novo. Confesso que disse o mesmo, porque não queria que ele soubesse que eu estaria na mesma festa que o irmão dele, mas mesmo assim... Totalmente desapontada, observei Aaron tocar o braço de Anna e perguntar se ela queria uma bebida, apontando para a mesa cheia de cerveja e vinho e vodca bem à minha direita.

NÃO!

Não sei se falei algo ou as palavras soaram na minha cabeça quando a garota fez que sim e Aaron começou a se mover na minha direção. Minha primeira reação foi a de me esconder, mas onde? Atrás da poltrona no cantinho? Dos armários da cozinha, pulando para dentro ao lado dos cereais? Em pânico, me esquivei atrás de um garoto alto cheio de espinhas quando Aaron passou por Lauren. Minha pulsação acelerou. Ele chegou à mesa de bebidas. Minha pulsação ficou a mil. Ele cumprimentou o cara espinhento. Minha pulsação explodiu. A um metro de distância – era onde ele estava, e eu não podia ver deixar que ele me visse, não se estava ali com outra garota e o irmão dele provavelmente em outra parte da casa.

Com os músculos contraídos, dei as costas para a mesa de bebidas, determinada a olhar na direção contrária até ele ir embora, mas como aquele homem, Orfeu, percebeu no mundo inferior, aquilo era mais fácil na teoria que na prática. Orfeu é um cara da mitologia grega, caso você esteja se perguntando, que para resgatar sua mulher precisou tirá-la do perigo sem olhar para trás e ver o rosto dela. Quando ele estava prestes a conseguir, olhou de soslaio, e a mulher desapareceu no ar. Infelizmente, quando olhei para Aaron, ele não desapareceu no ar ou na terra ou em qualquer outro tipo de matéria. Em vez disso, ele comeu nachos, tão perto que eu quase conseguia ouvir o estalo do salgadinho.

Ele pegou duas cervejas, balançando-as na mão enquanto voltava até a garota. Ali em pé, cuidadosamente, olhei quando ele acariciou as costas dela para anunciar sua presença, todo o DNA dele brilhando entre as omoplatas dela. Lágrimas encheram meus olhos. Baixando a cabeça, abri caminho entre as pessoas, saí da cozinha e fui até o hall, desesperada para sair, mas alguém agarrou minha mão quando cheguei nas escadas.

Segui com os olhos os dedos até a palma da mão. Da palma até o pulso. Do pulso ao braço, meu coração batendo cada vez mais rápido e rápido apenas para estancar quando percebi que a mão pertencia a Max, e não ao irmão dele. Ele se esticava, esforçando-se para manter contato, e o rosto dele entrava e saía de foco enquanto as pessoas se empurravam escada abaixo e acima. Ele gritou algo que não consegui ouvir quando seus dedos se prenderam no meu pulso e puxaram. Primeiro, resisti. Ele puxou mais forte, me puxando escada abaixo na direção dele. Na direção de Aaron. O vinho derramou da minha taça quando eu escorreguei.

– Vamos lá fora – balbuciou ele.

Sua pegada era firme. Descemos até o hall, e eu mantive os olhos no carpete, com pavor de ser vista. Quando a porta da frente entrou no campo

de visão, facilitei para Max, acelerando e caminhando mais decidida porque, Stuart, eu queria desaparecer. Precisava me afastar da casa, me afastar de Aaron e da garota com longos cabelos ruivos. Pulando algumas pernas, virávamos de lado para nos espremermos nos pequenos espaços entre as pessoas, a música ficando mais alta e o hall mais quente e nossos pés mais lentos enquanto tentávamos abrir caminho até o alpendre.

Por fim, os dedos de Max tocaram a maçaneta de latão. Ele puxou com força e me puxou também, arrastando-me para o jardim. A neve estalava sob nossos pés, e as pontas de gelo brilhavam nos peitoris da janela, e os galhos limpos formavam linhas pretas contra o laranja da luz dos postes. Max me levou para trás de um abeto, e a casa desapareceu de vista.

– Está muito louco lá dentro – falei, minha voz estranhamente desanimada.

– Mas está legal aqui – retrucou Max, entregando-me sua jaqueta azul.
– Aqui. Vista. – Quando enfiei meus braços no casaco, o vinho espirrou da minha taça, caindo no chão congelado, vermelho no branco. – Que bom te ver.

– Bom te ver também – falei, porque de alguma forma era, Stuart. Ele sorriu, como se tivesse ficado aliviado, então me puxou entre suas pernas, e, claro, eu deixei, porque ele era forte e robusto, e Aaron estava lá dentro com outra garota. Deixei minha taça no muro e cruzei as mãos na nuca dele.

– Teve um bom Natal?

– Chato – murmurou Max, indo direto para o beijo, e os lábios dele eram suaves, familiares e reconfortantes.

Em algum lugar à direita, veio uma tosse. Eu me virei, com medo de que fosse Aaron, mas um homem dobrou a esquina, passeando com seu cachorro.

A porta da frente estalou. Pulei novamente. Movendo os galhos do abeto para o lado, esforcei-me para ver, mas era apenas uma garota acendendo um cigarro.

Max esfregou meu braço.

– Você está um pouco nervosa.

Mordi o lábio superior e disse:

– Será que não poderíamos ir para um lugar um pouco mais tranquilo?

Max abriu um sorrisinho, então beijou a ponta do meu nariz frio.

– O que você tem em mente?

Virei o rosto para o lado, mas os lábios de Max roçaram meu pescoço enquanto ele deslizava a mão para o meu traseiro.

– Hum... nada... digo, aqui é aberto demais. E estou congelando.

Max pensou um momento.

– Espere aqui – disse ele, correndo antes que eu pudesse protestar.

Ele voltou alguns minutos depois, algo prateado balançando na mão.

Sacudiu as chaves no ar.

– O carro do meu irmão está estacionado na rua.

Fiquei boquiaberta.

– Não podemos fazer isso!

– Relaxa. Meu irmão é legal. Eu pedi pra ele – falou Max, começando a caminhar.

Fiquei parada onde estava, o coração palpitando no peito.

– Você *pediu* pra ele? O que você disse?

Max virou-se e caminhou de volta, me chamando com o dedo.

– Disse que eu estava com uma garota e que estávamos procurando um lugar quentinho para ficar. ‘Só pra conversar’, eu falei pra ele, mas meu irmão riu como se soubesse exatamente o que eu estava pensando.

Fui atrás de Max, desesperada agora.

– Você disse quem eu era? Disse o meu nome?

Max abriu os lábios para responder, então fez uma pausa.

– Por quê?

Custou um pouco, mas consegui relaxar a voz.

– É que... Bem, não quero ficar falada. Não depois daquela coisa da foto.

Max pôs a mão nas minhas costas e me conduziu gentilmente até o carro. DORIS apareceu no fim da rua. Pensei nos dados pendurados no retrovisor. Na srta. Rosa.

– Talvez seja melhor voltar para a festa – falei.

Max fez mais pressão nas minhas costas.

– Relaxe. Não precisa se preocupar. Não falei seu nome pro meu irmão.

– Ainda assim. Não acho que seja uma boa ideia.

Max suspirou, frustrado.

– Por que não?

– Bem, é que... Não sei... Parece um pouco...

– Pare com isso, Zoe – disse Max, parecendo irritado, e não havia nada de gentil com seu empurrão agora. – Eu não vi você durante o Natal inteiro e eu...

– Você *o que* exatamente? – falei, emperrando o pé na calçada para que ele não pudesse me empurrar mais para a frente.

– Você *sabe* – disse ele, tentando parecer todo ousado. – E eu sei que você quer – sussurrou no meu ouvido.

– Vamos voltar para a casa – pedi. Quando Max franziu a testa, eu acrescentei: – Encontre um quarto vazio. – Dei um passo mais perto e baixei a voz, odiando a mim mesma, mas forçando para as palavras saírem, qualquer coisa para nos afastar do carro de Aaron. – Um quarto vazio com uma cama.

As chaves desapareceram no bolso dos jeans de Max.

– Agora falou minha língua.

Começamos a caminhar.

Havia um muro. E a árvore. E a garota fumando um cigarro.

Havia a rua. E a porta. E a casa agitada com as pessoas, impossíveis de distinguir na escuridão. Aaron podia estar em qualquer lugar.

Mas ele não estava em qualquer lugar, Stuart. Ele estava bem na frente da gente, em pé na porta, olhando para a casa. Meus olhos arregalaram-se com horror quando encarei sua nuca. Max apontou.

– É o meu irmão. Lá na frente.

– Vamos pelo outro lado! – gritei. Sem esperar pela resposta, puxei Max pelo jardim. Ele encheu os pulmões e abriu a boca, e percebi, com um grande arrepio de medo, que ele ia gritar.

– *Aaron!*

Soltei a mão de Max bem quando Aaron começou a se virar. Consegui avistar uma orelha. O nariz. Com um salto, pulei dois metros à direita, então me lancei para as sombras.

– Já voltou? – perguntou Aaron. Algo tilintou no ar: as chaves do carro sendo jogadas.

– Nós mudamos de ideia.

– Nós? – quis saber Aaron, e imaginei a cabeça dele balançando de um lado para o outro, procurando a outra pessoa. Disse a mim mesma para não olhar, mas meu pescoço se virou, e minha cabeça girou, e, desta vez, quando vi Aaron, desejei de todo o coração que realmente houvesse um mundo subterrâneo que pudesse sugá-lo para a escuridão.

Os olhos dele se apertaram, e o pescoço se retesou enquanto ele se esticava para a frente para identificar a garota nas sombras enrolada na jaqueta do irmão dele.

– Aaron, esta é Zoe – disse Max.

– Zoe? – Aaron repetiu, e algo na voz dele me machucou por dentro. Saí das sombras porque, Stuart, o jogo tinha acabado. – Zoe – falou Aaron de novo. – Você está com o meu irmão?

– Só hoje à noite – falei depressa.

Max colocou o braço ao redor do meu ombro.

– Bem, e todas as outras vezes antes.

– Outras vezes? Tipo, quando? – Aaron pareceu perceber que a questão podia soar estranho e forçou um sorriso. – Há quanto tempo está mantendo isso escondido, Max?

– Não faz muito tempo – disse ele, aproveitando a atenção. – Desde setembro.

– *Setembro?*

Max interpretou errado o motivo da surpresa do irmão.

– Ei, todo mundo tem segredos. E você não falou uma palavra sobre sua...

– Porque não tenho o que dizer – respondeu Aaron. Eu me empertiguei um pouco. Eu podia não ser inocente, mas Aaron também não era.

– E sobre a... – Eu estava prestes a dizer “Anna”, então percebi que pareceria suspeito.

– Sobre quem?

– Sobre sua namorada – murmurei, apontando de volta para casa. – Aquela de cabelo ruivo.

– Anna? – disse Max, soando surpreso. – É dela que você está falando?

– Somos só amigos – respondeu Aaron, e meu estômago pesou. – Conheço ela desde que eu tinha quatro anos.

– Mas... mas eu vi vocês juntos. Na festa da fogueira – balbuciei. – Vocês estavam abraçados e ela...

– Tinha acabado de terminar com o namorado – Aaron completou. – Eu estava cuidando dela. É, tipo, como uma irmã ou prima.

– Certo – falei e me surpreendi com a naturalidade com que o som saiu enquanto tudo dentro de mim estava gritando.

– Diferente de vocês dois – disse Aaron, caminhando para dentro do jardim, com as mãos nos bolsos. – Por que você não contou sobre ela, Max? Ficou envergonhado ou algo assim? – Seu tom era irônico, e Max riu.

– Sei lá. Ela foi lá em casa. Não é minha culpa que você não estava lá. Fechei os olhos.

– Quê? – disse Aaron, a boca apertada, mesmo que o tom dele fosse leve. – Quando?

– Sei lá, tipo em novembro. Você foi lá um pouco, não foi?

Abri os olhos lentamente.

– Sim. Sim, eu fui.

O vento aumentou, apertando o casaco de Max contra o meu corpo. Por mais que eu estivesse congelando, queria arrancá-lo e jogá-lo no chão.

– Vamos entrar – falou Max, pegando a minha mão.

– Na verdade – respondi, soltando os dedos dele –, não estou me sentindo muito bem. Acho que vou para casa. – Eu tirei o casaco. – Preciso ir embora. *Sozinha* – acrescentei, porque Max havia piscado.

Sem olhar para nenhum dos irmãos, atravessei a grama, desesperada para ligar para a minha mãe ou para o meu pai, pedindo uma carona mais cedo. Max gritou atrás de mim.

– E seu casaco e suas coisas?

Eu parei e xinguei, sussurrando baixinho.

– Hum, estão no quarto de Lauren. Você pode pegar pra mim? – Max não parecia tão feliz com a ideia, mas desapareceu na casa, deixando a mim e Aaron sozinhos.

Nenhum de nós falou.

Eu me perguntei se o coração dele palpitava como o meu.

– Desculpe – falei, por fim. – Eu deveria ter dito.

Aaron fungou.

– Não precisa pedir desculpas. Não aconteceu nada entre a gente.

Engoli em seco. Fiz uma pausa. Abri e fechei os dedos.

– Tinha alguma coisa...

Aaron parecia surpreso.

– Tinha?

Dando um passo para a frente, murmurei:

– Você sabe que tinha.

Aaron cruzou os braços.

– Você é só uma garota que eu vivo encontrando. Alguém que eu mal conheço.

As palavras me atingiram na boca do estômago.

– Você não está falando sério.

Ele fez que sim com a cabeça por um bom tempo.

– Estou. Você e meu irmão formam um casal bonito.

– Não somos um casal.

– Não era o que parecia de onde eu estava.

Tirei o cabelo dos olhos.

– Desculpe, tá?

Aaron manteve a voz fria quando respondeu.

– Como eu disse, não precisa pedir desculpas. Você é livre pra sair com quem quiser. Por que não seria?

– Porque nós somos...

– *Amigos* – completou Aaron. – Se muito. Mais conhecidos do que qualquer outra coisa.

– Então, tá!

– Ótimo – falou Aaron, todo condescendente, como se eu estivesse parecendo louca ou algo assim. Fuzilei-o com os olhos, e, Stuart, talvez eu não tivesse o direito de estar furiosa, mas tente explicar isso para a raiva explodindo pelas minhas veias.

– Se é assim que você quer as coisas...

– É como as coisas são – retrucou Aaron no mesmo tom frio. Ele sorriu, mas não pareceu sincero. – Divirta-se com o meu irmão – falou antes de voltar para a festa, e enquanto eu o observava saindo, decidi naquele instante que diversão com Max era exatamente o que eu teria.

A primeira manhã do ano começou com um nascer do sol vermelho e brilhante, como se toda a minha raiva estivesse queimando no céu. Eu mal dormi, moendo e remoendo a conversa na minha mente até eu não conseguir lembrar o que Aaron dissera ou o que eu dissera, mas sabia que ele estava No Erro, e, Stuart, eu deixei em letra maiúscula de propósito para mostrar a você como eu estava convencida desse Fato Concreto.

Abri a porta da geladeira com tudo e joguei um pouco de leite num copo, planejando minha vingança. Eu faria Max se apaixonar por mim e, talvez, eu me apaixonaria por ele também, e subiríamos montanhas e sentaríamos no topo, na névoa, e eu não faria lição de casa, e todo mundo teria o que merece. Joguei a colher na pia, onde ela estalou contra a cuba.

– Feliz Ano-Novo para você também – falou Soph com a boca cheia de cereal.

– Olha os modos, Sophie – lembrou mamãe, olhando por cima do notebook.

Apenas Dot estava de bom humor, correndo para lá e para cá com uma lista de resoluções de Ano-Novo escrita com giz de cera em um grande

pedaço de papel.

– Então, minha primeira resolução é fazer dieta – ela sinalizou, apontando para a barriga gorducha. – A segunda é aprender a voar observando os pássaros, e a terceira é ser gentil com todo mundo, exceto professores e estranhos que possam querer me roubar, e a quarta é... – Ela continuou, continuou, então mexeu no meu joelho, perguntando sobre minhas resoluções.

– Não tenho nenhuma.

– Que tal trabalhar duro e passar com boas notas nas provas do fim do ano? – minha mãe se intrometeu, seus olhos grudados em um site sobre implantes cocleares.

– São só simulados.

– Simulados são importantes, Zoe. Se você quiser fazer Direito...

– Quem disse que vou fazer Direito? – retruquei.

Minha mãe digitou algo rápido.

– Bem, o que vai fazer em vez disso?

– Escrever, talvez. Talvez não. Não sei ainda. Não preciso de um plano.

– Isso é ridículo – bufou minha mãe, clicando em alguns botões.

– Não, não é. – Fiz cara feia. – Não tem pressa, tem? Vou ver como me sinto quando terminar a faculdade. – Minha mãe suspirou com impaciência, então bufei com impaciência de volta, e fui mandada para o meu quarto por ser insolente.

Meu quarto estava uma bagunça, mas eu não arrumei e desmoronei na escrivaninha, esperando Aaron se desculpar. Agora, Stuart, não sei quando os celulares foram inventados, se foi antes ou depois do seu julgamento por assassinato, então talvez você nunca tenha passado pela situação de esperar uma mensagem por horas. Se for assim, acredite em mim, é a única coisa com a qual você deveria ficar feliz, porque isso é tortura, ouvir toques

imaginários, as esperanças crescendo, crescendo, crescendo enquanto você olha o celular, e o coração despencando, despedaçando-se na tela vazia.

O tempo se arrastou naquele dia, e a TV não ajudou. Não havia nada além de filmes velhos, um atrás do outro. Tenho certeza de que você deve ter ouvido falar de ...*E o vento levou* e quem sabe talvez até tenha assistido, e, se assistiu, fico pensando se você conseguiu ficar acordado, porque esse filme é longo – tão longo que tive de ir ao banheiro duas vezes antes de ele terminar. Enquanto eu ficava inquieta no sofá, minha mãe ficava sussurrando: “Tenha paciência”, embora tivesse de haver uma grande recompensa pelo esforço que eu estava fazendo. Assisti a quatro horas inteiras para ver os apaixonados ficando juntos no final, então você pode imaginar a minha decepção quando o homem chamado Rhett deixou para trás a mulher chamada Scarlett pouco antes dos créditos. Olhei para a minha mãe com aquela cara de *mentira que vai acabar assim*, mas Rhett não voltou, e Scarlett não correu atrás dele, então foi assim que o filme terminou.

...*E o vento levou* foi uma decepção maior ainda do que *Fugindo do inferno* (eles não fogem), então arranquei o controle remoto da mão da minha mãe e apertei com tudo o botão de desligar.

– Você não gostou? É uma das maiores histórias de amor já contadas – disse minha mãe.

– Bem... é depressiva.

– Menos depressiva do que *Titanic*. – Soph bocejou. – Ao menos Rhett não congelou até a morte e depois afundou no oceano.

A porta abriu com tudo, e Dot entrou correndo carregando o Caveira. Ela o soltou nos joelhos, e as orelhas do coelho batiam acima dos seus ombros.

– O negócio do vento já acabou?

- ...*E o vento levou* – corrigiu minha mãe.
- Sei por que chama assim – Dot deu um sorrisinho, e eu podia dizer que ela ficou ensaiando a piada.
- Minha mãe pensou bem antes de falar.
- Acho que tem a ver com Rhett ir embora no final, como se ele fosse soprado pelo vento – ela gesticulou com seriedade.
- Dot sacudiu a cabeça, rindo de orelha a orelha.
- É porque o homem solta um pum antes de ir embora da cidade.

Naquela noite, fiquei deitada embaixo do meu edredom, mal-humorada e infeliz. Esticando a mão até o criado-mudo, liguei meu celular pela última vez. Brilhou verde e branco. À luz esmeralda, fiz marionetes de sombra na parede. Um cachorro latiu perto da minha estante de livros enquanto um gato correu até ela, e, mesmo que cachorros e gatos em geral não se deem bem, aqueles no meu quarto desafiavam todas as possibilidades e se aninharam em cima de um dicionário. Olhei para eles um momento antes de me virar, desejando tanto Aaron que doía estar na minha pele. A janela tremeu quando o vento bateu, e, Stuart, tive uma sensação forte de que ele estivesse sendo soprado para longe.

Com carinho,
Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

22 de janeiro

Oi, Stuart,

Acabei de saber das novidades. Foi anunciado uns dias atrás, mas só entrei no computador esta noite. Na maioria das vezes que acesso a internet, procuro o seu nome, e hoje havia uma notícia nova no *Texas Online Chronicle* dizendo que sua execução foi marcada para 1º de maio.

Primeiro de maio, Stuart. Não posso acreditar. Justo nesse dia.

Minhas mãos estão tremendo tanto que é difícil escrever, mesmo que eu tenha conseguido uma cadeira dobrável novinha que o meu pai deve ter comprado em uma liquidação da loja de jardinagem ou algo assim. Não consigo imaginar como você deve estar se sentindo. Pelos meus cálculos, provavelmente você deve ter acabado de acordar, pois Texas está seis horas atrás da Inglaterra, e aposto qualquer coisa com você que não vai conseguir tomar café da manhã. Claro, nem preciso dizer que farei tudo o que puder para ajudar. Talvez eu possa entrar em contato com a freira que foi lá na escola para falar sobre pena capital e possamos organizar alguma coisa, por exemplo um protesto ou um abaixo-assinado, e, não se preocupe, porque aposto que vamos conseguir cem nomes das freiras do convento.

O governo do Texas não pode matar você. Não pode. Só na semana passada eu li seu poema *Perdão* e como você *Se arrepende de tirar uma vida / Com uma faca afiada / Especialmente a da sua amada*. Verdade verdadeira, acho que você merece uma chance de se redimir. Se eu fosse presidente dos Estados Unidos, claro que ainda haveria prisões, mas elas

ajudariam os criminosos em vez de matá-los como se não houvesse mais esperança. Se quer saber minha opinião, ninguém pode riscar um ser humano do mapa assim, como se tivesse olhado dentro da alma dele e decidido que é mau, mau de verdade, sem nem um pedacinho bom que valesse a pena salvar.

O mínimo que posso fazer é terminar o que comecei. O tempo está acabando, preciso ser rápida. Preciso chegar ao fim da minha história antes de 1º de maio e espero que distraia sua mente das preparações finais, como sua última refeição; imagino que será um cheeseburger com batatas fritas espiraladas e um milk-shake com dois canudos e, claro, um sachê de ketchup para lembrar os bons tempos. Bem, vamos em frente, porque estamos trabalhando contra o relógio, então imagine o ponteiro grande voltando um ano até o último janeiro, e vamos começar comigo e com Lauren sentadas em um degrau, do lado de fora da escola, tremendo em nossos casacos durante o intervalo no primeiro dia do período letivo.

PARTE DEZ

– Então, como foi o resto da festa? – perguntei.

Lauren entrelaçou os dedos e, em seguida, soprou dentro deles.

– Foi boa. Demais, na verdade. Só que Max sentiu sua falta. Caminhou pela festa com cara de bunda depois que você foi embora. Chegou a dizer não quando a Marie tentou pegá-lo.

– Quê? – falei, meio ríspida.

– Não se preocupe, ele não fez nada. Ela só tentou. De verdade, ela ficou bem derrotada. Tropeçando, sem noção do que estava fazendo. Vomitou na calçada toda, e, de manhã, vi um pássaro preto *comendo* tudo.

– Como aconteceu?

– Ele tipo desceu e começou a bicar o canto do...

– Não – interrompi. – Como Max disse não?

Lauren contou que Marie cambaleou até ele e tentou lhe dar um beijo, mas ele virou a cabeça, provavelmente pensando em mim.

– Ou foi isso ou ela estava fedendo a vômito – Lauren terminou. – De qualquer forma, acho que ele gosta de você.

Minha depressão tinha melhorado um pouco desde a festa. E daí se Aaron disse todas aquelas coisas? O irmão dele estava interessado, e eu tinha que manter esse interesse, por isso cabulei a aula de francês no fim do dia, descendo alguns degraus até o departamento de teatro, onde eu sabia que acontecia a última aula de Max. Ele estava saindo do estúdio, limpando farelo da boca. Acenei para chamar a atenção dele, e ele me seguiu para um canto.

– Tudo bem? – perguntou Max.

– Estou ótima. Muito feliz. Não de voltar para a escola. Mas, você sabe. Feliz de te ver.

Max deu uma risadinha, limpando os farelos do queixo.

– Eu também. Senti sua falta na festa, Zo.

– Desculpe por ter saído de repente. – Eu o puxei pelo cinto. – Bem quando as coisas começavam a ficar interessantes... – Brinquei com a fivela.

– É uma pena que não encontramos um quarto vazio... – Dei uma puxadinha na ponta da gravata dele, sentindo-me afoita, totalmente diferente de mim mesma. – Então... quer fazer alguma coisa depois da escola esta semana? Posso ir para a sua casa?

Max piscou, surpreso, e falou com uma voz meio engasgada.

– Sim, tá certo. Se você quiser...

– Quero. Quarta?

– Eu vejo meu pai às quartas. E quinta?

Uma coisa que Lauren disse em novembro voltou à minha mente. “É um terreno escorregadio”, e, Stuart, eu estava escolhendo despencar nele direitinho. Dei um passo para a frente e beijei a bochecha dele.

– Parece perfeito.

Minha mãe me deixou na casa da Lauren na quinta à noite, porque eu disse para ela que tínhamos que terminar o projeto sobre os rios.

– Esse projeto está se arrastando, não é?

– O Nilo é longo – respondi, tranquila, antes de sair do carro.

Lembrando agora, não consigo acreditar que fiquei tão calma naquele momento, virando as costas para a casa de Lauren assim que minha mãe foi embora, atravessando a passos largos a faixa de pedestres e caminhando, apressada, pelo brilho verde do dragão na calçada do restaurante chinês sem sequer colocar o capuz. Não pense mal de mim, a dúvida congelava

meu estômago enquanto eu estava em pé, diante da porta de Max. A porta de Aaron. Mas não foi o bastante para me fazer dar meia-volta. Aaron me disse que eu era livre para ver quem eu quisesse. Disse para eu me divertir com o irmão dele. Endireitando as costas para ficar bem ereta, minha mão bateu duas vezes na madeira.

Chaves tilintaram. Dobradiças rangeram. Umedeci os lábios e grudei um sorriso no rosto. Um feixe de luz esparramou-se no caminho do jardim, e eu estava no meio do brilho, encarando uma garota loira de vestido jardineira, com uns nove anos e uma câmera pendurada no pescoço.

– Quem é você? – perguntou ela antes que eu pudesse falar.

– Meu nome é Zoe. E o seu?

– Fiona. – Eu sorri, mas ela ignorou. – Você veio ver o Aaron ou o Max? Boa pergunta.

– Max. Ele está?

A garota deu um giro e correu escada acima, deixando a porta da frente aberta. Hesitei vendo dois pares de tênis de meninos no tapete, mas me forcei a passar por eles para dentro do calor da casa. Uma TV berrava na cozinha, havia no ar um cheiro de queijo derretido e alho. Copos retiniam, e pratos batiam. Alguém estava cozinhando.

– Olá? – chamei, me sentindo estranha.

– Você deve ser Zoe – disse uma voz, e um rosto redondo apareceu na porta da cozinha. Os cabelos pretos com mechas castanhas estavam presos para trás num rabo de cavalo. Sandra sorriu, mas então os olhos dela se estreitaram.

– Já nos vimos antes?

– Não – respondi rápido, embora eu tenha percebido, com um solavanco alarmado, que ela me vira do lado de fora da biblioteca. Ao lado do boneco de neve. Com Aaron.

– Tem certeza? Você parece familiar.

– Bem, talvez seja – falei com voz casual. – Vim aqui em setembro, mas nunca fomos...

– Deve ser isso! Entre aqui. – Eu a segui até a cozinha. – Gosta de limonada? – perguntou ela, servindo antes que eu pudesse responder e gritando com o máximo da voz. – *Max!* Sente-se, querida. Ele vai descer num minuto.

Fiz o que ela mandou, me empoleirando, desajeitada, na pequena mesa no canto da cozinha, fingindo estar interessado no programa de entrevistas da TV. O apresentador tinha uma daquelas caras de salsicha cozida, bronzeada e enrugada, e estava anunciando que era hora do detector de mentira.

– É minha parte favorita – murmurou Sandra. – Gosta de pizza?

– Claro.

– Estão no forno. Fiz um pouco de salada também. – Ela sacudiu um saco plástico cheio de alface e picou cenoura e uma coisa púrpura que podia ser beterraba. – Bem, o mercado fez para mim. Estamos comendo *à la supermarché* esta noite. – Era para ser uma piada, então forcei uma risada enquanto Sandra despejava a salada numa tigela prateada e a deixava sobre a mesa. – Deve ser o bastante para nós cinco.

Eu. Sandra. Max. Fiona. E Aaron.

Minhas pernas ficaram tensas sob a mesa, meus joelhos se apertaram. Isso aconteceria. De verdade, isso aconteceria. Eu passaria por aquela situação.

– ... e Max só me disse que você vinha uns dois segundos atrás, então vai ter que ser o bastante. Mesmo assim. Todo mundo gosta de pizza, não é?

Eu me concentrei de novo na conversa.

– Sim. Sim, todo mundo gosta.

– Max! – gritou Sandra de novo, pegando cinco pares de talheres. –
Fiona! Aaron! *O jantar está pronto.*

De algum lugar lá em cima, a tábua do assoalho rangeu. Dois irmãos saíram das suas camas. Dois pares de pés bateram no carpete.

Escutei um som atrás de mim. Eu me preparei, mas era só Fiona. Ela colocou um pouco de suco de laranja para si e me encarou do outro lado da mesa.

Mais passos no corredor. Mais pesados. Dois pares.

Eu me virei, e lá estavam eles. Lá estava *ele*, porque, Stuart, eu só tinha olhos para Aaron, lindo em uma camiseta lisa e jeans cinza, os dedos do pé longos e retinhos no carpete. Algo pulsava no ar entre nós.

– Beija ela – disse Fiona, dando uma risadinha repentina quando Max entrou na cozinha.

– Fiona – advertiu Sandra.

Max apertou meu ombro e sentou-se à minha direita. Ainda havia um lugar vazio à esquerda.

– Falei para a minha mãe que não queríamos comer.

– Tudo bem – respondi, enquanto Aaron se recuperava do choque.

– Não está, não – murmurou Max. – É a maior vergonha.

Tocando a coxa dele, eu sussurrei:

– Não se preocupe.

– Óóóó, sussurrinho, sussurrinho – falou Fiona, pegando uma folha de alface da tigela e jogando dentro da boca. – Que amorzinho! Beijinho, beijinho.

Aaron arrancou um copo de um armário e abriu a torneira com força demais. A água espirrou para todo lado, encharcando a camiseta dele. Max riu, enquanto Aaron corava e se secava com um pano de prato. Quase em câmera lenta, ele olhou da pia para a mesa, passando os olhos da cadeira ao

meu lado para a cadeira ao lado da irmã. Esfregando o nariz, deu toda a volta até o espaço ao lado de Fiona.

Sandra deixou as pizzas ao lado da salada. O calor embaçou a tigela prateada. Fiona desenhou um coração no vapor e riu para mim.

– Pepperoni. Presunto e abacaxi. Margherita. Tem metade de cada – falou Sandra.

– É minha – falou Fiona, tascando a de queijo com tomate. Max pegou da metade de pepperoni. Sandra foi de presunto com abacaxi. Eu me inclinei para frente quando Aaron fez o mesmo. As duas mãos pegaram a margherita, e a pizza ficou pairando no ar entre nós.

– Pode pegar – disse ele, soltando a borda.

– Quer dividir?

Aaron olhou direto nos meus olhos pela primeira vez naquela noite.

– Não.

Fiona brincava com a câmera enquanto comia, mostrando a tela para Sandra.

– Essa aqui eu tirei ontem. E aqui tem uma foto da grama que eu tirei antes da escola. Olhe – falou ela, porque Sandra estava espiando o programa de entrevistas. – As gotas de água estão brilhando por causa do sol.

– Que lindo – falou Sandra. – Presente de Natal – ela me explicou. – É uma futura fotógrafa.

– Diga XIIIIIS! – gritou Fiona de repente, apontando a câmera para o meu rosto. O flash espocou antes que eu tivesse a chance de fazer pose. – Ficou bem ruim – ela deu uma risadinha, apertando um botão e mostrando para Aaron.

– Bem ruim – concordou ele.

– Dá um tempo pra ela sorrir – falou Max, pegando uma rodela de pepperoni e jogando na boca. – Tira outra. – Ele encaixou o braço ao meu redor e deu um sorrisinho para a câmera. Não tive escolha a não ser forçar um sorriso também, minhas mãos enroscadas num nó e meus lábios rígidos enquanto Aaron desviava o olhar.

O silêncio se instalou quando todo mundo voltou a comer. Havia apenas o som de dentes e bordas torradas e queijo massudo. Foi um alívio quando o apresentador de TV revelou que o primeiro convidado foi pego no detector de mentiras. A plateia ficou de pé, vaiando.

– Por que estão fazendo isso? – perguntou Fiona.

– Ele é um traidor – explicou Sandra, com os olhos grudados na tela. – Como a maioria dos homens safados.

– Do que ele traiu?

– O que – Aaron corrigiu-a. – E é quem... *quem* ele traiu?

Engoli meu último bocado de pizza com dificuldade.

– Então, quem ele traiu? – Fiona logo repetiu, passando o dedo em círculos no prato para pegar as migalhas.

– A namorada dele – respondeu Aaron.

– O que ele fez? – perguntou ela.

Aaron baixou a faca e o garfo, e, Stuart, eles apontavam diretamente para mim.

– Beijou outra pessoa.

– Transou para ser mais exato – falou Max.

Fiona começou a rir.

– *Transou* – repetiu ela.

– Obrigada, Max. – Sandra suspirou. – Ela tem só nove anos.

Aaron levantou-se de repente. Pegou o prato dele, de Fiona e de Sandra, levando-os para a lava-louças. Sandra serviu-se de uma taça grande de

vinho.

– Alguém quer pudim? Um chá?

Max bateu na barriga para mostrar que estava satisfeito.

– Eu e Zoe vamos subir.

– Para tran... – começou Fiona.

– Chega – Sandra repreendeu.

– Obrigado pelo jantar, mãe – falou Aaron, marchando para fora da cozinha sem olhar para trás.

– De nada, meu amor – respondeu ela alto. – Boa sorte com os estudos. Ele tem prova amanhã. – Sandra me falou. – História. É um garoto muito inteligente.

– É mesmo – Max falou com um misto de orgulho e inveja na voz. – Tem um cérebro grande, mas eu tenho um...

– Sinceramente! – disse Sandra, revirando os olhos. – Eu estou bem aqui, ouviu?

– Eu ia dizer coração grande – brincou Max, pousando a mão no peito.

Sandra bufou e aumentou o volume da TV enquanto entrávamos no corredor.

Não havia muito o que fazer no quarto de Max com a mãe dele na casa, então tivemos uma conversa desajeitada na cama dele. Após o terceiro longo silêncio, olhei ao redor, procurando desesperadamente por outro assunto.

– Aquele ali é seu pai? – perguntei, apontando um grande retrato emoldurado na parede. Nele havia um homem de bigode com um garotinho nos joelhos. – Você era uma gracinha.

– Viu o que eu estava usando?

Ri com os shortinhos amarelos dele.

– Quantos anos você tinha?

Max levantou e encarou a foto.

– Sei lá. Sete, talvez.

– Sente falta dele?

– Nem – Max falou alto demais.

– Parece bacana. Tirando o bigodão.

– Não tem mais. Pelo visto, a namorada nova dele não gosta.

– Posso perguntar uma coisa? – falei, de repente.

– Se quiser.

– Foi horrível quando eles se separaram? – Max se encolheu, então murmurei: – Não precisa responder. Desculpe. É que minha mãe e meu pai vivem brigando, e, às vezes, eu acho que, sabe, talvez fosse melhor que eles... Mas, sei lá. Provavelmente não vão.

Esticando o pé para alcançar a escrivaninha, Max puxou uma bola com o calcanhar e driblou-a pelo quarto sem olhar para os meus olhos.

– Você é bom nisso.

– Não o suficiente – murmurou ele, chutando a bola contra o guarda-roupa, que fez um barulhão.

– Pare com isso! Você é o melhor da escola e sabe disso.

– Tá, mas quantas escolas existem no país? – perguntou ele, movendo a bola com facilidade entre os pés.

– Sei lá.

– Adivinha.

– Vinte mil? Trinta?

– Dizem que são vinte e cinco mil. São vinte e cinco mil caras como eu. Os melhores nas escolas dele. – Ele chutou a bola para mim, e, surpreendentemente, consegui passá-la de volta em linha reta. – Vinte e cinco mil. E quantas pessoas você acha que se tornam jogadores profissionais?

– Não tenho a menor ideia – murmurei –, mas entendo o que você quer dizer. As estatísticas estão contra você.

– Diferente do meu irmão, que é bom em tudo, futebol é a única coisa que sei fazer, mas não faço tão bem a ponto de viver disso.

– Que saco.

– É. – Ele passou a bola para mim, mas dessa vez eu errei, então ela rolou para baixo da cama. Eu me abaixei para pegá-la, mas parei por um instante quando vi algo escondido nas sombras.

– Isso é um...

– Não!

– É, sim! – exclamei, apontando um quebra-cabeça pela metade escondido embaixo da cama dele. Devia ter quinhentas peças, espalhadas numa bandeja. A imagem completa mostrava um estádio de futebol com milhares de torcedores.

– Não tira daí – rosnou ele, porque eu estava tirando para colocá-lo sobre o edredom.

– Mas isso é incrível.

Ele me encarou, meio incerto.

– É?

– Muito, totalmente incrível!

– É só um quebra-cabeça – murmurou ele, mas parecia contente.

– Ah, não – falei, balançando a cabeça. – Não é só um quebra-cabeça. É uma prova.

– Prova do quê?

Eu dei várias piscadinhas.

– De que o Maravilhoso Max Morgan é um *geek* enrustido.

– Não chega a tanto – disse ele. Sorrimos ao arrumarmos o quebra-cabeça entre nós e começamos a montá-lo.

Foi divertido. E difícil. Havia um monte do campo para fazer e todas as peças eram da mesma cor verde. Depois de uma hora, terminamos a parte do escanteio e verificamos se estava tudo certo, sentindo aquela satisfação, antes de sairmos para a sala de estar. Sandra havia adormecido no sofá com a boca aberta.

– Devo ter cochilado – murmurou ela com a voz arrastada quando Max a sacudiu para acordá-la.

– Obrigada por tudo – falei, vestindo o casaco. – E pela pizza.

– De nada. – Ela sorriu, sonolenta. – Como você vai para casa?

– Vou a pé.

Sandra abriu a cortina com o pé.

– Você não pode, querida. Está muito escuro lá fora. E um gelo.

– Vou ficar bem. Sério – respondi, seguindo para a porta. – Tenho que ir agora. Minha mãe quer que eu esteja em casa às dez.

Sandra penteou os cabelos com os dedos.

– Estou péssima. Eu daria uma carona para você, mas tomei muito vinho.

– Aaron? – sugeriu Max.

Meu estômago se retorceu de culpa. Nervoso. Esperança. Sandra já estava de pé e saindo às pressas da sala.

Stuart, você consegue imaginar a tensão quando fiquei lá fora, me despedindo de Max enquanto Aaron entrava no DORIS. Tínhamos passado bons momentos, mas tentei escapar sem ser beijada; porém Max se reclinou para mais perto quando os faróis do carro acenderam. Naquele brilho, ele pousou a mão no meu queixo e levou os lábios aos meus, e eu imaginei aquilo do ponto de vista de Aaron, tentando aproveitar minha vingança, mas toda sensação de glória apenas rodou dentro do meu interior vazio, como aquela expressão: Vitória Vã.

Max desapareceu nos fundos da casa. Éramos apenas eu e Aaron. Aaron e eu. Mordendo o lado de dentro da bochecha, pus um pé no carro.

– Desculpe por isso. – Aaron não respondeu. Ele olhava para a frente e ligou o motor quando fechei a porta. – Foi muito legal da sua parte. – Ele deu ré no carro e moveu-se para trás na rua. – Está congelando lá fora – tentei novamente. Aaron ligou o rádio.

Seguimos em silêncio. Passamos pela faixa de pedestres. Pela igreja e pelo restaurante chinês. O dragão esmeralda zumbia ao lado da janela. Aaron segurava o volante, as costas bem retas e os braços bem esticados diante de si, travados nos cotovelos. Baixando o volume do rádio, tentei mais uma vez iniciar uma conversa.

– Como foi a revisão para a prova?

Aaron girou o botão bruscamente na direção contrária. Os alto-falantes chiaram em protesto quando um cantor uivou **AMOR** de um jeito que parecia grande e dolorido e assustador.

Paramos num semáforo com um solavanco, o pé de Aaron pisando no freio com tudo. A srta. Rosa bateu na janela, então rodou em círculo, dependurada do espelho. Dei um peteleco nela com o dedo para fazê-la girar.

– Não encoste nisso.

Fiz de novo. *Paf*. Aaron balançou a cabeça e desligou o rádio de repente. **AMO...**

– Você é tão criança – falou ele. – Tudo é brincadeira para você, não é? Cruzei os braços.

– É só um personagem estúpido do Detetive.

– Não é disso que estou falando – resmungou Aaron, olhando para a rua, os olhos furiosos. – Não é disso que estou falando, e você sabe. Com

quem você acha que está brincando? Aparecendo na minha cozinha? Vindo até a minha casa?

– A casa do seu irmão! – corrigi. – Do seu *irmão*. – O semáforo ficou verde. Aaron pisou fundo, e o carro cantou pneu.

– Então, é assim? – gritou ele.

– Foi você quem disse – respondi, agarrando no painel enquanto virávamos na esquina a toda velocidade. – Você disse que formávamos um belo casal. Você quem disse para eu me divertir. É o que estou fazendo. Me divertindo!

– Ótimo! – gritou Aaron.

– É ótimo *mesmo* – falei, jogando na cara dele as palavras que Aaron disse na festa com um triunfo vingativo. Com as mãos trêmulas, a garganta seca, meu dedo voou para o meu peito. – Não estou fazendo nada de errado, Aaron. Sou livre para sair com quem eu quiser. Você mesmo disse isso.

As lágrimas queimavam nos meus olhos. Limpei-as, fuzilando a Avenida da Ficção com os olhos.

Avenida da Ficção.

Minha mãe estava na porta de casa, prestes a sair para a casa de Lauren. Aaron reduziu a velocidade, tentando descobrir qual era a minha casa. A qualquer momento agora, minha mãe olharia para aquele lado e me veria no...

– Continue! – gritei, me escondendo quando os olhos da minha mãe passaram pelo carro de Aaron. – Por favor, continue. – Aaron hesitou. Mordeu o lábio. E, então, pisou no acelerador, e passamos zunindo pela minha casa.

– O que está acontecendo?

– Você devia ter ido para a casa da Lauren! Eu devia ter dito. Aquela era a minha mãe. Ela acha que estou na casa da minha amiga.

Balbuciando, dei o endereço para ele, escolhendo um caminho pela rua de trás que dava mais chance de despistar minha mãe. Eu queria com todas as forças que o carro avançasse como se fosse um cavalo e eu um jóquei na corrida da minha vida. Viramos à direita. Derrapamos à esquerda.

Entramos com tudo em uma rua reta.

Aaron fungava.

– Você devia parar de mentir, sabe. É um péssimo hábito.

Olhei para ele sem acreditar.

– Quer mesmo continuar isso agora?

– Só estou dizendo. Você devia parar de mentir. Isso é tão...

– O quê?

Ele fez uma pausa. Respirou fundo. Pronunciou a palavra com todas as letras.

– *Imaturo*.

Forcei uma risada.

– Imaturo? Quem tem a srta. Rosa pendurada no retrovisor? Quem fala sobre fantasmas e crocodilos e fossos fundos cheios de cobras? Quem não tem um plano e não sabe o que vai fazer no futuro e...

– Não mude de assunto – disse Aaron, explodindo. – Você mentiu para sua mãe, e isso é errado e ponto final.

– Quem disse que é ponto final? Você? Só porque você é mais velho? Dá um tempo, Aaron. Você não tem direito de me dizer o que eu posso ou não posso fazer. O que eu falo para a minha mãe não tem nada a ver com você. *Nada*.

Aaron ergueu um ombro.

– Talvez não. Mas o que *você* me disse é muito importante, e você mentiu na minha cara.

O semáforo ficou vermelho quando nos aproximamos dele. Resmunguei, olhando para o horário no telefone. 21h55.

– Você me disse que seu avô estava morto.

Vermelho

Vermelho

Vermelho

Verde

– VAI! – gritei, e partimos a toda velocidade. 21h56.

– Mas você não estava visitando o túmulo dele naquele dia quando te vi – pressionou Aaron.

– Não, mas...

– Você foi na minha casa. Minha *casa*! – Ele estava gritando agora, e suas palavras ressoavam nos meus ouvidos. – Com meu *irmão*!

– Eu sei, mas...

– No quarto *dele*. E você teve o atrevimento, o sangue frio de entrar no meu carro e fingir que você...

– Chega! – rugi, batendo com o punho na minha coxa. – *Chega*.

21h59.

Aaron parou na rua de Lauren. Ergui o corpo no assento, examinando a avenida para procurar o carro da minha mãe com os olhos frenéticos. A barra estava limpa. Abrindo com tudo a porta, comecei a sair.

– De nada – falou Aaron, sarcástico.

– Vê se cresce – disparei, saindo no carro, o ar congelando contra minhas bochechas quentes. – *Muito* obrigada pela carona. Foi ótima.

– Não sei como você conseguiu fazer isso, Zoe! – disse Aaron, seus olhos reluzindo na escuridão. – Não sei como você conseguiu agir de forma tão cretina!

– Você nunca me deu a chance de explicar!

Bati com força a porta quando o relógio deu dez horas. Aaron ligou o motor e desceu em disparada pela rua, e eu o xinguei bem alto, todas as piores palavras em que consegui pensar. O vento rodopiava, e meu corpo tremia, e meu sangue fervia embaixo da pele vermelha.

– A noite foi boa? – perguntou minha mãe alguns minutos depois, quando despenquei no banco, escondendo a fúria. A mentirinha ficou presa na minha garganta, mas eu pensei em Aaron e forcei para que ela saísse.

– Nada mal. Sabe, projeto de geografia.

Quero lhe falar o que aconteceu em seguida, mas vou ter que parar por aqui, porque mal consigo ficar de olhos abertos. As últimas noites foram interrompidas por pesadelos. Acordo várias vezes, aos solavancos, com frio e grudenta de suor, enquanto a chuva cai e a fumaça rodopia e a mão desaparece todas as vezes. Ainda não estou pronta para falar sobre isso, mas vou. Um dia. Logo. Eu prometo.

Ainda temos um tempinho antes de 1º de maio, se o pior acontecer e a freira não conseguir impedir nada. Deve haver algo que eu possa fazer, então não desista ainda, não pense que você merece essa punição pelos seus erros. Como pode ver, eu também errei. Você não está sozinho, Stu, então não fique aí deitado no seu colchão fininho, acreditando que o mundo todo vê apenas sua alma ruim, porque existe uma garota na Inglaterra sabendo que deve ter algo de bom.

Com carinho,
Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

22 de janeiro

Oi, Stu,

A aranha não aparece há algumas semanas, mas surgiram umas teias novas ao lado da porta. Acho que ela está escondida nas sombras, me observando escrever e copiando minhas palavras, soletrando meus segredos no telhado em seda prateada. Ou talvez seja a paranoia entrando em ação, o que, para sua informação, nem é surpreendente, pelo que aconteceu hoje depois da escola.

Fiquei depois da aula à espera do meu velho professor de religião, e você ficaria feliz em saber por quê, pois eu estava perguntando sobre a freira.

– Por que você quer escrever para ela? – perguntou o sr. Andrews, rabiscando algo sobre Jesus no quadro em tinta púrpura, pronto para a aula da manhã seguinte.

– Porque... – comecei, tentando reunir coragem para contar a mentira que planejei.

– Porque... – o sr. Andrews me imitou, desenhando um homem-palito num crucifixo.

– Eu encontrei Deus.

– Onde? – Ele desenhou um balão saindo da boca de Jesus e rabiscou *AAARRRGH* em letras maiúsculas. *AAARRRGH* mesmo. Eu não esperava aquela pergunta.

– No meu... estojo, senhor.

– Estava pegando uma borracha emprestada?

– Não. Quando abri meu estojo na aula de Matemática, a luz refletiu na tampa e desenhou uma cruz na mesa.

– Tocante – disse sr. Andrews. – De verdade. – Ele jogou a caneta hidrocor na mesa. – Ela é do convento de Santa Catarina, em Edimburgo. E o nome dela é Janet.

Logo Janet receberá uma carta, Stu, não se preocupe. Enquanto eu saía da escola, aproveitando o sol que brilhava no meu rosto, me senti animada pela primeira vez em meses. Corri até a escola para iniciar minha campanha, planejando imprimir seus poemas para enviar à freira e escrever todas as suas boas qualidades em uma lista de tópicos para deixar claro que você é

um bom ouvinte;
compreensivo;
criativo;
parecido com o Harry Potter, porque...

E foi quando eu vi.

DORIS.

Estacionado em frente à minha casa.

Um par de sobrancelhas seguiu meu caminhar pela calçada.

– Oi – falei do outro lado da rua.

– Onde você estava? Estava esperando por você.

– Esperando por mim? Meu professor de religião... esperei para falar com ele. Por que você está dirigindo... digo, por que está neste carro?

– O meu está na oficina – explicou Sandra. – Este aqui vai ficar na garagem por meses.

Não conseguia desviar os olhos. As antigas portas azuis. O teto meio amassado. As três rodas.

– Tudo bem? – perguntei, enquanto Sandra acenava para eu me aproximar. Olhei meu reflexo na janela do carro. Bochechas pálidas. Olhos cansados. Mais magra do que eu havia percebido.

De repente, Sandra sorriu, mas parecia estranho. Intenso demais.

– Tenho boas notícias. – Ela tirou o cinto de segurança, e eu me encolhi levemente enquanto ela saía do carro. – Vamos fazer uma cerimônia de um ano.

– Uma o quê?

– Pensei nisso apenas nesta tarde e vim direto aqui lhe contar. Quero recordar o primeiro aniversário. Fazer algo especial por ele. – Pousou a mão ossuda no meu ombro, totalmente enganada com a minha expressão horrorizada. – Não se preocupe. Você será incluída também. Numa leitura ou em algo assim.

– Não! – falei, e Sandra piscou várias vezes, embora seu sorriso não tenha desaparecido. – Não sei se consigo. Não na frente de todos.

Ela aumentou a pressão no meu ombro.

– Sei que é difícil, mas precisamos fazer algo para manter viva a memória dele. – Stu, eu quase gargalhei. Como se ela fosse desaparecer. Como se fosse fácil. Ela se encostou no carro e puxou um caderno da bolsa. – Tive algumas ideias – falou, folheando páginas e mais páginas daquela escrita feiosa. – Tem um tempinho para ouvir uma ou duas delas?

– Tenho aula de flauta agora – deixei escapar, inventando aquilo na hora.

– Ah. Tudo bem. Não se preocupe. – Ela fechou o caderno. – Talvez outra hora.

– Claro – falei, me afastando o mais rápido que pude. – Até mais.

Antes que eu chegasse à rua, ela perguntou:

– Quando podemos?

Eu parei.

– Quando você quiser – respondi, sem me virar.

– Posso te ligar? Você pode passar lá em casa. Talvez neste fim de semana. Podemos planejar juntas.

Fechei os olhos, tentando esconder minha raiva cada vez maior.

– Vou estar ocupada neste fim de semana.

– O fim de semana todo?

– Bem, não, mas...

– Então, eu te ligo – disse ela, e eu virei para vê-la entrando no carro, batendo na srta. Rosa com o ombro. A figura vermelha balançou de um lado para o outro, e senti tanta falta de Aaron que todos os ossos do meu corpo doeram, como uma dor de dente geral, e, Stu, um ano antes eu me senti exatamente do mesmo jeito, com saudades dele após a briga, quando ele não ligou e não ligou e não ligou.

PARTE ONZE

Com Aaron fora da jogada, não havia necessidade real de parar as coisas com o irmão. Além disso, as coisas haviam melhorado desde a noite do quebra-cabeça, então começamos a ser um casal fixo do tipo que sai junto, mesmo que fosse um pouco estranho, como manteiga de amendoim e geleia, que eu acho que deve ser um dos seus sanduíches favoritos. Claro que não fui mais à casa dele, mas, sempre que eu conseguia pensar em uma desculpa para a minha mãe, passeávamos pela cidade, quase sempre perto do rio, porque era calmo e havia um banco com árvores frondosas que nos protegiam caso chovesse.

Vovô saiu do hospital e foi para uma casa de repouso, e o meu pai o ajudava a se adaptar, visitando-o o máximo possível. No Dia dos Namorados, ele desceu as escadas com um cartão, deixando-o em cima da pilha de roupas que minha mãe estava passando na cozinha, enquanto eu tomava o meu café da manhã antes da escola. Minha mãe nem percebeu, apenas olhou meu pai jogando uma mala no chão e uns pães na torradeira; o ferro lançava vapor nas calças da Dot.

– Vai sair de novo? – Minha mãe suspirou.

– Vou levar mais umas fotos para ele. Está funcionando. De verdade. A fala dele está melhor também. Da última vez, ele rezou o Pai-nosso quase sem cometer nenhum erro. As enfermeiras têm sido fantásticas. Realmente impressionante. Estamos trabalhando juntos para tentar deixá-lo...

– Pena que não estão te pagando...

– Estou procurando emprego também – respondeu meu pai, olhando para a torradeira.

– Bem, não vai encontrar lá. – Ela dobrou a calça jeans, pegando o cartão da pilha de roupas e abrindo o envelope. Por um segundo, seu rosto se suavizou. – Obrigada, Simon. – Meu pai parecia satisfeito consigo mesmo enquanto passava manteiga na torrada.

Bem, Stu, tenho certeza de que vocês devem celebrar o Dia dos Namorados nos Estados Unidos, provavelmente mais do que fazemos aqui, porque vi na TV como seu país é louco por dias festivos. Uma vez, num documentário sobre o Dia das Bruxas, um senhor da Califórnia pintou o rosto de preto. Alguém disse “Barack Obama?”, e o velho respondeu “O.J. Simpson”, e não entendi a piada, mas todo mundo riu em cima da torta de abóbora, então acho que o Dia dos Namorados é bem divertido aí. Acho que você costumava fazer um monte de coisas para Alice antes de ela te falar sobre o caso com seu irmão, por exemplo, velas e pétalas que levavam até um jantar à luz de velas na varanda, ou talvez deixava uma trilha de sachês de ketchup e batatas em espiral e milk-shake com dois canudos.

Eu não amava Max, mas não havia opção além de mandar um cartão para ele, então comprei um com um urso-polar de biquíni e dei para ele na hora do almoço. As palavras dentro do cartão eram *Você me esquentou*, e eu acrescentei... *Como o aquecimento global*. Max me encarou sem entender, mas eu sabia que Aaron teria rido tanto que meu estômago gelou quando me sentei com a bandeja do almoço. Dei uma bronca em mim mesma com aquela voz ríspida ecoando na cabeça, mastigando meus nuggets de frango com mais determinação do que de costume, ansiosa para rir das piadas de Max, mas ele não contou nenhuma e, verdade verdadeira, ele não parecia nada bem, pegando algumas batatinhas chips.

Depois da escola, tínhamos uma hora juntos, porque minha mãe havia levado Dot ao fonoaudiólogo, então caminhamos até o rio. Tentilhões

voavam de galho em galho quando encontramos nosso banco. Max pegou uma pedra e começou a rabiscar alguma coisa na madeira quando uma garça alçou voo para aterrissar perto do meu pé.

– Olha! – exclamei, apontando para o pássaro imenso mergulhando o bico amarelo na água. Max mal olhou. – Tudo bem? – perguntei, irritada com o humor dele. – Você ficou de cara feia o dia todo.

– Estou bem.

– Não parece.

A pedra parou de se mover.

– É quarta-feira.

– E?

– Vejo meu pai às quartas. Em geral vejo. Mas, sei lá. – Max começou a riscar o banco de novo. – Ele vai levar a namorada para jantar. Não me importo – disse ele, depressa. – Não me incomoda mesmo.

– Claro que se incomoda – respondi suavemente. – E tudo bem se incomodar.

Ele fez que sim com a cabeça de um jeito tão imperceptível que eu posso ter imaginado também. Então, me levantei bem rápido. Uma garça alçou voo da água com uma batida de suas imensas asas. Soltando a pedra, Max apontou para o banco.

MM + ZJ

DIA DOS NAMORADOS

– Feliz Dia dos Namorados, namorada – murmurou ele. – Quer dizer, se você quiser ser minha namorada.

Ele parecia tão estranho e nervoso que eu peguei a mão dele e disse apenas:

– Quero.

Mesmo quando a palavra saiu dos meus lábios, eu sabia que era errado, e Soph percebeu também, deitada na cama dela com a cabeça balançando para fora, olhando para mim de cabeça para baixo, as bochechas ficando vermelhas ao se encherem de sangue.

– Então você não é mais uma *Sei lá*? – perguntou ela quando chegamos em casa.

– Não.

– Você não parece muito feliz com isso.

– Estou – menti. – Claro que estou. É o Max, não é? Todo mundo quer ficar com ele.

– Vai falar para a mamãe?

Deitei ao lado dela e tombei a cabeça para trás, meu cabelo encostando no carpete.

– Não quero morrer.

– Ela nem vai ligar – disse Soph. – Ocupada demais se preocupando com a Dot.

– Ela está mais preocupada com nosso pai – falei, porque ele ainda não tinha voltado da visita ao vovô, e minha mãe estava uma panela de pressão. Uma agência de trabalho temporário deixou uma mensagem no celular dele, dizendo que tinha trabalho para algumas semanas, mas meu pai perdeu porque se esqueceu de levar o telefone. Lá embaixo, eu conseguia ouvir minha mãe andando, andando, andando, parando de vez em quando, sem dúvida para abrir as cortinas e olhar a rua.

– Queria que ele arranjasse um emprego. Ou que o vovô melhorasse.

– Ou morresse.

– Soph!

– Brincadeira! – exclamou ela, deslizando da cama para o tapete, segurando a cabeça e piscando dez vezes enquanto o sangue voltava ao

normal. – Mas seria legal ganhar um dinheiro do testamento dele.

– O que você faria com ele? Tipo, se ganhasse milhares de libras?

Ela rolou sobre as costas, braços e pernas esticados no chão.

– Mudaria para algum lugar ensolarado com piscina e para uma casa nova com uma coelheira imensa para centenas de coelhos e uma escola nova bem na esquina de casa.

– Como está a escola? – perguntei, me sentindo culpada por ter ficado tão envolvida com Aaron e Max que não perguntava nada dela havia tempos. – Melhorou? – Soph hesitou, mexendo no anel de humor do seu dedo. – Continuam fazendo aquilo?

– Mais ou menos.

– Como assim, mais ou menos?

– Ficou tudo bem por um tempo, mas agora estão me chamando de coisas muito feias.

Eu me esforcei para virar na cama.

– Como o quê?

– Não quero falar. – Ela tirou penugens do carpete sem me olhar nos olhos. – Mas na semana passada aquela garota chamada Portia me bateu.

– Ela te *bateu*? Onde?

– Não foi forte – disse Soph depressa. – Não o suficiente para deixar uma marca, nem nada disso. Mas ainda está doendo.

– Temos que contar para a mamãe. De verdade, Soph.

Devagar, ela assentiu. Fiquei com ela um tempão e, enquanto ela subia na cama, liguei a TV para que ela não ouvisse a briga inevitável quando meu pai voltasse para casa, não que meu plano tenha dado certo, porque foi uma briga tão homérica, Stu, que você deve ter ouvido aí do Texas.

– Eu esqueci, tá? Foi um erro!

– Você deixou o celular aqui de propósito para não ter que...

– Eu *quero* um emprego! Por que você acha que estou preenchendo centenas de pedidos e formulários?

– Não exagere! – ralhou minha mãe, enquanto eu ouvia nas escadas. – Centenas? Faça-me o favor...

– Bem, eu fiz *cem* por cento a mais que você.

– Eu mantenho a casa funcionando! – retrucou minha mãe. – Se não fosse por mim...

– Se não fosse por você, todos nós estaríamos um pouco mais aliviados! Você é controladora demais, Jane. E digo uma coisa, vou ser firme agora. Para mim já chega.

Imaginei minha mãe e meu pai se encarando, cada um de um lado da sala.

– É sobre o seu pai que você está falando?

– Em parte, sim – admitiu meu pai, e não havia um tom de desculpas na voz. – Não pode impedir as minhas filhas de verem o meu pai, Jane. Não é justo.

– Não é bom que elas o vejam! – grunhiu minha mãe. – É exatamente por isso que não confio na sua opinião, Simon. Você espera que eu deixe nossas filhas irem a uma casa de repouso falar com um doente mental...

– Não fale assim do meu pai. Não ouse – alertou meu pai, e, na minha cabeça, eu o via levantar um dedo trêmulo.

– Eu *ouso*! – gritou minha mãe. – Posso ter minha opinião. É nosso dinheiro que você está gastando, dirigindo vários quilômetros todos os dias para ver aquele homem, quando poderia estar fazendo algo mais útil.

– Dinheiro que eu ganhei!

– Dinheiro que você *não está mais* ganhando – corrigiu minha mãe. – Dinheiro que não podemos gastar, porque você não consegue arranjar um maldito emprego!

– Não vou aceitar conselhos de trabalho de alguém que se recusa a trabalhar.

– Meu trabalho é aqui – retrucou minha mãe. – Com as garotas. Alguém precisa cuidar delas e impedir que você faça coisas perigosas como...

– Levar minhas filhas para visitar o avô não é perigoso!

– Que ridículo!

– Você é ridícula! Não vai fazer mal algum a elas. Você não deixa nossas filhas crescerem. Ou serem independentes. Ou se exporem ao mundo.

– Sou eu quem quer fazer um implante na Dot para que ela possa ouvir este mundo maldito!

– Ela está feliz! – contestou meu pai. – Feliz de verdade!

– Ela se esforça, Simon. Foi isso que o fonoaudiólogo me disse hoje. Ela não está conseguindo ler lábios tão depressa quanto poderia e...

– Ela pode gesticular e está indo bem na escola com a ajuda das assistentes. Não precisa mandá-la para o hospital de novo, perturbá-la daquele jeito.

– Mas ela vai conseguir ouvir – disse minha mãe com uma voz trêmula. – Música. Televisão. A mim.

– Vai conseguir ouvir todos esses zumbidos e chiados eletrônicos que não se parecem em nada com o mundo real. E talvez nem funcione. Você viu o que aconteceu da última vez! Não – disse meu pai com firmeza –, não vale o risco. Você está sendo egoísta.

– Egoísta? Estou fazendo isso pela nossa filha!

– Está fazendo isso por si mesma – meu pai soltou –, e nós dois sabemos disso!

– Como assim?

– Você sabe do que eu estou falando – rugiu meu pai. – Você quer que Dot volte a ouvir porque é sua culpa que ela...

– *VAI EMBORA!* – gritou minha mãe de repente, e as palavras ecoaram pela casa toda. – *VAI!*

Não pensei por um segundo que ele iria, mas a porta da sala de estar bateu com força. A da frente também. Grudei no corrimão com a respiração trêmula. Encarei meus dedos do pé sem saber o que fazer, e então dobradiças rangeram quando os olhos de Soph apareceram na fresta da porta, imensos e apavorados. Disse para ela voltar para a cama, mas minha mãe começou a gritar na sala, e nós duas corremos escada abaixo.

– Mãe? – Minha voz soava baixinho depois da briga. – Mãe, você está bem?

Ela estava encurvada no sofá de couro, as costas tremendo.

– Eu... eu estou bem.

Soph foi até ela e se encaixou no colo da minha mãe, passando os braços em torno do pescoço dela.

– Por que tudo aquilo? – perguntei, soando frustrada, sem me importar em escondê-lo. Vovô e minha mãe e o trabalho dela e Dot: nada daquilo fazia sentido. – Que culpa você teve? O que o papai quis dizer com isso?

– Nada. – Minha mãe enxugou os olhos, a voz vibrando.

– Como assim, nada? – perguntei, explodindo. Fiquei na frente da minha mãe com uma expressão provavelmente furiosa. – O papai acabou de ir embora!

– Ele vai voltar em cinco minutos, depois que se acalmar – respondeu minha mãe, erguendo Soph do colo. – Você está pesada, meu amor. – Ela se levantou, respirou fundo e limpou o nariz na manga da blusa. – Como ele consegue ser teimoso. Não quer que Dot faça algo que vai ajudá-la. Me

pressionando para levar vocês para verem seu avô quando ele sabe muito bem o que aconteceu.

– O que *aconteceu*?

– Bem, não vou ser pressionada – disse minha mãe, encaixando o cabelo atrás das orelhas, sem ouvir uma palavra do que eu disse. – De jeito nenhum.

– Soph está sofrendo *bullying* – falei, meio que apontando para ela. – Está sendo pressionada *de verdade*. Pelas garotas da classe dela. – Minha mãe virou-se para olhá-la, e Soph ficou puxando a manga do pijama. – Já faz um tempo e está piorando. Você precisa fazer alguma coisa, porque está ficando feio de verdade. Não apenas xingamentos e coisas assim. Uma menina chamada Portia *bateu* nela.

– O quê?

– É verdade – falei, vendo a expressão chocada no rosto da minha mãe e esperando que ela fosse voltar a si. – Eu só pensei que você deveria saber que coisas acontecem para além de você e do nosso pai.

Foi quando ele voltou para casa com um jornal enfiado embaixo do braço, seus olhos claros acinzentados e tempestuosos. Nenhum dos dois pediu desculpas. Minha mãe observou meu pai sentar-se na poltrona, e meu pai observou minha mãe estender roupas, e eu não tinha ideia do que estavam pensando, Stu, mas com certeza não era nada sobre seda dourada, lagos calmos ou luz das estrelas.

Com carinho,
Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

3 de março

Olá, Stu,

Faltam menos de dois meses. Fico pensando se você marcou uma cruz no seu calendário em 1º de maio, ou talvez tenha escrito apenas “18h injeção letal”, e só posso dizer que espero que você não tenha medo de agulhas, porque Lauren desmaiou duas vezes quando teve que se vacinar na escola e quase engoliu a própria língua. Deve ser tão estranho saber quando vamos morrer. Toda aquela tensão crescente. Tipo o Natal, mas sem o peru, a menos que você tenha pedido um para sua última refeição. Bem, talvez não chegue a tanto, então não vamos começar a fantasiar sobre todos os eventos, porque de repente você pode até ter mais alguns anos se a freira conseguir alguma coisa. Ninguém sabe o que vai acontecer daqui a um mês ou dois, e é isso que eu digo para mim o tempo todo quando fico nervosa com a cerimônia.

Caso você esteja se perguntando, vai acontecer na escola, porque Sandra conseguiu permissão da administração para alugar o salão e fazer um jantar com dois pratos principais no dia 1º de maio, preparado pelas serventes da escola.

– Vai ser bonito – disse ela na varanda coberta de vidro, no fim de semana passado, enquanto minha mãe sorria e eu pensava sobre honrar alguém com bolo de frutas secas. – E ainda vamos levantar fundos para a escola. Quinze libras por entrada. A sua é de graça, claro – acrescentou ela,

dando um tapinha na minha perna. Desviei, fingindo que estava com coceira no joelho. – Pensou sobre o que gostaria de ler?

Eu não respondi. Não conseguia. O sol brotava entre as nuvens, me prendendo ao sofá como um alfinete quente e dourado.

– Você está bem ocupada com a escola, não é? – perguntou minha mãe enquanto o suor deslizava dos meus poros.

– Bem, acho que seria bom algo pessoal. Algo que ela mesma escrevesse – Sandra continuou como se eu não estivesse lá. – Algo do coração.

– Você vai fazer isso bem, Zo – respondeu minha mãe, pegando a minha mão. – É uma escritora adorável.

Foi algo ótimo de se dizer, Stu, mas quando tentei fazê-lo antes, tudo que consegui foi o nome dele sublinhado cinco vezes. Amassei o papel, joguei na lata de lixo com um urro de frustração e chutei-a com força, o que machucou meu pé, mas eu merecia, então fiz de novo, de novo, odiando a mim mesma pela dor que causei e pelas coisas que fiz. Seria uma felicidade infinita esquecer a chuva e as árvores e a mão que desaparecia, ser como o meu avô depois do derrame, confuso e zozinho, jogando as memórias para o lado e pedindo uma tigela de gelatina de morango.

Se não consigo esquecer, então preciso botar para fora, agora mais do que nunca, porque, Stu, não temos muito tempo. Não importa o quanto seja difícil, preciso continuar, porque você é o único que entende, e, se tudo der errado no dia 1º de maio, então terei perdido a minha chance. Você vai morrer sem saber o pior de mim, enquanto eu sei o pior de você, e isso não é justo, porque estamos nisso juntos; então não se preocupe, vou continuar falando até o final para mantê-lo distraído e impedir que você se sinta sozinho na sua cela, que suponho estar parecendo ainda menor do que antes, o mundo lá fora cada vez mais distante.

PARTE DOZE

Vamos começar com o sexto aniversário de Dot, em 16 de fevereiro, então a imagine me acordando com um pulo na cama, na verdade, na minha cabeça, se eu me lembro bem, acertando a minha cabeça com o joelho.

– É meu dia especial! – ela gesticulou as palavras diante do meu rosto para que eu pudesse ver suas mãos. Os dedinhos raspando no meu nariz.

– Eu sei.

– E cadê meu presente?

Fingi um engasgo.

– Eu esqueci!

Dot apertou os olhos.

– Mentira.

– Não. É sério. Eu esqueci.

Dot agarrou minhas orelhas e examinou de perto minha expressão, o nariz dela tocando o meu.

– Mentirosa! – Ela fez uma dancinha, gesticulando loucamente. – Mentirosa, mentirosa, mentirosa!

Rindo alto, desci da cama e abri meu guarda-roupa, pegando o presente escondido embaixo dos sapatos. Dot rasgou o papel de embrulho e encontrou uma coroa de plástico dourado com as palavras *Rainha do mundo* na frente. Ela olhou para a coroa, surpresa.

– Gostou?

– Amei!

Sentamos no carpete e tomamos chá imaginário no Palácio de Buckingham.

– Posso contar um segredo? – ela gesticulou. Comi um biscoito imaginário e esperei. – Você é a melhor da família. A melhor *de verdade*.

Toquei o nariz dela com minha xícara de chá imaginária.

– Obrigada.

– Este é o melhor presente que já ganhei. Melhor do que o que a mamãe comprou para mim. – Dot torceu o nariz. – Livros. E *de colorir*. Ela não comprou o que eu pedi.

Tombei a cabeça para olhá-la.

– O que era?

Dot me encarou de volta, seu rosto triste.

– Orelhas novas.

– Por isso você pediu um iPod para o Papai Noel? – perguntei, sentando-a no meu colo. – Você pediu isso para ele também? Novas orelhas?

Ela concordou com a cabeça.

– Mas apenas no P.S., no fim da carta, então acho que ele não viu.

– Talvez – consegui dizer, sentindo por ela, balançando-a de um lado para o outro, sabendo que isso não ajudaria, mas eu queria fazer alguma coisa.

Ela ergueu os olhos para mim, os olhos muito verdes.

– Por que eu nasci assim?

– Não sei. A gente não escolhe essas coisas.

– É... não acho que isso é justo.

– Não é – respondi. – Também não acho.

Não consegui parar de pensar nela a manhã inteira. No chuveiro. Tomando café da manhã. No caminho até a biblioteca. Verdade verdadeira, eu mal

ouvi a sra. Simpson tagarelando sobre a decoração que estava fazendo em casa enquanto eu consertava alguns livros antigos na mesa principal.

– ... então, no final, eu escolhi um carpete verde-oliva.

– Que bom. – Peguei um rolo de fita adesiva com o polegar, perguntando-me se era assim que a minha mãe se preocupava com Dot todos os dias.

– Quer dizer, eu considereei por um tempo o verde-sálvia, mas achei que era um pouco intenso.

– Sêrio?

– Sêrio, Zoe, nunca vi sálvia daquela cor na minha vida, e eu conheço a folha, porque cozinho bastante, e foi exatamente isso que eu disse ao vendedor. Não, acho que fiz a escolha certa. Verde-oliva é melhor. Mais suave.

– Sim, com certeza.

– E, por acaso, mais barato, então eu poderia... aquele não é seu amigo? – perguntou a sra. Simpson.

– Com certeza – falei, sem ouvir.

– Ali? Ao lado da escada em espiral?

Ela apontou com um livro para a pessoa, e eu engasguei. Aaron caminhava pelas estantes de Literatura, procurando um livro, sem prestar nenhuma atenção em mim. Ele coçou a cabeça, sem dúvida parecendo confuso de propósito, querendo que eu fosse até lá oferecer ajuda. Amassei um rótulo. Levantei. Perdi a coragem. Me sentei de novo. Minha perna tremia embaixo da mesa e, então, fiquei em pé de uma vez. Virando a caixa de Devoluções de cabeça para baixo, rezei para que houvesse algo da seção de Literatura.

Dois livros de padrões de tricô.

Um sobre pontes.

Uma enciclopédia de religião que eu joguei de lado e xinguei.

Enfiei minha mão na caixa e havia, no cantinho, mais um. Puxei rapidamente para fora. Um romance de George Eliot! Abraçando o livro no peito, corri para as escadas. Aaron pegou um livro também e estava lendo a contracapa, afastando-se da prateleira, e, Stu, se ele tinha noção de que eu estava correndo na direção dele, seu rosto não demonstrou. Comecei a subir as escadas quando ele começou a descer, girando e virando, nossos pés cantando no metal. Nos encontramos na metade exata da espiral e foi como estar em pé num grande turbilhão do DNA de Aaron, e eu estava cercada por ele e envolvida nele, enquanto o restante do mundo desaparecia no nada.

– Que surpresa ver você aqui! – falei. Até sorri, convencida de que ele estava lá para fazer as pazes.

– Isto aqui é uma biblioteca, não é? Eu precisava de um livro. – O tom dele me surpreendeu. Na verdade, me deixou sem fôlego. Aaron ergueu algo do Dickens. – Para um ensaio que entrego na segunda-feira. Deixei o meu na faculdade. É o único motivo para eu estar aqui.

Eu ergui o meu livro e apontei para o primeiro andar.

– Ah, tá. Este é o único motivo para eu estar aqui. Preciso devolver este livro para a estante.

Fuzilamos um ao outro com o olhar, mas havia algo maior do que raiva em nossos olhos. Nenhum de nós se moveu. Nenhum de nós queria se mover. Eu bloqueava o caminho dele, e ele o meu, e ficamos ali, em pé, as pessoas se movimentando sobre nossa cabeça e embaixo dos nossos pés enquanto ficávamos suspensos entre dois andares.

O ar estava vivo. Cheio. Zumbindo e chiando e estalando, como a estática antes de uma tempestade.

– Você não devia ter me chamado de cretina – falei, finalmente.

– Você não devia ter agido como uma – respondeu ele, mas ainda estávamos nos encarando, olho no olho, lembrando aquela noite e todas as outras antes dela, e havia a coruja e a fogueira e a mureta perto da minha casa e a janela com nossas mãos trêmulas. Mil oportunidades perdidas.

Mil e uma.

– Você pode me dar licença? – Aaron forçou a passagem. – Preciso ir.

Decepcionada demais para recusar, dei um passo para o lado e deixei-o passar. Nossos corpos se roçaram, e ele também sentiu, tive certeza, um calor escaldante na pele enquanto a escadaria estalava de um jeito que sacudia nossos ossos.

No primeiro andar, um cara gordo se aproximou, perguntando sobre a seção de policiais quando Aaron chegou à mesa da bibliotecária.

– Tem algum livro de escritores americanos? – perguntou o homem. – Digo, que não seja do Grisham. – Lá embaixo, Aaron estava entregando seu cartão. Houve um flash castanho – os olhos dele piscando na minha direção – e um jorro de vermelho quando percebeu que eu estava olhando. – Já li todos os livros dele. Menos *Dossiê Pelicano*, mas vi o filme, então conheço o enredo. – Meus lábios doíam com todas as coisas que eu queria dizer. Precisava dizer. – Claro, não é igual a ler, mas...

– Desculpe – interrompi, enquanto a sra. Simpson registrava o livro de Aaron e carimbava a data e ele partia para a saída. – Desculpe. Eu tenho que... – A frase diminuiu aos poucos, conforme eu descia as escadas às pressas. – *Espera* – insisti a meia voz, passando pela mesa enquanto a sra. Simpson sussurrava o meu nome. Minhas mãos bateram contra o vidro frio da porta giratória, e eu a deixei rodando, lançando-me pelo saguão e para fora da biblioteca, na chuva – chuva inglesa de verdade, caindo em jorros, não em pingos, espirrando na minha pele, empapando o meu cabelo e ensopando minhas roupas. Desesperada, olhei ao redor, forçando olhos e

pescoço enquanto buscava Aaron na calçada movimentada, mas não tinha mais esperanças. Ele tinha ido embora.

De volta ao saguão, eu me agachei no chão ao lado do aquecedor, ficando de cócoras, cabeça afundada nas mãos. Foi isso. Minha única chance havia acabado, mas então ouvi uma descarga, e, de fato, Aaron apareceu, vindo dos banheiros, enxugando as mãos na calça jeans. Fiquei de pé num pulo e corri, meus pés fazendo barulho de água e minha franja grudada na testa. Talvez fosse ilusão, mas os lábios de Aaron pareciam retesados enquanto eu me aproximava respingando o chão inteiro, e, Stu, eu não queria que fosse uma metáfora, mas talvez fosse porque tudo dentro de mim derreteu ao menor sinal de um sorriso.

– Olhe, Aaron, eu não sabia, está bem? – deixei escapar. – Não sabia que vocês eram irmãos. Não no começo. – Se havia um sorriso, ele desapareceu instantaneamente. – Eu beijei Max pela primeira vez porque você desapareceu. Esse foi o único motivo! Você precisa acreditar em mim.

– Não desapareci por tanto tempo – murmurou Aaron, cruzando os braços. – Só desci a rua para atender o celular, porque minha mãe ligou, e ela não sabia que estávamos dando uma festa.

– Eu procurei você – falei, minhas mãos estendidas. – Procurei por todo lado! E na fogueira eu beijei Max porque fiquei com raiva, pois você tinha uma namorada.

– Mas eu não tenho na...

– Só sei disso agora! – falei, limpando a chuva do rosto, frustrada. – Mas eu pensei mesmo que vocês estivessem juntos, juro por Deus.

Aaron revirou os olhos.

– Então, você simplesmente tirou suas conclusões e correu para o meu irmão?

– Eu *não* sabia que vocês eram irmãos quando tudo começou – gritei, desesperada para ele acreditar em mim. – Como eu poderia saber? Eu nunca teria...

– Mas você descobriu! – respondeu Aaron. – Você descobriu que éramos irmãos e continuou.

– Só porque você me disse para fazer isso!

– Então, você só está usando ele? – perguntou Aaron.

– Não, quer dizer... Olha, não é que eu não *goste* do Max, pois eu gosto. Gosto dele, de verdade, mas... – Com um resmungar de raiva, Aaron ergueu o capuz e saiu com tudo pela porta. Corri atrás dele, agarrando-o pelo braço e girando-o antes que ele tivesse a chance de desaparecer na rua. – Você não vai embora desse jeito – gritei enquanto a chuva escorria pela minha pele.

– Desse jeito como? – gritou Aaron, soltando o braço com um tranco. O peito dele subia e descia, e nosso pulso estava acelerado, e eu precisava fazê-lo entender.

– Pensando que eu escolhi Max!

– Você escolheu!

– Porque eu não sabia que *você* era uma opção! – E sem pensar, sem me preocupar com as consequências, agarrei o rosto de Aaron e puxei-o na direção do meu, nossas bocas se encontrando com tanta força que se machucaram do jeito mais doce.

Quando nos separamos, o choque estava estampado em nosso rosto. Por alguns segundos, nada aconteceu. Nada aconteceu e tudo aconteceu, porque naquele instante não dissemos uma única palavra de arrependimento e sorrimos com uma felicidade que era maior do que qualquer culpa. Olhando em volta para ter certeza de que ninguém estava vendo, Aaron agarrou a minha mão e começamos a correr, a adrenalina

zumbindo em nossas veias enquanto avançávamos, desesperados para encontrar algum lugar e ficarmos sozinhos. A chuva dobrou de intensidade, como se a natureza estivesse do nosso lado, prendendo as pessoas da porta para dentro. Os prédios e paralelepípedos e degraus e todas as vielas e igrejas e parques – tudo, a cidade inteira, pertencia a nós por um precioso momento que era longo e extenso, e, Stu, nós preenchíamos cada pedacinho dele.

Aquilo era viver.

Realmente viver.

As cores ficaram mais brilhantes. Os cheiros mais fortes. Os sons mais altos. Eu ouvia cada gorgolejar de água descendo pelos drenos, via cada sombra de verde enquanto corríamos pelas árvores, cheirávamos cada pedacinho de chuva e lama e fumaça enquanto nos abrigávamos numa torre que levava até os muros da cidade. Aaron me beijou na escuridão bolorenta, seus lábios suaves, mas seus dedos apressados. Conseguia cheirá-lo, Stu – pasta de dente e sabonete e desodorante –, nada especial, mas fechei os olhos, as mãos dele no meu pescoço, nas minhas costas, nos meus cabelos, talvez até mesmo no meu coração, enquanto nossas bocas se moviam e nossos corpos apertavam-se e nossos pés ficavam molhados em uma poça que mal percebemos.

Com carinho,
Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

17 de março

Oi, Stu,

É um alívio estar com você hoje à noite. Há um cobertor que Dot deve ter deixado aqui, então me enrolei embaixo dele, feliz por estar escondida. Verdade verdadeira, não sei quanto tempo vou conseguir manter a farsa, tipo, Stu, imagine uma atriz em *O mágico de Oz* errando as falas, a maquiagem verde da bruxa pingando no palco, exceto, claro, que é o contrário, meu rosto bonzinho derretendo para revelar algo ruim embaixo dele. O público engasga. Minha mãe. Meu pai. A boca de Sandra é a mais escancarada de todas.

Ela veio aqui hoje à noite. Sem avisar. Tocou a campainha três vezes e entrou no hall sem ser convidada.

– O que ela está fazendo aqui? – Dot sinalizou. – E por que ela não lavou o cabelo?

– Dot está dizendo oi – murmurou meu pai, apontando a sala de estar para Sandra, dizendo “Como vai” e “Que bom ver você”, mas eu poderia dizer que ele ficou chocado pela aparição repentina dela.

– Ela cheira engraçado – Dot gesticulou.

– Minha filha pegou um resfriado – explicou meu pai, porque Dot estava agitando a mão na frente do nariz. – Em que posso ajudá-la, Sandra?

Ele apontou para uma poltrona, mas Sandra se ajoelhou no chão onde eu estava sentada. A camiseta dela não era uma grande proteção contra a noite fria, e a pele dos braços finos estava arrepiada e arroxeadada. Dot não estava

exagerando quanto ao cheiro. Quando Sandra virou a bolsa de cabeça para baixo e sacudiu, senti um cheiro forte de álcool no seu hálito. Fotos caíram no carpete ao lado dos meus pés.

– Para o telão. Na cerimônia. Pensei que talvez você gostasse de vê-las, Zoe.

Antes que eu pudesse responder, meu pai franziu a testa e disse:

– Você veio dirigindo até aqui, Sandra?

Sandra apenas deu um sorrisinho com lábios manchados de vinho.

– Olhe esta aqui – disse ela, erguendo a foto de um garotinho na frente com talco espalhado sobre as pernas gordinhas. – E esta!

– Neném gordo – Dot gesticulou.

– Bonitinho – disse meu pai. – Muito bonitinho.

Chinelos arrastaram-se no carpete, e minha mãe entrou com um livro na mão, estacando no lugar quando avistou Sandra espalhando as fotos sobre o tapete.

– Hum, olá! – falou ela. – O que está acontecendo?

– A moça está ficando maluca – Dot sinalizou.

– Sandra veio mostrar algumas fotos para a gente – disse meu pai, olhando feio para Dot, que estava dando risadinhas. – Não é legal?

Um garotinho com sorriso coberto de chocolate.

Um garoto de nove anos com casquinha de machucado no joelho.

Primeira foto escolar.

Última foto escolar.

Uma foto minha na Feira da Primavera entre os dois irmãos.

Sandra passou-a para mim e pegou minhas mãos que não paravam de tremer. Alguém veria aquilo, tive certeza, então soltei a foto no colo e apertei os dedos entre os joelhos, odiando a oleosidade da minha pele. Meu

rosto era impossível também, e tentei um sorriso, mas meus lábios pareciam errados.

– Ninguém imaginaria que algo terrível estava prestes a acontecer – disse Sandra com suavidade, olhando para a foto de esguelha. – Nenhuma pista sequer... Tem uma coisa que eu queria te perguntar, na verdade – murmurou ela, e meu estômago se retorceu. – Algo sobre aquela noite.

– Acho que Zoe não está preparada – disse minha mãe num segundo, vendo meu rosto perder a cor. – Ela não gosta de falar sobre a Feira da Primavera.

– Mas é importante.

– Acho que é melhor apenas olharmos estas fotos – comentou minha mãe. – Com certeza há algumas lindas.

– Por que vocês foram embora? – persistiu Sandra, e, embora ela talvez tivesse bebido, seu olhar era firme.

– Já disse. Saímos para caminhar – falei, rápido demais.

– Mas por quê?

– Esta aqui é ótima – disse minha mãe, apontando uma imagem de Max, Aaron e Fiona em três bicicletas. – Muito linda. Vamos olhar as outras. – Ela tentou pegar uma foto, mas Sandra juntou-as numa pilha.

– Quero entender os últimos movimentos do meu filho.

Meu coração disparou, batendo contra as costelas, tentando se livrar das perguntas enquanto eu me levantava de uma vez.

– É difícil para mim – falei com olhos cheios d'água. – É difícil para mim falar sobre isso. Impossível. Eu sonho com aquela noite o tempo todo e fico assustada em pensar sobre ela, porque ainda parece tão...

– Calma, meu amor – falou minha mãe, e meu pai pousou a mão nas minhas costas suadas.

Sandra corou, agarrando as fotos com força.

– Desculpe. Eu só... Não entendo por que vocês saíram da feira. Para dentro do bosque. Aonde vocês foram?

– Para lugar nenhum. Ficamos entediados – menti. – É isso. Ficamos entediados.

– Se vocês não tivessem... – murmurou Sandra, e, Stu, foi quando eu saí da sala com a perna trêmula, fingindo que queria fazer uma xícara de chá. Dez minutos depois eu ainda estava encarando a chaleira elétrica, e foi minha mãe que teve de desligar o interruptor.

Com carinho,
Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

1º de abril

Querido Stu,

No fim das contas, falei para Sandra que eu não posso fazer o discurso na cerimônia. Corri até a casa dela, abri a porta com tudo e fui até a varanda de vidro, minha garganta rugindo a palavra “NÃO”!

Sandra tirou os olhos das fotos com olhos apertados.

– O quê?

– Não. Simplesmente não – gritei, e até apontei meu dedo trêmulo na cara dela. – Não.

Primeiro de abril, Stu.

Às vezes, à noite, finjo que esses últimos meses foram uma grande brincadeira. Mentindo na escuridão, digo a mim mesma que essa não é a minha vida. Tudo que eu preciso fazer é esperar até meia-noite, e Sandra vai se virar e gritar “Te peguei!” e uma voz no caixão vai dizer “Primeiro de abril!”, e eu vou rir e rir e rir até as lágrimas escorrerem no rosto, e, então, os guardas da prisão abrirão sua cela, e você dançará para fora do Corredor da Morte com o coração mais leve do que nunca no peito, e sua mulher estará esperando por você em casa sem estocadas para contar a história.

Vamos fingir apenas por um momento que isso poderia de fato acontecer. Você fecha os olhos, e eu fecho os meus, e nós sonhamos o mesmo sonho através do Atlântico, iluminando a escuridão entre nós. Consegue enxergar, Stu? Consegue nos ver lá em cima, brilhando na escuridão do céu?

Nem eu.

Não acho que a freira vai resgatá-lo, porque não vi nada sobre isso no Google. Talvez eu nunca tenha acreditado que aconteceria, porque não fiquei chocada por ela não estar em pé, do lado de fora da sua prisão, com um abaixo-assinado de cem assinaturas. Talvez eu nunca tivesse esperado que teríamos um final feliz. Pelo menos temos um ao outro, ao menos pelos próximos dias, então vamos aproveitar ao máximo e começar de onde paramos, com dedos dos pés molhados em sapatos encharcados e chapinhando de volta para a biblioteca.

PARTE TREZE

Tínhamos tudo arranjado no momento em que nos despedimos no saguão. Aaron explicaria tudo para Max naquele fim de semana, antes que eu o visse na escola, onde eu também falaria com ele, desculpando-me pessoalmente, porque eu não era covarde; por isso eu e Aaron faríamos tudo com calma, sem esfregar nada no nariz do irmão, esperando Max superar tudo antes de eu voltar à casa deles. No fim do meu turno, eu me convenci de que Max esqueceria tudo em menos de duas semanas, escolhendo uma das milhares de outras garotas que se interessavam por ele na escola.

– Você parece feliz – disse minha mãe quando entrei no carro com os cabelos ondulados pela chuva.

Meu rosto inteiro pareceu reluzir enquanto eu sorria.

– Meu turno foi recompensador.

– Para com isso! Um olhar como esse pode significar apenas uma coisa.

– Mãe!

– Eu me lembro de como era na minha juventude, sabe – falou ela. –

Vagamente, mas lembro. Quem é ele?

– Ninguém! – gritei, a ponta das minhas orelhas cor-de-rosa.

– Ninguém deve ser muito bonito mesmo – falou ela, olhando pelos retrovisores antes de dar partida. – Tome cuidado, viu? Não gosto da ideia de você se distrair com garotos.

– Não estou me distraindo com ninguém.

– Bom. Porque garotos vêm e vão, você sabe. As notas dos exames finais, não. Ficarão com você para sempre.

– Que romântico – murmurei enquanto arrancávamos na rua. A chuva havia parado, mas os pneus espalhavam a água das poças, e eu amava o barulho que fazia, e o céu cinzento escondido por trás das árvores e o trânsito e as lojas e todo o extraordinário mundo comum.

– É a verdade, meu amor. Sempre haverá tempo para os garotos no futuro, mas na escola você tem apenas uma chance e... – Ela parou de falar quando eu suspirei. – Desculpe.

Olhei para ela, surpresa.

– Tudo bem.

– Não, não está. – Ela bufou. – Talvez seu pai tenha razão sobre mim. – Ela me deu um tapinha no joelho. – Mas não conte para ele.

Seguimos o restante do caminho em silêncio, nós duas perdidas em pensamentos. Quando estacionamos na rua, Soph espreitou pela janela do quarto, mas ignorou completamente meu aceno, fechando as cortinas de uma vez.

– O que aconteceu com ela? – perguntei, saindo do carro.

– Acho que ela não está no melhor dos humores – disse minha mãe. – Aquelas garotas na escola...

– Estão piorando?

Minha mãe balançou a cabeça, parecendo preocupada.

– Não exatamente. – Ela abriu o porta-malas e me entregou o bolo de aniversário de Dot numa grande caixa branca. – Não deixe cair! Foi caro. – Ela pegou mais três sacolas e me seguiu para dentro de casa, dizendo para eu tirar os sapatos na porta. – Falei com a professora de Soph ontem.

– Falou sobre a tal Portia?

– Sim.

– E o que ela disse?

Minha mãe baixou a voz.

– Que não tem Portia nenhuma na sala de Soph.
– Bem, ela deve estar em outra...
– E não tem Portia na escola inteira – completou minha mãe, e a caixa branca quase acabou espalhada no carpete. – Ela inventou aquilo, Zo. Inventou tudo.

Antes que eu pudesse entender, Dot irrompeu da sala de estar com sua nova coroa, gesticulando empolgada.

– Este é o meu bolo de princesa?
– Exatamente como você pediu! – respondeu minha mãe. – Como está minha menina aniversariante especial?
– Deixa eu ver! Deixa eu ver!

Minha mãe largou as sacolas no chão e ergueu a tampa da caixa branca. Os olhos de Dot brilharam quando ela viu a cobertura rosa, então correu escada acima, entrando com tudo no quarto de Soph.

– Sai! – rugiu Soph.
– Meu Deus, como ela consegue ser tão ranzinza? – murmurou minha mãe. – Nem é surpresa, claro, com todas as mentiras que estava contando. Eu a pressionei esta manhã. Ela confessou que inventou tudo. Mas não me disse o porquê.

Fui até a cozinha e deixei a caixa na mesa, falando por sobre o ombro.
– Bem, é um pouco óbvio. Ela está com ciúmes, não está?
– Do quê? – perguntou minha mãe, pegando seis velas, parando para admirar o bolo.

– Dot.

Minha mãe ergueu os olhos.

– Por que ficaria com ciúmes dela?

Ergui os ombros.

– Você passa o tempo todo com ela.

Minha mãe estendeu uma vela para passar a esponja nela, então parou com o braço esticado.

– Eu preciso, Zoe. Ela não *ouve*...

– Não precisa explicar isso para mim. Eu sei – falei e, pela primeira vez, acho que realmente sabia. – É difícil ver o quanto Dot se esforça.

Minha mãe engoliu, agarrando a vela com mais força.

– Exato.

– Mas Soph está se esforçando também, mãe. Se você não está lidando com Dot, está brigando com o papai sobre o vovô ou sobre trabalho ou sobre dinheiro, e, não sei, é difícil ouvir você brigando o tempo todo. Desculpe – disse depressa, pensando que falei demais e estava prestes a ter problemas.

– Não precisa se desculpar – respondeu ela, sentando-se de repente, olhando para as velas na mão. Fiz que ia sair, mas, antes que eu pudesse deixar a cozinha, minha mãe falou. – Diga para Soph que quero falar com ela, tá?

Não faço ideia do que foi dito, mas os olhos de Soph ficaram vermelhos e inchados quando fomos almoçar. A lasanha estava perfeita, o queijo crocante e dourado por cima. Dando risadinhas, resfolegando e gesticulando como doida, Dot estava nas alturas, animada sobre a festa no boliche do dia seguinte, imaginando que presentes seus amigos comprariam e ansiosa por vestir os sapatos especiais de boliche.

– Posso ficar com eles? – sinalizou ela.

Meu pai gargalhou.

– Não, sua boba! Precisa devolver. Mas eles serão seus por duas horas.

– Duas horas inteiras?

– Duas horas inteiras – repetiu meu pai, fazendo cócegas no queixo dela.

– Crianças – minha mãe sussurrou para Soph, e o rosto dela se abriu num sorriso.

Agora, Stu, você deve estar se perguntando o que aconteceu na casa de Aaron, e, acredite, eu também estava pensando nisso, cheia de bolo de aniversário, esparramada no sofá, enquanto minha mãe e meu pai tinham uma longa conversa na cozinha. Ninguém sabe o que eles estavam discutindo, mas pela primeira vez não gritavam, então consegui pensar em paz nos irmãos. Quase em paz. Se a paz se parece com um retorcer agradável no estômago. Havia medo girando por ali. Ansiedade também. Pela centésima vez, chequei o celular e encontrei apenas a foto de Dot como fundo de tela que, por acaso, ela tirou de si mesma sem eu saber, botando a língua para fora com olhos revirados, puxando o nariz tão para trás que eu conseguia ver dentro das narinas.

Nada fazia o tempo passar, nem folhear uma revista ou escrever *Pelinho*, *o Peludo*, nem arrumar o quarto, inclusive botar os meus DVDs em ordem alfabética. Não restava mais nada, exceto mergulhar no edredom púrpura e esperar. Arrumei-o como uma tenda sobre a cabeça, bloqueando o universo lá fora, e era exatamente onde eu estava quando meu celular começou a tocar. Olhei para a tela, e o nome de Aaron iluminou o meu mundo.

– Oi – disse, ridiculamente satisfeita em ouvir a voz dele.

– Oi – respondeu ele, no tom oposto.

– Como foi? Ele ficou irado? Te bateu? – A resposta não veio. – Ai, meu Deus! Ele bateu, não foi? Você está bem?

Aaron expirou bem alto.

– Eu vou contar, prometo.

– Como assim vai contar? Você não disse nada?

– Não consegui, Zo. Sério. Tivemos que encontrar o meu pai. Ele saiu com a namorada na quarta passada, então pediu para nos ver esta tarde. Tinha algo importante para contar sobre ela.

Fechei os olhos, assustada com o rumo daquela conversa.

– E o que era?

– Bem, veja desta forma: eles não estão se separando.

– Ela está grávida?

– Não. Eles vão se casar. Ele a pediu em casamento no Dia dos Namorados. Vão se casar em abril.

– Abril? Não é um pouco cedo?

– Não veem motivo para esperar. Você devia ter ouvido ele falar – disse Aaron, soando revoltado. – Está totalmente apaixonado.

– Você está bem?

– Eu estou, mas Max... Ele conseguiu segurar enquanto estávamos com o meu pai, mas quando chegou em casa pirou. Muito.

Tirei o edredom da cabeça, precisando, de repente, de ar.

– Ainda precisamos contar para ele. – Aaron não respondeu. Rolei de barriga para cima, encarei o teto com a mão na testa. – Não podemos esconder. Não depois de ontem. *Precisamos* contar para ele. – O telefone zumbiu com o som de nada. – Aaron? Fale alguma coisa, por favor.

– Desculpe.

Engoli em seco, o medo brotando dentro de mim.

– Como assim?

– Ele precisa de mim, Zo. Ele precisa de você.

– Mas eu não posso fingir – falei, com os olhos cheios d'água. – Não posso chegar na escola segunda-feira e não contar o que aconteceu na biblioteca.

– *Por favor* – Aaron implorou. – Dê um tempo para nós pensarmos sobre o que fazer.

– Você está me dizendo, de verdade, que quer que eu vá até ele, beije e aja como se nada estivesse errado?

– Sim... Não... Ah, não sei. Olha, posso te ver amanhã? – perguntou ele desesperadamente, então falei sobre a festa de Dot, e como eu teria a casa para mim por algumas horas, porque minha mãe me faria ficar estudando para a prova de ciências. – Eu passo aí, e conversamos sobre isso – ele falou. – Vamos ajustar as coisas. Eu prometo.

– Tudo bem.

Silêncio momentâneo e, em seguida, o mais baixinho dos sussurros.

– Eu não me arrependo, Zo. Talvez eu devesse, mas não me arrependo.

Eu agarrei o celular com força.

– Nem eu. Nem um pouco.

– Sua voz muda quando você sorri.

Eu sorri ainda mais.

– A sua também.

– Que bagunça.

– É.

– Mas vamos dar um jeito.

– Eu sei.

– E então...

– E então.

– Tchau, Garota Passarinho.

– Tchau.

No dia seguinte, eu estava fingindo estudar minhas anotações sobre magnetismo quando bateram na porta. Aaron estava em pé, na minha

varanda, de jeans azul e uma blusa de capuz verde, segurando uma raquete de tênis.

– Pode devolver minha bola, por favor – disse ele como um garotinho, e eu dei aquele tipo de gritinho de garotinha boba, pulando nos braços dele, entendendo num repente os princípios do magnetismo muito melhor do que na sala de aula. – Ainda preciso da minha bola – disse Aaron, enquanto eu o puxava para dentro de casa. Da minha casa, Stu. Aaron estava dentro da *minha* casa, seu tênis no meu carpete, seu cheiro misturando-se com o do lustra-móveis da minha mãe.

– Você jogou mesmo uma bola no meu jardim?

– Bati uma sobre o seu telhado – falou Aaron, fingindo sacar e atingindo por acidente a cúpula de um abajur com sua raquete.

Atravessamos a casa, saindo no quintal dos fundos para procurar a bola, mexendo em folhas e enfiando a cabeça em arbustos e movendo plantas de lado com os pés. Virou uma competição, uma corrida maluca para ser o primeiro a encontrar a bola, e nós dois a vimos no mesmo instante, perto de um vaso de plantas. Com um mergulho espetacular, eu a agarrei antes de Aaron e corri a toda velocidade, comemorando com a bola sobre a cabeça. Aaron me alcançou, agarrando minha cintura e me erguendo no ar.

– Viva a Garota Passarinho! – anunciou ele, me carregando pelo jardim enquanto eu acenava para meus fãs eufóricos, e então nós dois caímos na grama. – Muito bem.

– Obrigada – respondi, fingindo fazer uma mesura. Deitamos de costas com as mãos se tocando, mas sem segurar, porque havia regras que tínhamos de obedecer e uma conversa para ter.

– Então, o que faremos? – perguntou Aaron, sua voz ficando séria.

– Ainda não – resmunguei. – Não agora. Vamos ficar aqui deitados por um minuto.

Do nada, um passarinho começou a cantar e eu me sentei, procurando ao redor pela fonte do barulhinho.

– Andorinha? – perguntou Aaron.

Dei uma risadinha.

– Só um pardal comum. As andorinhas ainda estão na África.

Provavelmente numa aventura maluca. – Deitei na grama, e dessa vez Aaron pegou a minha mão.

– Isso é o que vou fazer – disse Aaron, apertando os olhos enquanto o pardal alçava voo com um ruído que soava a liberdade. – Viajar o mundo.

– Vou com você. Quando falarmos com Max e eu terminar a escola e minha mãe não puder me impedir. Vou guardar todo o dinheiro da biblioteca e vamos...

– Para Londres? Manchester? Leeds? – provocou Aaron. – Não vai muito longe com seu salário.

– Você tem o dinheiro do seu pai – falei. – Pode levar nós dois numa aventura.

Aaron me puxou contra o peito, minhas pernas balançando entre as dele enquanto nossos corações batiam um contra o outro.

– Você vem comigo – sussurrou ele, fazendo cócegas na minha orelha. – América do Sul ou algum lugar assim. – Ele beijou minha testa. E, depois, minhas pálpebras. E, em seguida, meus lábios, abrindo a boca, sua língua partindo para cima da minha. Eu me afastei, apontando o dedo na cara dele.

– Safado! Não era para a gente estar fazendo nada de mau.

Aaron rolou para cima de mim, bloqueando o sol.

– Às vezes, há bons motivos para se fazer coisas más – murmurou ele. – Pergunte para Guy Fawkes.

– *Metido*.

– Você ama isso!

– Eu te amo – sussurrei, encaixando as mãos em cada lado do rosto dele e puxando-o para mais perto, cobrindo o rosto dele de beijinhos, meus lábios encontrando a ponte firme do nariz dele e a penugem macia das sobrancelhas e a barba rala e espinhenta do queixo enquanto ele murmurava *Eu também, eu também, eu também*.

Quanto mais pesadas as coisas ficavam, mais leve eu me sentia até, verdade verdadeira, ficar lá em cima com o pardal, girando e planando sobre a felicidade suprema. Quando começou a garoar, Aaron me fez ficar em pé, e, Stu, não conseguíamos parar de nos beijar, entrando para o barracão numa confusão de bocas e mãos e pés tropeçando, pisando em ferramentas e nos espremendo para passar entre as caixas de azulejos, nossos movimentos ficando cada vez mais urgentes enquanto nosso amor embaçava as janelas, provavelmente deixando as teias de aranha com orvalho brilhando na seda.

Aaron abriu espaço em meio à bagunça e tirou o velho casaco do meu pai de um gancho, estendendo-o no chão empoeirado. Meus dedos encontraram a barra da blusa dele, e eu puxei-a para cima, precisava vê-lo, senti-lo, estar perto da pele dele, e lá estava, pálida e suave e firme, e eu acariciei cada centímetro dela enquanto ele arfava sem fazer barulho, a boca aberta conforme meu polegar roçava os pelos castanhos que se enrolavam em espirais macias embaixo do umbigo.

Com uma das mãos, ele envolveu minhas duas e ergueu meus braços no ar, puxando minha camiseta para cima, meu cabelo subindo, subindo, subindo com o tecido e *deslizando* de volta para os meus ombros nus. Os olhos dele diziam “Você é linda”, e eu sentia isso também enquanto ele tirava o meu sutiã, devagar, bem devagar, como se estivesse com medo de fazer algo errado. Quase sem respirar agora, eu o deitei no casaco e nos

enrolamos o máximo que pudemos, nossos corpos em um nó que ninguém podia desfazer. Minha pele na pele dele, o corpo dele mais quente que o meu. Ele apoiou o braço embaixo da minha cabeça. Piscamos juntos. Inalamos o mesmo ar. E bem quando nossos lábios estavam prestes a se tocar, um TRIM TRIM ensurdecedor tocou.

TRIM TRIM

TRIM TRIM

TRIM TRIM

Aaron pôs a mão no bolso de trás, e eu sabia, pela expressão dele, quem estava ligando.

– Devo falar com ele? – perguntou ele com uma voz de pânico. Antes que eu pudesse responder, Max desligou. Deixando minha cabeça cair no braço de Aaron, eu expirei alto; apenas para inspirar de novo quando meu celular zumbiu no bolso. – É melhor você atender, Zo.

– Não posso! – falei, mas apertei o botão de qualquer jeito, apoiando-me no cotovelo e virando as costas para Aaron.

Nós conversamos, Stu, e mal posso descrever, porque Max estava tão chateado com o noivado do pai, e eu estava simplesmente tentando me livrar dele ao telefone, murmurando palavras que eu não queria, enquanto o irmão dele estava deitado ao meu lado, o peito nu subindo e descendo ao ouvir a conversa, as mãos cobrindo os olhos.

– O que você está fazendo? – perguntou Max, finalmente, e minha garganta endureceu. Eu pigarreei. Duas vezes.

– Nada de mais. Apenas estudando para aquela prova de ciências – menti, e Aaron jogou o casaco velho do meu pai de lado, levantando-se de uma vez.

Max suspirou ao telefone.

– Preciso trabalhar nisso também. Não quer vir pra cá? A casa está vazia. Minha mãe saiu para fazer compras com Fiona, e eu não sei onde o meu irmão está.

Retorci o rosto.

– Preciso ficar aqui – falei, enquanto Aaron vestia a blusa de capuz, enfiando-o na cabeça e os braços nas mangas. – Desculpe. Preciso me concentrar aqui.

– Por favor? – disse ele numa voz que mal reconheci. – Preciso te ver.

– Desculpe – falei, pedindo desculpas por coisas em que ele nunca teria acreditado. – Preciso ir.

Levou um tempo para me livrar dele e, quando finalmente desliguei o telefone, senti náuseas de tanta vergonha.

– Você fez o que precisava fazer – disse Aaron, por fim, mas estava encarando mais o cortador de grama do que a mim, toda a doçura tinha desaparecido da sua voz. – É minha culpa – murmurou ele, arrumando os cabelos com batidinhas de dedos. – Não devia ter vindo.

– Não diga isso. Por favor, não diga isso.

Ele se sentou na caixa de azulejos, um olhar de raiva por si mesmo no rosto.

– O que estamos fazendo, Zoe? É ruim. É muito ruim.

Ajoelhando, apertei meu peito contra as pernas dele. Aaron encostou a mão nas minhas costas nuas, enquanto meus lábios pousavam no seu colo.

– Não pode acontecer de novo.

– Eu sei.

– Precisamos contar a verdade para ele.

Ergui os olhos para ele.

– Sim. Mas quando?

– Sei lá. Temos que esperar o momento certo, eu acho.

– Não tem momento certo – sussurrei. – Vai ser péssimo quando falarmos. Horrível. – Ele esfregou meu ombro quando comecei a chorar, e me odiei por ser fraca, mas não consegui impedir as lágrimas. – Vamos esperar até depois do casamento. O que você disse no telefone ontem. Ele precisa de você. E de mim. Não podemos...

– Mas vai demorar uma vida, Zo.

Olhamos um para o outro, desesperançados. Funguei, tentando parecer forte.

– São só algumas semanas. Algumas semanas, é isso. – Eu segurei as mãos dele, limpando meu rosto com o braço. – A gente precisa definir uma data para contar. Não sei. Primeiro de maio ou algo assim.

Aaron beijou minha testa.

– Tudo bem. Primeiro de maio.

Então, foi assim que decidimos, Stu, escolhendo uma data aleatória, e eu não quero falar o que aconteceu naquela noite, nem agora, nem nunca. Não quero falar sobre a chuva ou as árvores ou a mão que desaparecia ou as sirenes azuis ou os soluços ou as mentiras ou o caixão ou a culpa a culpa a culpa que sinto a cada minuto de cada dia. E se eu tiver que escrever tudo isso, quero que seja a lápis para que eu possa apagar, tirar toda aquela parte da minha vida para ela fique borrada até virar nada, e eu possa começar de novo, desenhando a mim mesma com um sorriso livre e um coração puro e um nome que eu possa escrever em letra maiúscula, por não ter medo de revelá-lo em uma carta rabiscada num barracão de jardim.

Com carinho,
Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

12 de abril

Querido Stu,

Quando você receber esta carta, vai estar muito próximo do fim, e eu sinto muito mesmo por não poder ter feito nada mais para salvá-lo. Tudo que posso esperar é que o sol brilhe nos seus últimos dias, atravessando sua janela, enquanto a pipa vermelha ganha altura no céu. Espero que tudo fique diferente, o amarelo mais brilhante e o azul mais profundo, e as penas escarlates mais vibrantes do que qualquer uma que você já tenha visto na vida. Fico me perguntando se você está calmo ou se seu coração está loucamente disparado. Se você tivesse um daqueles monitores de hospital, imagino que estaria fazendo TUM TUM TUM como se houvesse um gigante preso dentro dele, ou tumtumptumtumtumtum, como um rato correndo por entre os fios.

Seja lá o que esteja acontecendo com o seu coração, espero que fique livre e leve, como se fosse levar você direto para o Sol e flutuar no universo quando finalmente parar de bater. Você merece um pouco de alegria agora, Stu. Claro que você cometeu os seus erros, mas você encarou o seu crime e aceitou seu destino, então pelo menos a sua história termina com coragem. Honestidade. É algo do que se orgulhar.

PARTE CATORZE

Minha história terminará de forma bem diferente, como você verá. Não que eu pudesse adivinhá-la em 1º de maio, porque a manhã estava muito perfeita, como se Deus tivesse passado a ferro um tecido turquesa pelo céu e pregado um círculo amarelo bem no meio dele. Dói pensar em como eu fechei os olhos para sentir o ar daquele dia ou como foi ótimo o café da manhã no quintal, minha mãe e meu pai lendo o jornal e aproveitando o tempo com uma garrafa de café de verdade, sem falar muito e também sem brigar sobre quem pegaria a parte de negócios. Soph estava galopando no gramado como um pônei, fazendo Dot rir até cair, e então elas se deram os braços e galoparam em círculos no jardim até Dot tropeçar. Claro, ela culpou Soph, mas minha mãe não correu para socorrer Dot ou colocar um curativo no arranhão. Apenas disse para ela ter cuidado, então voltou ao jornal enquanto meu pai ria com algo que estava lendo.

Naquela noite, eu ia à Feira da Primavera no parque onde a festa da fogueira tinha acontecido. Eu não consegui ficar parada no café da manhã nem no almoço nem no jantar, matando as horas, ansiosa pelo momento em que encontraria Aaron. Mantivemos nossa palavra e não nos encontrávamos, mas claro que conversávamos ao telefone praticamente todas as noites, caso você queira que eu seja honesta, trocando palavras sorradeiras aqui e ali, entrando em contato, odiando e amando a situação ao mesmo tempo, se é que isso é possível. O casamento acontecera na última semana de abril, então já era hora de confessar, e decidimos fazer aquilo juntos, naquela noite. Botei meu vestido azul novo, com milhões de conversas bem práticas na cabeça, imaginando Max dizendo “Não se preocupe” e sorrindo ao lado da roda gigante.

Por fim, era hora de sair. Meu pai foi até o centro da cidade, na direção das barracas que brilhavam no parque, embaixo de fileiras de luzes piscantes. Ele estacionou ao lado de um trailer de cachorro-quente. Cebolas chiavam. A fumaça rodopiava. Música de duas bandas diferentes ao vivo se enfrentava no ar enquanto as montarias passavam ao lado do rio. Vi Lauren caminhando na direção da entrada do parque, então pulei do carro do meu pai e me juntei ao grande grupo que crescia a cada segundo, famílias chegando da esquerda e da direita. Um palhaço cambaleava em pernas de pau, entregando doces, e dançarinos de *morris*, em trajes típicos, estavam fazendo algo ridículo que não consigo nem descrever, e uma banda de sopro apareceu no meio da rua, todas aquelas botas pretas marchando e os instrumentos dourados soltando puns, e os músicos vestiam uniformes bonitos com botões de metal tão polidos que dava para ver nossos rostos neles.

Quando cheguei ao portão, Lauren estava agarrada numa das grades, tirando o sapato e flexionando os dedos do pé.

– Pequeno demais? – perguntei.

– Pequeno demais, alto demais, apertado demais, mas *tão* lindo! – respondeu ela, acariciando o sapato vermelho de salto. – Vamos entrar!

Senti um arrepio de medo quando entramos no parque. O sol havia começado a se pôr e, Stu, foi espetacular, tipo, imagine um sorvete num pote, redemoinhos rosa e redemoinhos laranja e redemoinhos amarelos derretendo juntos para formar cores que sequer têm um nome.

– Vamos no carrinho bate-bate? – sugeriu Lauren, então compramos os ingressos, mas meu coração não estava realmente ali, porque eu estava procurando, procurando, procurando por Aaron.

De repente, os carrinhos rugiram, vivos, e todo mundo se moveu para a frente, mas Lauren apertou o pedal errado, então nos lançamos para trás em círculos. Rodamos e rodamos e rodamos, nossas bocas bem abertas gritando. Quando finalmente conseguimos ir na direção certa, um garoto veio do nada e bateu na lateral do carrinho, nos jogando para a frente. Xinguei baixinho, percebendo com um choque que era Max. A culpa e a raiva

se misturaram no meu estômago enquanto ele dava ré rapidamente. Provavelmente pisando o mais fundo que podia, ele avançou na nossa direção novamente e bateu na nossa lateral.

– Pare com isso! – gritou Lauren enquanto nossas cabeças sacudiam para a frente com tudo. Jack gritou alguma coisa – ele estava lá também, correndo em um carro amarelo-fluorescente – e Max jogou a cabeça para trás e gargalhou, enquanto Lauren, furiosa, pisou novamente no pedal errado e nós fomos direto bater em um pilar.

Quando a corrida terminou, saí do carrinho com pernas trêmulas, e Max veio correndo até nós. Mais do que qualquer coisa, quis desaparecer na direção oposta, mas ele agarrou meu braço.

– Aquilo foi um pouco demais, Max – falou Lauren, esfregando o pescoço. Ele deu de ombros, olhos selvagens ao se aproximar sem aviso, seus dentes batendo no meu lábio superior. Senti o hálito de vodka e cebolas quando ele sugou meu rosto, não há outra maneira de descrever o que aconteceu.

– *Nojento* – murmurou Lauren, a palavra exata em que eu estava pensando quando o empurrei.

– Só estou *comemorando*!

– Comemorando o quê?

– Casamentos! – gritou Max, erguendo os braços para o ar.

Bem quando Lauren girou um dedo ao lado da cabeça para dizer que Max tinha obviamente ficado maluco, o garoto do ano seguinte puxou-a pela cintura e a carregou na direção dos carrinhos. Tropeçando nos saltos, Lauren subiu num carrinho rosa, e eu a observei dando voltas enquanto Jack entregava para Max uma garrafa com um líquido claro. Ele deu um grande gole e devolveu a garrafa. Jack deixou a garrafa em um banco, parecia enjoado. Todas as luzes da feira brilhavam no vidro e eu o encarei, pensando em como era bonito, então virei a cabeça para ver Aaron de jeans, chinelo e camiseta branca, e suspirei, porque estava ainda mais bonito.

Meus olhos brilharam ao reconhecê-lo, minha expressão exageradamente familiar e minha voz prestes a nos entregar. Aaron balançou a cabeça depressa antes que Max pudesse ver. Mudei de expressão. Calma. Mas embaixo da pele a empolgação borbulhava o meu sangue. Era quase a nossa hora, Stu. Quase.

– Aaron! – exclamou Max. – Zoe, este é o meu irmão. O melhor irmão do mundo, não estou mentindo. Você devia tê-lo visto no casamento. – As palavras dele saíram arrastadas, e ele bateu nas costas de Aaron tão forte que o irmão tropeçou para a frente.

– Já nos conhecemos – murmurou Aaron, enquanto eu me encolhia das pontas dos dedos dos pés até as raízes espetadas do meu cabelo. – Lembra?

– Nããão – respondeu Max e, então, começou a dar aquele tipo de risadinha falsa, erguendo os braços e movendo os ombros para cima e para baixo. – Claro que lembro. Noite de Ano-Novo. Eu e Zoe estávamos indo... – ele baixou a voz num sussurro – *você sabe*, no seu carro. – Max ergueu o punho fechado e levantou um dedo da outra mão, enfiando-o dentro do punho e bombeando rápido. O calor subiu pelas minhas costas, rastejando embaixo dos meus braços, e brotou em gotículas quentes sobre o meu lábio superior. Aaron desviou o olhar enquanto as mãos de Max chegavam ao clímax que respingava no ar entre nós três. Ele piscou para mim. – Talvez mais tarde... – O sorriso malicioso parecia perigosamente desequilibrado ao passar um braço ao redor do meu ombro, me puxando para perto. Foi quando Sandra surgiu da multidão.

– Aí estão vocês dois – disse ela, sorrindo para nós com toda a complacência, enquanto Max beijava o meu rosto, deixando baba na minha pele. Meu ombro se contraiu, pois eu queria me limpar, mas deixei secar, aquele anel grudado bem no meio do meu rosto, e eu me lembro de ter me sentido marcada. – Está muito quente aqui, não é? – falou Sandra, abanando-se, o cabelo grudado na testa. – Como vai, Zoe?

– Bem, obrigada – menti, minha voz saindo num esforço. Os punhos de Aaron estavam apertados e apertados e apertados, porque a mão de Max havia encontrado o meu cabelo e retorcia uma mecha entre os dedos.

– Que bonitinho! – Sandra riu, dando um tapinha no ombro de Max, radiante de orgulho, enquanto seu filho mais novo me encarava com toda aquela afeição causada mais pela vodca do que por outra coisa, mas Sandra não percebeu.

Não havia muito oxigênio, por causa do pânico ou da umidade, e eu precisei me esforçar para levar ar até os pulmões. Um balão prateado sacudiu-se sobre a multidão e veio ao nosso encontro quando Fiona apareceu com a fita azul presa à mão, a câmera balançando no pescoço.

– Zoe! – gritou ela, correndo em minha direção em um vestido florido. – Tem um século que você não vai lá em casa. – Ela fez uma cara feia.

– Toda vez que eu peço ela está ocupada – murmurou Max.

– Devia vir mais vezes – completou Sandra, limpando a testa com um lenço enquanto o Sol mergulhava no horizonte, pintando o céu com aquele tom de azul-escuro que vem antes do preto. – Sempre será muito bem-vinda, querida. – A bochecha de Aaron foi sugada pelos dentes de trás, o branco moendo o vermelho.

– Tire uma foto nossa – falou Max, cutucando a barriga de Fiona com o dedo.

– Ai!

– Vai lá – incitou ele. – Nós três! – Ele puxou a mim e a Aaron para um espaço longe da multidão, me forçando a ficar no meio. Fiona mexia nas configurações quando o braço de Aaron se esgueirou ao redor das minhas costas, sua mão apertando minha cintura enquanto olhávamos um para o outro com olhos reluzentes e, Stu, eles explodiam com todas as coisas que não podíamos dizer e todos os sentimentos que não devíamos ter, e eu o desejava – quando eu ouvia sua voz e sentia seu cheiro, e quando ele me tocava, quando eu sentia o gosto dele, e enquanto ele...

– SORRIA! – gritou Fiona, então me virei num grande sorriso amarelo que desapareceu com o estalar do flash.

Do outro lado dos carrinhos bate-bate, Lauren acenou para me dizer que desapareceria com o garoto do ano seguinte. Nuvens negras apareceram sobre o bosque próximo ao rio, o calor pressionando, pressionando, pressionando.

– Vai cair uma tempestade. – Sandra franziu a testa, esfregando as têmporas, e uma fita irregular prateada cortou o ar denso, rasgando o céu em dois. – Vou embora – disse ela, rapidamente. – Vocês podem se molhar, se quiserem, mas vou levar Fiona para casa.

– Não – Fiona grunhiu, batendo o pé. – Não fui no trem fantasma ainda!

– Que pena. Vamos embora! – disse Sandra quando o *plic plic plic* das primeiras gotas de chuva atingiram o chão. Tirando um casaco da bolsa, Sandra disse para Max e Aaron que ela os buscaria em algumas horas, e, Stu, dói lembrar o jeito casual com que ela disse aquilo, como se sem dúvida os irmãos estariam esperando no trailer do cachorro-quente às 23h30. Ela se apressou, distraída pela chuva, sem parar para beijar os filhos.

E, então, ficamos nós três.

Relâmpagos piscavam como se a tensão entre nós estivesse explodindo no céu. Max pegou a garrafa de vodca que Jack havia deixado no banco.

– Não acha que já bebeu o bastante? – disse Aaron, mas a boca de Max se encheu, e a garganta se contraiu enquanto ele engolia o líquido claro. Depois, estalou os lábios.

– Estou comemorando! – Ele ergueu a garrafa sobre a cabeça e tropeçou pela multidão, gritando por sobre o ombro. – Apenas *comemorando* o casamento! – Aaron e eu trocamos um olhar preocupado e, embora fosse errado, sorrimos um pouquinho. – Fiona deu uma ideia ótima – falou Max, virando-se de repente. Nossos sorrisos desapareceram na hora. – Vamos ao trem fantasma!

CABUM!

Trovão!

As pessoas gritaram quando a chuva dobrou de força, despencando do céu. Guarda-chuvas estalaram no ar. Todo mundo correu para baixo de coberturas que pingavam. Apenas Max corria no temporal, deslizando e escorregando na lama até entrar na fila do trem fantasma. Protegendo meus olhos da chuva, eu o segui, me esforçando para acompanhar Aaron.

– Isso é ridículo! – gritei para Max enquanto ele dava goles e mais goles na vodca. Aaron tentou tirar a garrafa, mas Max o empurrou mais forte do que pretendia, a palma da mão estalando no ombro de Aaron.

– Calma, Max.

– *Calma, Max* – o irmão imitou, virando outro grande gole quando chegamos à frente da fila. Enfiando a garrafa no bolso de trás da calça jeans, Max pulou para dentro do carro, desaparecendo através da porta púrpura enquanto um fantasma gemia.

E, então, ficamos nós dois.

– Não podemos falar para ele hoje à noite! – exclamei, meus cabelos pingando enquanto a chuva despencava do céu negro. – Ele está totalmente fora de si.

– Eu sei! Vamos esperar. Até amanhã – disse Aaron, e nossas mãos se tocaram por um momento ínfimo, quando o carrinho de Max surgiu de uma arcada no andar de cima. Nossos dedos se separaram, e Max acenou como um maluco, entrando pela boca escancarada de um imenso fantasma pintado diante da pista. Era minha vez, então Aaron me ajudou a entrar no carrinho. Eu fui, seguindo Max e com Aaron bem atrás, através de túneis que giravam, sob teias de aranha que faziam meu rosto coçar, passando por monstros que rugiam e caixões que abriam, as rodas do carrinho tilintando na pista de metal.

– Estou passando mal – Max gemeu quando desci do carrinho em plena chuva, agora tremendo, meu vestido azul grudado na pele. – Você está incrível – disse ele, as palavras se arrastando muito. Gentilmente, ele puxou minha franja molhada para o lado, então o rosto dele ficou pálido. – Vou vomitar. – Ele se curvou, a cabeça balançando sobre uma poça. Pousei a mão nas costas dele. – Não – murmurou ele. – Me deixa. Preciso ficar sozinho.

– Tem uma lata de lixo ali na frente – falei, apontando.

– Eu preciso ficar sozinho – repetiu Max, entrando no bosque a tropeções enquanto o carrinho de Aaron saía com tudo do trem fantasma.

Apontei para as árvores para dizer a Aaron aonde eu ia; assim, pude acompanhar Max, preocupada de que ele caísse enquanto caminhava, então corri com as pernas bambas para longe da feira. Apertando os olhos na escuridão, eu me afastei depressa das multidões, entrando cada vez mais fundo no bosque, a lama chapinhando embaixo dos meus pés. Não sabia se Aaron estava atrás de mim, mas consegui ver Max adiante, tropeçando num tronco para cair na grama.

Não deve ter machucado, mas Max não se levantou. A chuva pingava dos galhos. O barulho da feira era abafado pelo chiado de um rio que eu não conseguia ver. Ajoelhei ao lado de Max.

– Vai embora – disse ele, e percebi, apavorada, que estava chorando. – Estou comemorando, Zo. *Comemorando!* – Com suavidade, pousei os dedos na cabeça dele, e isso pareceu acalmá-lo. Devagar, ele se virou para me olhar, suor e lama e lágrimas se misturando nas suas bochechas. Ele se sentou repentinamente, forçando os lábios contra os meus.

– Não – falei, cambaleando para ficar em pé, incapaz de controlar minha reação.

– Por que não? – gaguejou Max, limpando o rosto com a manga da camisa. Ele pulou para me beijar de novo, agarrando meus braços. – Não seja tímida, Zo. – Esticando o pescoço para olhar sobre o ombro de Max, eu não via nada além de árvores, as luzes da feira, uma manchinha de cores a distância. Tinha ido mais longe do que imaginava.

– Não quero – disse, enquanto Max chupava o meu pescoço, sua respiração trêmula contra a minha pele.

– Você é minha namorada – sussurrou ele, e a culpa era tão forte que minhas pernas quase cederam. – Vamos lá... – Sua boca grudou-se na minha antes que eu pudesse impedir, as mãos dele agarrando meu traseiro antes de se lançarem para a frente para puxar minha calcinha por dentro.

– Pare – falei, me debatendo para me livrar. Max riu, fazendo cócegas na minha cintura, então embaixo dos meus braços para tocar meus seios, de leve, de um jeito mais patético do que qualquer outra coisa, mas meu coração estava disparado. – Sério, Max. Eu não quero.

– Você vai gostar – sussurrou ele, movendo os dedos pelo meu corpo inteiro, enquanto eu me contorcia, mordendo meu lábio inferior, desesperada para não magoá-lo, mas, Stu, ele estava me assustando, puxando a alça do meu vestido enquanto eu negava com a cabeça. – Que foi? – perguntou ele, soando chateado agora, e agarrou as duas alças e as arrancou. – Você é minha namorada, não é? – gritou, e foi quando eu o empurrei e saí correndo, incapaz de aguentar mais um segundo.

– Zoe! – chamou Max, sua voz ecoando pelas árvores enquanto eu corria na direção da feira. – Zoe! Desculpe. Não precisamos fazer nada que você não queira. Só quero ficar perto de você!

Virei para vê-lo cair de joelhos com a cabeça entre as mãos, e prossegui, assustada e exausta e enojada até a morte por ter que fingir. Ofegante, tropecei na direção de Aaron, que havia entrado no bosque.

– Ei – disse ele, sua voz cheia de preocupação. – O que aconteceu? Zo? O que foi?

– Max – arfei, tremendo ao cair nos braços dele. – Ele... ele está...

– Ele está o quê? – perguntou Aaron, segurando meu rosto nas mãos, me beijando com todo o desespero que sentíamos, cedendo por um segundo desvairado porque estava escuro, tão escuro, e estávamos escondidos sob as árvores.

Mas, então, um galho estalou.

Viramos para ver a nuca de Max, que entrava de novo no bosque. Por um momento, nenhum de nós se moveu, e então nos separamos, horrorizados, gritando o nome dele, perseguindo-o, o som cada vez mais alto da água escorrendo, enquanto empurrávamos os galhos e arrancávamos as folhas e escorregávamos no chão musgoso. O rio apareceu e as árvores ladeavam um caminho de pedras, eu patinei até parar, olhando ao redor, meus pulmões pegando fogo. Max tropeçava nas margens, perdendo o equilíbrio cada vez mais, os pés perigosamente próximos à água agitada.

– MAX! – gritou Aaron, as duas mãos ao lado da boca. – MAX!

Se Max ouviu, não deu sinal. Virei-me para Aaron, meu rosto branco, meus olhos arregalados e aterrorizados.

– Ele viu a gente! Ele sabe! O que vamos...

Mas Aaron já havia partido, se esforçando para correr de chinelo e espirrando lama atrás da calça jeans.

– MAX! – ele chamou de novo. – MAX!

Max parou de repente, prestando atenção em um banco de madeira. Gritando de ódio, ele pegou uma pedra, e eu percebi com um tremor nauseante o que ele tinha visto – nossas iniciais, Stu, riscadas na madeira. Erguendo a pedra sobre a cabeça, ele mergulhou no banco, e bem quando estava prestes a atacar nossos nomes, Aaron agarrou o braço dele.

– Sinto muito – disse ele. – Sinto muito, mesmo!

Meus pés chapinhavam nas poças enquanto o rio preto ondulava, e os dois garotos viraram-se para me olhar.

– *O que foi aquilo?* – rugiu Max, jogando a pedra contra o banco. – Que p... foi aquela?

– Nós... Nós... – gaguejei com as mãos agarradas aos cabelos.

– Nós... – começou Aaron.

– Vocês *O QUÊ?* – gritou Max com lágrimas rolando do rosto. – O que está acontecendo? FALE A VERDADE!

Aaron ergueu as mãos.

– Calma – ele suspirou. – Calma! Vamos conversar sobre isso quando você estiver sóbrio e todo mundo...

– Não me diga o que fazer! – Max berrou, afastando a mão de Aaron com um tapa. – Desgraçado! – Aaron desabou sobre o banco. – Vocês são tudo o que eu tenho! – Max falou com a voz entrecortada. Tropeçou em nada, quase caindo no colo de Aaron. – E *you* – rosnou, vindo para cima de mim, seus movimentos grandes e cambaleantes enquanto ele sacudia o braço pelo ar. – Eu confiei em você. Eu *gostava* de você!

– Eu gosto de você também! Eu juro... Nunca quis que nada disso acontecesse. – Tentei botar as mãos na cintura dele para confortá-lo, mas ele me empurrou e eu tropecei na direção do rio.

– Não fale comigo, vagabunda!

Aaron ergueu-se de uma vez.

– Não fale assim com ela!

Rindo enlouquecido agora, Max avançou na minha direção. A água preta espumava a meio metro de onde eu estava. Agarrando meu ombro, ele me puxou para gritar bem no meu ouvido.

– VAGABUNDA!

– Para! – gritou Aaron. – Deixe ela fora disso.

– Não me diga o que fazer! – Max gritou novamente ao mesmo tempo que um trovão estourou no ar. Ele agarrou as alças do meu vestido azul com dedos desesperados enquanto vacilávamos para mais perto do rio.

– Solta ela! – Aaron berrou e, como Max não obedeceu, ele partiu para cima do irmão. Eles se enfrentaram com um rugido poderoso, agarrando-se enquanto os pés deslizavam na lama.

– Vocês estão muito perto da beirada! – gritei, mas eles não estavam ouvindo e, de algum jeito, eu entrei no meio deles, tentando separá-los enquanto eles agarravam a roupa um do outro, empurrando e puxando e gritando embaixo das árvores, a chuva caindo com força.

– VAGABUNDA! – Max berrou, a saliva batendo na minha pele enquanto ele agarrava o meu cabelo e urrava a palavra no meu rosto, e, Stu, eu o empurrei com força, e Aaron também. Um impulso de fração de segundo. Qualquer coisa para fazê-lo parar.

Os pés dele deslizaram na margem molhada. O terreno escorregadio.

Os braços dele se agitaram loucamente no ar.

E seu corpo fez a água espirrar ao atingi-la, a boca escancarada no primeiro choque de frio.

– Pegue ele! – gritei. – Aaron! Agarra ele!

Paralisada no mesmo lugar, vi Aaron deitar de barriga para baixo e estender a mão enquanto a forte corrente agarrava as pernas de Max, serpenteante e poderosa, impossível de combater. Como se estivesse em câmera lenta, Max afundou – uma, duas vezes –, seu corpo descendo rio abaixo, e Aaron correu aos tropeços pela margem, ofegando, gritando, estendendo os braços.

Max não conseguiu alcançá-lo. O rio estava forte demais. Lutando para nadar contra a corrente, seus músculos ficaram moles e ele flutuou, passando pelas raízes e galhos de árvores, e por uma boia de segurança laranja no outro lado do rio que nenhum de nós conseguiria alcançar. Ele afundou de novo, e de novo, e novamente, ficando cada vez mais fraco, a boca engolindo água enquanto ele lutava para se manter na superfície.

Aaron esticou-se pela última vez, gritando o nome do irmão. Max ergueu um braço fraco para o ar quando seu corpo desistiu de lutar.

A cabeça dele afundou.

O cotovelo também.

Pulso.

Mão.

A mão que desaparecia – pálida e rígida e agarrando o nada – sumiu dentro da água escura.

A primeira vez que mentimos foi para a operadora no outro lado do telefone. Aaron discou 999, o número de emergência, e, mesmo trêmulo e soluçando, não mencionou a briga nem o beijo nem o empurrão.

– Ele escorregou – disse Aaron, sentando-se no banco, seu corpo tremendo violentamente. – Estava bêbado. – Olhei para ele quando desligou, incapaz de protestar, porque minha voz não funcionava. Agachada como uma bolinha às margens do rio, comecei a balançar e não parei até minha mãe e meu pai aparecerem do meu lado e um oficial de polícia jogar um cobertor sobre os meus ombros enquanto Sandra gritava noite adentro.

As próximas horas foram uma confusão de perguntas em uma delegacia cinzenta que cheirava a fotocopiadoras, sanduíches e café. Em uma pequena sala, numa cadeira dura, fiquei falando a mesma coisa repetidamente, agarrada às palavras de Aaron. *Max escorregou. Estava bêbado. Escorregou. Estava bêbado.* Em algum momento, o policial deve ter acreditado em mim, porque disse que eu podia ir para casa.

Só que não era a minha casa. Era uma construção que eu não reconhecia com uma família que parecia um grupo de estranhos. Meu quarto não era o meu quarto, e minha cama não era a minha cama, porque eu não era eu. Era outra pessoa, uma estranha que meus pais não conheciam. Uma trapaceira. Mentirosa. Assassina. Deitei sob o edredom, que cheirava à vida que eu havia perdido, e olhei para as minhas mãos, piscando, em choque.

Terminei na banheira na manhã seguinte. Minha mãe havia preparado para mim. Pôs aqueles sais na água que deveriam ser bons para o trauma. Nunca tinha tomado banho às dez da manhã antes. Estranho. Luz demais no banheiro. O sol atravessava a janela, e as partículas de poeira rodopiavam sobre o cesto de roupa suja. A água quente pingava da torneira, e eu encaixei meu dedão do pé no buraquinho, mas não consegui senti-lo queimar.

Naquela tarde, meu pai entrou no meu quarto.

– A mãe do garoto convidou você para ir até lá, querida. Sandra, acho que esse é o nome dela.

Comecei a contar.

Um. Dois. Três. Quatro. Cinco.

– O restante da família do Max está lá – disse meu pai, sentando-se na minha cama. – Acho que é importante que você os veja.

Seis. Sete. Oito.

– Querida, você está ouvindo?

– Sim.

– O que acha?

– Sobre o quê? – murmurei.

O rosto do meu pai se nublou, e ele segurou a minha mão.

– Ir à casa do Max? Vou com você se quiser. Talvez ajude estar lá com as outras pessoas.

Nove. Dez. Onze.

– Bem, você é quem sabe – disse meu pai, levantando-se enquanto eu encarava o teto, meu rosto completamente estático.

Observei um vizinho cortar a grama e plantar seis arbustos.

Assisti a um homem pintar as janelas e a porta da frente da sua casa.

Vi um cachorro ir para lá e para cá carregando um graveto.

Na manhã seguinte, minha mãe veio até o meu quarto e me disse que eu estava com febre. Disse que minhas glândulas estavam inchadas e me pediu para abrir a boca, acendendo uma lanterninha na minha garganta

enquanto eu dizia *Aaaaaaaaah*. Ela desligou a luz e falou que eu podia parar, mas eu continuei falando mais alto, cada vez mais alto

[illegible]

– Zoe ficou louca? – Dot gesticulou.

Minha boca se fechou de uma vez.

– Não – falou minha mãe. – Só está chateada.

Dot me olhou, desconfiada.

– Não faço isso quando estou chateada.

– É uma chateação muito grande – explicou minha mãe. – Maior do que qualquer uma que você já teve antes.

– Por causa do namorado?

– Sim.

– Nem sabia que ela tinha um namorado – Dot sinalizou.

– Nem eu, meu amor. Não de verdade. Mas sei que ele a fazia feliz. – Minha mãe acariciou minha testa enquanto o nome de Aaron queimava nos meus lábios. O calor dele deixou minhas bochechas vermelhas, e, Stu, naquele momento, eu quis que minha mãe me perguntasse o que havia de errado, mas ela apenas esfregou o polegar na minha sobrelanceira, murmurando. – Ela estava radiante quando eu a busquei na biblioteca.

– Por que ele se afogou? – perguntou Dot.

Minha mãe me lançou um olhar antes de responder.

— Não sei.

– Porque se ele sabia nadar, então por que afundou? E tenho uma outra pergunta.

— Já chega.

– Posso faltar na escola também?

Mais dias se passaram na mesmíssima escuridão. Minha mãe trazia comida. Meu pai, infinitas xícaras de chá.

Quando Dot chegou da escola, uma semana depois, eu tinha seis canecas alinhadas no meu criado-mudo, cheias com diferentes quantidades de líquido. Eu fazia música com elas, batendo com uma caneta.

– Quando será o funeral? Eu posso ir? – Fechei meus olhos para não precisar “ver” as palavras nos gestos dela. Ela abriu minhas pálpebras com seus dedos gordinhos. – Eu perguntei quando será o funeral e se eu posso ir e também se vai ter gente importante andando atrás do caixão e se eu sou uma delas ou devo apenas esperar na igreja?

Meu pai bateu suavemente na porta.

– Dot, o lanche está pronto – ele sinalizou.

– Não estou com fome.

– Está esperando você na mesa.

– Estou muito triste por causa do garoto para comer. Minha professora disse que eu tenho luto.

– Se você está de luto, talvez eu tenha que dizer para a sua mãe que é hora de você ir para a cama.

Os olhos de Dot se arregalaram, e ela correu para fora do quarto a toda velocidade. Meu pai suspirou.

– Ela é engraçada. – O colchão rangeu quando ele se sentou. – Acabei de sair do telefone, querida. Sandra ligou de novo. Pediu para avisar que vão enterrá-lo na sexta-feira.

Eu me virei de costas e encarei a parede. Meu pai pôs a mão no meu cabelo, e ficamos assim um tempão, e eu queria que ele estivesse aqui bem agora para me fazer cafuné e me dizer que tudo vai ficar bem e para ser forte,

porque a tristeza passa. Quero que ela vá embora agora, Stu, estou pronta para ela desaparecer, e sei que você também está assim, cansado da dor e do medo e da tristeza e da culpa e de centenas de outros sentimentos que nem têm nome em toda a língua inglesa.

Tenho mais uma carta para escrever antes que a gente possa parar. Mais uma sobre o funeral e o velório e como descobri pela Sandra que Aaron tinha partido numa viagem de última hora para a América do Sul sem se importar em me dizer adeus. Como vai ser a última, talvez devêssemos fazer algo especial para celebrar. Talvez devêssemos fazer uma última refeição, que para mim seria bife com fritas, e poderíamos comer juntos, você de um lado do oceano e eu do outro, uma toalha de mesa azul reluzente estendida sobre a distância que há entre nós. Velas brilhariam no céu e, de uma vez por todas, eu terminaria minha história. Você ficaria satisfeito, e eu, contente, então poderíamos apagar as chamas. Você, eu, o barracão, a cela, nossas histórias, nossos segredos – tudo isso desapareceria, pairando na escuridão como fumaça antes de desvanecer em nada.

Com carinho, sempre,
Zoe

Avenida da Ficção, 1
Bath

6 de maio

Meu querido Stu,

Retornei como prometi. Não quero que você ache que não voltei como se tivéssemos discutido. Verdade verdadeira, disse tudo a você, exatamente como planejei. Descrevi como o rosto de Aaron desmoronou quando ergueu o caixão no início do cortejo. Disse a você como as mãos dele tremiam embaixo do peso do irmão e como aquela Manhã realmente parecia Partida em um milhão de pedacinhos que nunca poderiam ser colados. Disse como fui apresentada a cada parente como a namorada de Max, e como Aaron não olhou para mim nenhuma vez durante o velório, e como Soph fez uma piada sem graça sobre como era inadequado um velório ser um tipo de vigília se o convidado de honra nem podia ficar de olhos abertos.

Expliquei como Lauren me visitou mais tarde naquele dia, me dando de presente seus sapatos vermelhos de salto para me alegrar, e como ela olhou todos os cartões de pêsames em uma pilha ao lado da minha cama. Descrevi como segurou o riso com um que dizia *Deus o levou porque era bom demais para esta terra*, dizendo como ela murmurou “Bom demais para esta terra? Se Max tiver ido para o céu, aposto que está tentando transar com uma ‘anja’”.

É, eu contei tudo isso para você e então coloquei a carta em um envelope, selei para levar até o correio na manhã seguinte para chegar até você antes de 1º de maio, exatamente como eu sempre planejei.

No dia seguinte, enfiei a carta no bolso e fui dizer para a minha mãe que eu ia dar uma volta. Ela estava sentada na sala de estar, bebendo uma xícara de chá, dando uma pausa nos trabalhos domésticos enquanto a chuva batia nas janelas.

– Vai sair com essa chuva?

– Preciso de um pouco de ar – murmurei, muito consciente do envelope na minha calça jeans. Bocejei, porque fiquei acordada até tarde escrevendo no barracão.

– Está tudo bem, Zoe? – perguntou ela de repente, e, Stu, o jeito que ela falou fez meu estômago pesar.

– Sim – respondi, tentando sorrir enquanto a carta no meu bolso parecia ter o dobro do peso.

Dot entrou correndo na sala, agitando a bandeira americana, porque havia passado a fase de Rainha. Havia decidido ser a primeira presidente inglesa dos Estados Unidos, fazendo leis como a proibição de guerras e a do sorvete de banana grátis para todos. Subindo no banquinho do piano, ela ficou em pé com a mão no coração, como se estivesse ouvindo o hino nacional norte-americano.

Olhando para ela, minha mãe abriu a boca, fechou-a de novo, hesitou por um instante e, então, começou a falar.

– Quero te dizer uma coisa, Zoe.

– Mas eu já vou sair...

– É minha culpa.

– O quê?

Minha mãe apontou para Dot, que estava sacudindo a bandeira de um lado para o outro.

– A audição dela.

– A surdez dela é culpa sua? Mas... eu pensei... ela não nasceu desse jeito? Foi o que você e o papai sempre disseram.

Minha mãe sacudiu a cabeça, olhando para os próprios joelhos.

– Quando engravidei dela, foi um acidente.

– *Mãe*. Poupe-me dos detalhes.

– Não queria tê-la – minha mãe continuou sem olhar para mim ou parar para respirar. – Estava feliz com duas filhas, mas seu pai me convenceu. A propósito, seu avô também. – Eu me sentei no chão, perto dos pés dela. – Seu pai contou para ele, dizendo que eu estava pensando em me livrar dela.

– Aborto? – Minha mãe pousou um dedo sobre os lábios e enrubesceu, mesmo que Dot não pudesse ouvir uma palavra.

– Não pegou muito bem, pois seu avô é religioso. Eles conspiraram contra mim, acho que podemos dizer isso. Tínhamos acabado de perder sua avó, e eles me disseram que seria bom ter uma vida nova na família. Um bebê. Me pressionaram de verdade.

– É por isso... digo, na sua caixinha de joias, você guardou todas as minhas coisas de bebê, as de Soph também, mas nada da Dot.

Minha mãe ergueu os ombros, triste, os dedos agarrados na caneca.

– Demorei para me sentir conectada a ela. Me resenti um pouco com ela, para ser muito sincera. Não podia esperar para voltar ao trabalho. – Dot pulou do banquinho do piano, a bandeira voando atrás dela como uma capa. – Um dia, quando Dot tinha apenas alguns meses, ela acordou com febre. Fiquei chateada, porque eu tinha uma grande reunião no trabalho e precisava fazer uma apresentação para um cliente novo. Eu me convenci de que não havia com o que se preocupar. Nada sério. – A voz dela não passava de um sussurro agora. Peguei sua mão enquanto ela engolia em seco. – Deixei com a babá e, quando cheguei ao escritório, desliguei o

celular para me concentrar. Minha secretária me disse que ela havia sido levada para o hospital. Você lembra?

Eu assenti devagar.

– Um pouco. Uma caminha. Um monte de tubos. Não sabia de verdade o que tinha acontecido com ela. Vocês nunca disseram.

Minha mãe levou a xícara até a boca, mas não bebeu o chá.

– Meningite. Os médicos conseguiram salvá-la, mas não puderam fazer nada com relação ao dano à audição.

Dot correu para fora da sala, a bandeira tremulando ao lado dela. Nós duas a observamos sair.

– Eu me culpei por muito tempo. Muito tempo mesmo. Seu avô também. Foi o que ele me disse no calor do momento. Me acusou de ser uma mãe ruim. Acima de tudo, por não querer, depois por abandoná-la quando estava doente. Não consegui perdoá-lo, embora não fosse realmente ele quem eu odiasse, claro. – Ela olhou bem para mim, e, Stu, fiquei vermelha com a intensidade do olhar dela. – Uma culpa dessas... isso destrói uma pessoa. A gente precisa encontrar um jeito de deixá-la ir embora. – Ela arregalou os olhos, lançando um olhar expressivo para fora da janela dos fundos na direção do barracão, e eu pensei de repente na touca de lã e no cachecol e na cadeira dobrável e no cobertor. – Seja lá o que for, precisa deixar ir embora. É difícil, Zoe. Mas você precisa se perdoar.

Minha mãe continuou a tomar seu chá enquanto eu me levantava, mas, quando cheguei ao hall, não me virei para a porta da frente. Andei pela cozinha. Devagar, tirei a última carta do bolso, o fim da minha história, e joguei na lata de lixo.

Esta aqui é um pouco diferente, Stu. Por um motivo, eu não estou escrevendo no barracão. Estou na minha mesa, no meu quarto, e estamos bem no meio do dia, não no meio da noite. Sei que você nunca a lerá – sei

que agora não poderá –, mas queria dividir algo com você de qualquer forma. Quem sabe, se existem essas coisas de espíritos, você esteja pairando todo transparente por aí, olhando sobre os meus ombros, ansioso para descobrir o que aconteceu na cerimônia de 1º de maio.

Finalmente consegui um texto para ler, encontrei algo perfeito no último segundo. Andei pelo meu quarto o dia todo, para lá e para cá, praticando as palavras, imaginando se Aaron estaria na cerimônia ou se ainda estava na América do Sul, sentado na praia, pensando na mãe e no irmão e nas árvores e na chuva e na mão que desaparece. Sandra me disse que ele tentaria vir, mas não tinha esperança, nem eu.

– Ele está muito longe para vir – disse ela uns dias antes. – É muito caro.

Claro que Aaron não era a única coisa que eu tinha na cabeça aquele dia. Você também estava lá, Stu, sentado na sua cela. Esperando. Esperando acabar. Pronto. Resignado. Corajoso. Sabia que a execução aconteceria às 18 horas no Texas, meia-noite na Inglaterra. York, no caso de você estar se perguntando. Fulstone Avenue, não Avenida da Ficção. Acho que não tenho mais motivos para manter segredos.

A cerimônia começaria às seis horas. Matei tempo inventando leis americanas com a Dot, e, Stu, você ficará contente em saber que abolimos a pena capital e melhoramos as prisões, dando a elas decoração de Natal e guardas que compartilham pizza e janelas bem grandes pelas quais você possa ver o sol inteiro por elas.

– Você está bem, querida? – perguntou meu pai quando finalmente desci a escada com meu vestido preto.

– Claro que não está – disse minha mãe. – Mas vai ficar. – Os olhos dela reluziam e me deram força enquanto Dot saía com tudo do armário de casacos. Eu mal podia ver o rosto dela embaixo do chapéu preto.

– Você não precisa usar todas as peças de roupa preta que você tem – meu pai sinalizou, abrindo a porta.

– Mas eu não pude ir ao funeral no ano passado – respondeu Dot, alisando o vestido preto com um par de luvas pretas. – Estou compensando.

– Ao menos tire o cachecol – minha mãe gesticulou.

– E o tapa-olho de pirata – acrescentou Soph, esticando a mão para tirá-lo do rosto de Dot.

Quando chegamos à escola, a área de recepção estava cheia. Os ganchos de agasalhos estavam entortando com o peso de tantos casacos pretos. Os rostos pareciam pálidos sobre tantas camisetas pretas. O quadro de avisos estava lotado de fotos de Max, e, no centro, pude ver a foto de nós três na Feira da Primavera. Se você olhasse bem de perto, era possível dizer. Eu podia estar no meio dos irmãos, mas meu corpo estava levemente virado na direção de Aaron, e as dobras dos dedos dele estavam esbranquiçadas de agarrar meu quadril.

Lauren entrou em cena com tudo, lábios *pink* brilhantes, um risco repentino de cor em toda aquela escuridão.

– Como você está? – perguntou ela.

– Nada bem.

– Nem eu – murmurou ela. – Quinze paus por isso aqui. O funeral foi de graça.

Uma senhora em um longo cardigã preto passou por nós como um corvo, a mão dela agarrada a um lenço, embora seus olhos estivessem secos.

– Você é a namorada de Max, não é? – perguntou ela com voz trêmula.

Comecei a concordar com a cabeça, mas Lauren se intrometeu.

– Não. Max está morto. O nome dela é Alice. Alice Jones – disse ela, pois esse é meu nome verdadeiro.

A senhora olhou-a chocada, então saiu às pressas para sentar-se em um dos lugares às mesas. Havia muitos deles espalhados pelo saguão da escola, e uma mesa maior em um palco na frente, perto do suporte de microfone. Meu coração palpitou quando vi aquilo, e apalpei o texto no meu bolso com dedos suados.

Estava quase na hora. Com a boca seca, caminhei até o saguão. Foi quando eu o vi.

Você sabe quem, Stu.

Estava lá, em pé no meio da sala, como se nunca tivesse se ausentado, e eu bebi e bebi e bebi daquela visão, como se meus olhos estivessem morrendo de sede há meses. O cabelo estava maior, e a pele, bronzeada, mas o sorriso era o mesmo. Apesar de tudo, seus lábios se moveram quando ergui a mão e acenei.

– Ele veio, no fim das contas – disse Sandra no meu ouvido, me fazendo pular. – Apareceu esta manhã de surpresa.

Caminhando nas nuvens – talvez até flutuando –, entrei no saguão, direto para a primeira fileira, afundando numa cadeira na ponta da mesa principal. Aaron subiu no palco também e sentou-se na ponta oposta, arrumando faca e garfo para que ficassem perfeitamente retos.

O microfone chiou com o retorno. Sandra afastou-se dele, suas anotações tremendo na mão. Esperou um momento. Aproximou-se novamente. Disse como era maravilhoso estarmos todos juntos para celebrar a vida de Max. Aaron encarava a sua colher. Ela disse que tinha sido um ano difícil para todos nós. Eu encarei a minha colher. Disse que Max tinha partido, mas não fora esquecido, e que foi um filho tão maravilhoso, um irmão fantástico, um namorado adorável – e foi quando olhei para Aaron, e ele olhou para mim, e, Stu, a tristeza que senti na parte mais íntima de mim estava escrita inteirinha no rosto dele.

– E agora, gostaria de pedir para a namorada de Max falar – disse Sandra. Os membros da plateia trocaram olhares solidários. Cada par de olhos naquele espaço estava fixado em mim, exceto o par com o qual eu realmente me importava.

Aaron estava encarando seu guardanapo.

Não me movi do meu assento.

Fiona me cutucou nas costelas.

Mesmo assim, não me mexi.

– É a sua vez – Sandra articulou com a boca.

Minha cadeira arrastou-se para trás. Meus saltos ecoaram no piso. Devagar, bem devagar, puxei o poema do bolso. Seu poema, na verdade, Stu. Aquele que você escreveu na sua última semana de vida.

Libertação.

Meu estômago deu um nó, e, em algum lugar no Texas, eu sabia que o seu também dera. Cheguei ao microfone e revelei as palavras. Suas palavras. O nó no meu estômago se apertou, e, Stu, a conexão entre nós parecia tensa e dolorosa, mas era alguma coisa para se agarrar, grossa como uma corda.

Pronta.

Resignada.

Corajosa.

Quando comecei a ler, minha voz estava surpreendentemente calma. As palavras eram claras. Aprumei o corpo para ficar um pouco mais alta, falei até mais alto, recitando o poema não para Max ou para Sandra ou para outra pessoa naquele lugar. Nem mesmo para Aaron. Recitei-o para você e

recitei-o para mim – por nossas histórias e nossos erros e seu fim e, talvez, o meu começo.

O memorial foi um sucesso, apesar do bolo gelado de frutas secas. Quando tentei sair da escola, todos se amontoaram ao meu redor, dizendo como tinha sido maravilhosa a leitura.

– Senti Max – disse alguém, pressionando o peito – aqui dentro.

– Você viu as luzes piscando quando ela terminou o poema? Foi ele também.

– Ouvi o aquecedor gemer no primeiro verso. Acho que foi ele também.

Minha mãe me entregou o casaco e me levou para fora, longe da multidão, onde eu poderia respirar com mais facilidade. Antes que eu pudesse chegar no carro, onde meu pai e minhas irmãs esperavam, senti outra mão tocar a minha. Não precisei me virar para saber de quem era.

– Quer sair um pouco daqui, Garota Passarinho?

Disse para minha mãe que ia para a casa de Lauren. Não sei se ela acreditou em mim, mas não fez nenhuma objeção, apenas me deu um rápido abraço e gritou com Dot por ela agitar a bandeira americana com tanta força que quase cegou um velhinho.

DORIS pareceu ronronar quando Aaron ligou o motor, como se estivesse feliz por estarmos de volta. Não conversamos, apenas seguimos para fora da cidade, para o interior, em nosso caminho para absolutamente lugar nenhum, e quando encontramos aquele lugar perfeito sob uma árvore, paramos e olhamos um para o outro. Sabíamos, sem dizer palavra, que nada podia acontecer, mas Aaron estendeu seu casaco na grama, e sentamos um ao lado do outro para ver o sol se pôr. As andorinhas riscavam o céu vermelho, de volta da sua aventura, e nós nos abraçamos embaixo das nuvens de ketchup, desejando que o tempo parasse e o mundo nos esquecesse por um momento.

Não havia muito mais a dizer. Aaron me deixou perto do restaurante chinês, e nossas lágrimas brilharam verdes enquanto o dragão esmeralda rugia em protesto silencioso.

– Adeus, Garota Passarinho – sussurrou ele, mudando a ênfase para marcar a segunda palavra.

– Adeus – concordei, porque a vida continuaria sem ele.

Não fui direto para casa. Fui até o rio pela primeira vez desde a morte de Max. A lua cintilava na água enquanto eu deslizava os dedos sobre as iniciais riscadas na madeira.

MM + AJ
DIA DOS NAMORADOS

Peguei uma pedra e me ajoelhei ao lado do banco enquanto em algum lugar do outro lado do mundo você se deitava pela última vez. Um relógio bateu meia-noite quando comecei a riscar minhas iniciais da madeira. Não fiz com força nem com fúria nem entre lágrimas. Foi calmo e silencioso. Quase suave. Mas, Stu, foi bom vê-las desaparecerem.

Um grande abraço,

ALICE JONES



11 de fevereiro

Garota Passarinho.

Culpe o papagaio por esta carta. Ao menos, eu acho que é um papagaio. Como não sou um especialista em pássaros, é difícil dizer. Se você estivesse aqui, daria risada daquele seu jeito e diria “Papagaio?!? Aaron, isso é um...”

Uau.

Meu conhecimento ornitológico é tão pobre que não consigo nem pensar em outro pássaro com asas multicoloridas que poderia ser mantido numa gaiola para diversão dos clientes. Não este cliente, claro. Ah, não. Este cliente não aguenta mais olhar para um pássaro atrás de grades sem pensar em uma certa garota com um certo amor pelo som da liberdade.

Estou numa cidade chamada Rurrenabaque, na Bolívia, tomando uma bebida. Talvez você imagine que eu esteja bebendo cerveja de um caneco nodoso em um bar improvisado numa longa extensão de praia dourada, cercado por pessoas locais. Bem, vou jogar a real para você: estou sentado numa cadeira de plástico comum atrás de uma mesa de plástico comum ao lado de uma estrada lotada e comum, e dois ingleses bêbados estão competindo para ver quem consegue arrotar o alfabeto inteiro. É um belo esporte para se assistir. O sr. Barbinha chegou apenas até a letra F antes que o sr. Careca chegasse às alturas estonteantes do N. N! Em um arroto!!! Não me surpreende que estejam comemorando.

Vendo os dois, juro por Deus que poderia voltar a York. Foi a mesma coisa no Equador, não importava para onde eu fosse. Mesmo durante uma trilha na parte mais remota dos Andes, as coisas pareciam familiares. Por

exemplo, veja essa família que concordou em me acolher lá por alguns dias. Caminhando na cabana deles, no meio das montanhas, de cara pensei que era diferente. As pessoas vestiam um estilo de roupas que eu nunca tinha visto antes e falavam aquela língua estranha, nem era espanhol. Não havia internet, nem eletricidade, então não tinha chance de saber o que estava acontecendo no mundo, e isso foi ótimo para mim.

Minha cama era um amontoado de tapetes no canto de um quarto frio, e, quando deixei minha mochila no chão e olhei pela janela, vi uma mulher matar uma galinha com as mãos. Eu podia dizer que ela fez isso milhares de vezes, segurava a galinha de cabeça para baixo e destroncava o pescoço, enquanto ria para um bebê que estava brincando com uma pedra ao seu lado. Agora, é possível que galinhas não sejam pássaros da forma que aranhas não são insetos, mas de qualquer forma eu aposto que você ficou bem chocada. Eu fiquei também, não me leve a mal, mas eu fiquei feliz em me sentir horrorizado. Aquilo foi algo muito além da minha experiência, fiquei boquiaberto de verdade. Me senti em casa a milhões de quilômetros de distância. Minha mãe. Max. Você. Tudo meio que desapareceu, e era o que eu precisava, pois lembrar também dói muito.

Mas, então, aquele bebê, com as bochechas mais vermelhas que eu já tinha visto, ficou em pé, segurando na saia da mãe. Ele cambaleava, suas pernas rechonchudas não eram firmes. Dando um passo para trás dele, a mãe ajudou o bebê a andar, e estava sorrindo e o bebê estava sorrindo e, então, o pai apareceu e ficou sorrindo, falando animado com a mulher. Claro que não consegui entender as palavras, mas sabia muito bem o que estavam conversando.

Ele está andando! Consegue acreditar? Opa, cuidado! Que menino esperto!

O bebê trançava as pernas ao lado dos braços da mãe, e ela o segurou com força quando o homem beijou o topo da cabeça dos dois antes de entrar, e meu estômago doeu pela decepção de familiaridade daquilo tudo. Humanos. Somos todos iguais. Não há escapatória. Não importa se você é um careca inglês arrotando o alfabeto ou uma mulher matando galinhas no meio dos Andes. Não importa que língua você fale ou as roupas que vista. Algumas coisas não mudam. Famílias. Amigos. Amores. São os mesmos em toda cidade de todo país em todo continente do mundo.

Quero que você tome o seu lugar entre eles, Garota Passarinho. Você – a pessoa mais exuberante, mais vibrante, mais linda que conheço, a garota que escreve sobre Peludos e tira felicidade de croissants – merece viver. No dia em que parti para a América do Sul, fui até a biblioteca ver você. Sabia lá o que eu diria, mas, quando cheguei e vi você arrumando as estantes, decidi não falar nada. Você estava de costas para mim, mas eu podia dizer que estava triste. Seus movimentos diziam tudo, a maneira como erguia os livros, como se fossem pesados, e parava regularmente, uma das mãos na cintura, seus ombros subindo e descendo ao suspirar. Suspirei desse jeito também milhares de vezes desde aquela noite no rio. Sabia como era. O peso triste do coração. A culpa torturante. O desejo desesperado de se esconder dos olhos curiosos e ficar sozinho. Quando uma senhora foi até você para perguntar sobre um livro, você não sorriu e quase não falou, apenas apontou para as escadas em espiral com um dedo que caía. Quase corri e o agarrei para fazê-lo ficar firme e para olhar nos seus olhos, pedindo para esquecer o que aconteceu e viver.

Não fiz isso, claro. Falar com você teria deixado as coisas piores, feito você se lembrar de coisas que estava desesperada para esquecer e, além disso, eu sabia que, se chegasse perto demais, eu desmoronaria, querendo abraçá-la para arrancar sua dor e dizer a você que te amo, porque eu te amo,

Alice, profundamente. Em vez disso, dei adeus baixinho e me virei para sair, e aqueles cinco passos até a porta giratória foram quase impossíveis de percorrer. Quando cheguei ao lugar onde nos beijamos na chuva, fiquei lá por um tempo maior, lembrando como seus lábios queimaram contra os meus e como aquilo foi errado, mas como parecia certo, e então fui embora.

Não preciso dizer que eu nunca enviarei isto aqui para você. Não seria justo, e eu ficaria com medo de alguém ler e descobrir a verdade sobre o que aconteceu entre nós três. Quando terminar, vou rasgar e jogar fora, exatamente como fiz com todo o resto. E quando eu voltar para a Inglaterra e vê-la de novo, onde quer que seja, não direi nada que impossibilite você de seguir em frente. Não vou te falar o quanto te amo ou como fico apavorado por ficar sem você, ou como preciso me esconder de todo mundo porque ninguém jamais vai chegar aos seus pés... Eu simplesmente deixarei você ir. O verdadeiro amor implica sacrifício, no fim das contas, e se eu quero que você se livre da memória de Max, então você precisa se livrar de mim.

O sr. Barbinha e o sr. Careca foram embora. A luz está enfraquecendo, e o tráfego ficou mais calmo, e estamos apenas eu e o papagaio preso na gaiola. Não é como você vai viver, Garota Passarinho. Não por minha culpa. Abra bem essas suas asas fortes. E voe.

Beijos



Agradecimentos

Este livro levou um bom tempo para ficar pronto. Sou muito grata à minha editora, Fiona Kennedy, por me dar o tempo que precisei apesar dos prazos apertados. Obrigada por sua paciência, compreensão, orientação e experiência editorial.

Obrigada também a Nina Douglas. Você continua a operar a mágica que aumenta o burburinho em torno de um livro! Toda a equipe da Orion é fantástica, e, se tivesse espaço, eu escreveria aqui o nome de cada um de vocês. Eu me sinto sortuda de verdade por trabalhar com esse pessoal apaixonado, esforçado e capacitado. Agradeço também a todos da Felicity Brian. Fico tão feliz em chamá-la de minha agência literária e sempre me orgulho em dizer que sou uma das autoras de Catherine Clarke.

Um agradecimento especial vai para a minha parceira de escrita, Liz Kessler, por todo o incentivo. Você largou tudo para ler o manuscrito quando precisei de uma segunda opinião e me deu conselhos excelentes. Te devo uma! Também quero agradecer à minha mãe, Shelagh Leech. Você sempre arranja tempo para ler minhas coisas e não tem medo de me dizer o que realmente pensa. Obrigada a você e ao papai por sempre, sempre estarem ao meu lado.

Estou em dívida com toda a minha família e amigos, por seu amor, apoio e a felicidade que trazem. Em especial, quero reservar o agradecimento maior e mais profundo para Steve, meu marido maravilhoso. Você fez toda a parte prática que pode ser citada aqui – ouviu, revisou, aconselhou – e centenas de outras coisas especiais demais para serem escritas. Não teria conseguido sem você.

Annabel Pitcher

West Yorkshire, julho de 2012

Título Original

KETCHUP CLOUDS

Primeira edição na Grã-Bretanha em 2012 pela Indigo, uma divisão da
Orion Publishing Group Ltd

Orion House

5 Upper St Martin's Lane

London WC2 9EA

Hachette UK Company

Copyright do texto © Annabel Pitcher, 2012

O direito de Annabel Pitcher ser identificada como autora desta obra foi assegurado.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais

BRUNO CORREIA

Coordenação Digital

LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub

BRUNO LORENZATTO

Edição Digital: março, 2015

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P758n

Pitcher, Annabel

Nuvens de ketchup [recurso eletrônico] / Annabel Pitcher ; tradução Petê Rissatti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2015.

recurso digital

Tradução de: Ketchup clouds

ISBN 978-85-8122-531-9 (recurso eletrônico)

1. Romance infantojuvenil inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Rissatti, Petê. II. Título.

15-20047

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

Nuvens de ketchup é o segundo romance de Annabel Pitcher, que, por este livro, recebeu o prêmio Edgar Allan Poe de melhor romance juvenil e o prêmio Waterstones nas categorias geral e juvenil. *Minha irmã mora numa prateleira*, seu primeiro livro, também foi publicado pela Rocco Jovens Leitores.

Annabel se formou em Literatura Inglesa pela Universidade de Oxford e sempre sonhou em ser autora de livros infantis. Ela trabalhou em diversos empregos antes de decidir viajar pelo mundo e se dedicar à carreira de escritora. Annabel vive em Yorkshire com o marido.